

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**LEONARDO CAMARGO LODI**

**SALOMÉ UREÑA E EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: contribuição para uma  
pedagogia (des)colonial**

**São Leopoldo**

**2019**

LEONARDO CAMARGO LODI

**SALOMÉ UREÑA E EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: contribuição para uma  
pedagogia (des)colonial**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Danilo R. Streck

Co-orientadora: Profa. Dra. Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2019

L823s Lodi, Leonardo Camargo.

Salomé Ureña e educação latino-americana : contribuição para uma pedagogia (des)colonial / Leonardo Camargo Lodi. – 2019.

117 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestre) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

“Orientador: Prof. Dr. Danilo R. Streck Co-orientadora: Profa. Dra. Eliana Inge Pritsch.”

1. Educação latino-americana. 2. (Des)colonialidade. 3. Ureña de Henríquez, Salomé, 1850-1897. 4. República Dominicana. I. Título.

CDU 37

LEONARDO CAMARGO LODI

**SALOMÉ UREÑA E EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: contribuição para  
uma pedagogia (des)colonial**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em 26 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Cheron Zanini Moretti – Universidade de Santa Cruz (UNISC)

---

Telmo Adams – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

ORIENTADOR E CO-ORIENTADORA

---

Danilo Romeu Streck – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

---

Eliana Inge Pritsch – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Dedico este trabalho à minha mãe pelo apoio e pela confiança que teve em mim desde sempre. Obrigado por me fazer acreditar nos meus sonhos. E à minha tia Angela (*in memoriam*) pelas palavras de carinho que levo comigo até hoje, obrigado por me fazer acreditar que ser eu era a melhor escolha. Vamos nos encontrar em outro mundo e irei contar o quanto tu foste e és importante pra mim.

## AGRADECIMENTOS

Iniciar os agradecimentos é uma tarefa prazerosa e, ao mesmo tempo, difícil, pois são tantas pessoas para agradecer, tantos amigos, tantos colegas, que acaba ficando complicado colocar em palavras tudo que sentimos em texto. Ao mesmo tempo, é um ótimo momento para perceber/lembrar das pessoas que acreditam e que torcem por nós.

Começo agradecendo ao universo que me trouxe tantos desafios e tantas surpresas e alegrias.

Após o universo, que me fez escolher e me colocar em diversas situações, inclusive de escolher a Rosane como a minha mãe, é a ela que eu quero e sempre irei agradecer por estar na minha vida. Obrigado por estar sempre presente nos momentos que mais temi e mais duvidei de mim. Obrigado por sempre me incentivar e estar ao meu lado. Te amo.

Quero agradecer ao meu pai, meus irmãos e minha irmã que, de uma forma ou outra, sempre estiveram ao meu lado e por querer saber os motivos de minhas tristezas e alegrias, por coisas que eles nem mesmo entendiam, mas me escutavam. Obrigado, vocês são muito importantes para mim.

À minha sobrinha Maria Eduarda, por ser uma alegria para mim e para a nossa família, te amo garota!

Às minhas cunhadas que sempre torceram por mim mesmo de longe.

À Diandra que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida universitária e que é uma irmã do coração.

À Agnes que foi o presente mais precioso que o mestrado me deu.

Às minhas amigas Mara e Ariele por me fazerem acreditar que o mundo ainda tem pessoas generosas, companheiras e amigas.

À Gabe que desde a graduação esteve comigo em momentos muito felizes.

À Carolina que, mesmo sumindo, sempre esteve ao meu lado, torcendo e rindo, desde o nosso trabalho na Iniciação Científica.

Ao Cauê que me socorria nos momentos de desespero e conquistas.

À Julieta, que com seu encanto e calma sempre ajudou a mim e a todos/as que estão por perto dela.

À Taiana que foi uma grande amiga do mestrado que esteve presente em momentos especiais.

Ao Eduardo que me motivou e acreditou em mim desde o nosso primeiro contato em 2014 lá na PUC/RS e que se intensificou com a vinda dele para a Unisinos.

Ao Jonatham, por sempre estar nos momentos difíceis e alegres da minha vida, mostrando que eu era capaz de seguir em frente. Te amo.

Agradeço à Dona Olga pelo apoio e torcida que sempre teve o prazer de demonstrar. Muito obrigado pelos conselhos e por tudo que a senhora já fez por mim.

À Professora Luciane com quem tive o prazer de trabalhar como voluntário na Iniciação Científica e aprender sobre a História da Educação.

Aos colegas da Iniciação Científica que estiveram presentes na minha trajetória acadêmica na graduação. Obrigado pelos eventos, pelas escritas, pelas risadas e pelos desabafos.

À Professora Cheron Moretti que aceitou de prontidão o convite para ler o meu trabalho. Muito obrigado pelo carinho e pelas muitas ajudas.

Ao professor Telmo Adams que me acompanhou durante o tempo no grupo desde a graduação e por aceitar em fazer a leitura da dissertação. Muito obrigado, professor.

À Eliana que sempre foi uma inspiração para mim e sempre esteve ao meu lado quando precisei de socorro. Não tenho palavras para dizer o quanto sou grato por ter te conhecido. Obrigado pelo apoio e pelas conversas.

Ao professor Danilo Streck por acreditar em mim quando fiz a entrevista para participar do grupo do OP, por aceitar em ser avaliador da minha banca de TCC e por me orientar no Curso de Mestrado. A iniciação mudou a minha vida pessoal e profissional, agradeço sempre pela oportunidade de estar presente no PPGEduc.

À CAPES por ter financiado a minha pesquisa. Esse apoio é tão necessário e importante no momento atual do Brasil. Esse incentivo muda tanto as vidas das pessoas quanto o crescimento da pesquisa no Brasil. Obrigado.

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (FREIRE, 1987, p. 14).



## RESUMO

O presente estudo faz um reencontro com a pedagogia latino-americana, ao anunciar e visibilizar a experiência da poetisa e professora Salomé Ureña de Henríquez (1850-1897). A Maestra nasceu na cidade de São Domingo, capital da República Dominicana. Além de poetisa e professora, ela esteve presente nas sociedades Amigos del País - onde ela recebeu, em 1878, a medalha que a nomeava como poeta nacional do país. A poetisa cresceu e vivenciou um tempo de conflitos e guerras internas, momento em que seu país buscava a independência de estadunidenses e espanhóis. Assim, Salomé Ureña, em seus escritos, anuncia e denuncia os conflitos internos de sua pátria e seu anseio de um mundo melhor em seu país. Dessa forma, a partir da obra poética *Poesías Completas*, o estudo analisou e identificou as contribuições de Salomé Ureña de Henríquez para a educação latino-americana. Como objetivos específicos, o estudo buscou problematizar e analisar as possibilidades de (des)colonialidade de ser, de saber e de poder na vida e na obra poética da autora, sobretudo no poema épico *Anacaona*, para identificar a contribuição da poetisa para a educação latino-americana. A pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1977; MINAYO, 1994) e a análise literária (STAIGER, 1969; SALVATORE D'ONÓFRIO, 1990) na discussão da dissertação. Como resultados foi possível identificar que a obra poética da dominicana estão centradas na luta pela justiça social, principalmente, na busca pelo direito à educação de mulheres dominicanas; na tentativa do distanciamento de condições domésticas e de devoção impostas às meninas e mulheres daquele tempo; na busca pela libertação de um povo oprimido que sofreu com a invasão em suas terras dos norte-americanos e dos espanhóis; a importância do poder da palavra em seus escritos para a libertação do povo dominicano; e na visibilidade de mulheres escritoras do épico, que são identificadas genuinamente como gênero masculino, Salomé Ureña faz uma quebra desse paradigma, escrevendo o épico *Anacaona*.

**Palavras-chave:** Educação latino-americana. (Des)colonialidade. Salomé Ureña. República Dominicana.

## ABSTRACT

The present study makes a re-encounter with the Latin American pedagogy, when announcing, to visualize the experience of Salomé Ureña de Henríquez (1850-1897). The Dominican was born in the city of San Domingo, capital of the Dominican Republic. In addition to being a poet and teacher, she was present at the Amigos del País - where she received, in 1878, the medal that named her as the country's national poet. The poet grew up and experienced a time of conflicts and internal wars, at which time her country sought the independence of Americans and Spanish. Thus, Salomé Ureña, in her writings, announces and denounces the internal conflicts of his homeland and his longing for a better world in her country. In this way, from the poetic work *Poesías Completas*, the study analyzed and identified the contributions of Salomé Ureña de Henríquez to Latin American education. Then, as specific objectives the study sought to problematize and analyze the possibilities of (des)coloniality of being, knowledge and power in the life and poetic work of the author, especially in the epic poem *Anacaona*. For the study, the content analysis (BARDIN, 1977; MINAYO, 1994) and the literary analysis (STAIGER, 1969; SALVATORE D'ONÓFRIO, 1990). As results it was possible to identify that the poetic work of the Dominican is centered in the fight for social justice, mainly, in the search for the right to the education of Dominican women; in an attempt to distance domestic conditions and devotion from the girls and women of that time; in the search for the liberation of an oppressed people who suffered with the invasion in their lands of the North Americans and the Spanish; the importance of the power of the word in her writings to the liberation of Dominican Republic people; and in the visibility of women writers of the epic, who are genuinely identified as gender destined for men, Salomé Ureña breaks this paradigm by writing the epic *Anacaona*.

**Key-words:** Latin american Education. (De)coloniality. Salome Ureña. Dominican Republic.

## RESUMEN

El presente estudio hace un reencuentro con la pedagogía latinoamericana, al anunciar, visibilizar la experiencia de la poetisa y profesora Salomé Ureña de Henríquez (1850-1897). La maestra nació en la ciudad de Santo Domingo, capital de la República Dominicana. Además de poetisa y profesora, ella estuvo presente en las sociedades Amigos del País - donde ella recibió, en 1878, la medalla que la nombra como poeta nacional del país. La poetisa creció y vivenció un tiempo de conflictos y guerras internas, momento en que su país buscaba la independencia de estadounidenses y españoles. Así, Salomé Ureña, en sus escritos, anuncia y denuncia los conflictos internos de su patria y de su anhelo de un mundo mejor en su país. De esta forma, a partir de la obra poética *Poesías Completas*, el estudio analizó e identificó las contribuciones de Salomé Ureña de Henríquez para la educación latinoamericana. De esta forma, como objetivos específicos el estudio buscó problematizar y analizar las posibilidades de (des) colonialidad de ser, de saber y de poder en la vida y en la obra poética de la autora, sobre todo en el poema épico *Anacaona*. Para el estudio se utilizó el análisis de contenido (BARDIN, 1977; MINAYO, 1994) y el análisis literario (STAIGER, 1969; SALVATORE D'ONÓFRIO, 1990). Como resultados fue posible identificar que la obra poética de la dominicana está centrada en la lucha por la justicia social, principalmente, en la búsqueda del derecho a la educación de mujeres dominicanas; en el intento del distanciamiento de condiciones domésticas y de devoción impuestas a las niñas y mujeres de aquel tiempo; en la búsqueda de la liberación de un pueblo oprimido que sufrió con la invasión en sus tierras de los norteamericanos y de los españoles, que ocurre a través del poder de la palabra en sus escritos; y en la visibilidad de mujeres escritoras del épico, que son identificadas genuinamente como género destinado a los hombres, Salomé Ureña hace una quiebra de este paradigma, escribiendo el épico *Anacaona*.

**Palabras-clave:** Educación Latinoamericana. (Des)colonialidad. Salomé Ureña. República Dominicana.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reunião sobre as autoras e os autores para a composição da segunda edição da obra de Fontes.....	17
Figura 2: Escuela Salomé Ureña.....	51
Figura 3 e 4: Localização e foto do <i>Instituto de Señoritas</i> .....	53
Figura 5: Imagem divulgada de Salomé Ureña (eurocêntrica). ....	84
Figura 6: Salomé Ureña (original). ....	85
Figura 7: Localização do campus do ISFODOSU. ....	89
Figura 8: Primeiras maestras formadas. ....	90
Figura 9: Significado da palavra Quisqueya. ....	97
Figura 10: Significado da palavra Anacaona .....	99
Figura 11: Bom viver e suas diferenças linguísticas.....	102
Figura 12: Mapa da ilha.....	103
Figura 13: Anacaona chefe. ....	109

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: modelo para a análise dos poemas de Salomé Ureña.....	26
Quadro 2: Algumas poesias organizadas.....	27
Quadro 3: Cronologia de governos de 1873 a 1880.....	41
Quadro 4: Mulheres escritoras do século XIX.....	60
Quadro 5: Organização dos trabalhos que foram utilizados.....	81
Quadro 6: Busca na base de dados da Unisinos (Família Ureña).....	86
Quadro 7: Versos e instâncias: a não simetria de <i>Anacaona</i> .....	93
Quadro 8: Informações dos estados.....	104

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Busca nas bases de dados. ....	78
Tabela 2: Busca na base de dados da Unisinos .....	79

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 O CAMINHO DA PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 Gênero narrativo: entendendo a análise narrativa .....</b>	<b>28</b>
<b>3 (DES)COLONIALIDADE: A AMÉRICA LATINA COMO POSSIBILIDADE .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 Contexto da República Dominicana .....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Independência, conflitos e constituição da República Dominicana .....</b>	<b>39</b>
<b>4 SALOMÉ UREÑA: MULHER, MESTIÇA E PROFESSORA DOMINICANA .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 O primeiro instituto para mulheres na República Dominicana .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2 Literatura e educação: mulheres do século XIX.....</b>	<b>55</b>
<b>4.3 Experiências de mulheres escritoras do século XIX.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3.1 A contribuição das autoras para a educação e a sua (“não”) relação com Salomé Ureña .....</b>	<b>74</b>
<b>5 (DES) INVISIBILIZANDO SALOMÉ UREÑA: “¡ES MUY HOMBRE ESA MUJER!” .....</b>	<b>77</b>
<b>5.1 As produções e as suas contribuições para a dissertação.....</b>	<b>87</b>
<b>6 O ÉPICO ANACAONA: (DES) COLONIZANDO O SER, O SABER E O PODER.....</b>	<b>92</b>
<b>6.1 Os conflitos e Anacaona como chefe.....</b>	<b>102</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem início no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos (PPGEdu), a partir da participação da Iniciação Científica em 2013. Nesse período, com a coordenação do Professor Danilo R. Streck, dois projetos de pesquisa estavam sendo realizados: Participação Popular e Desenvolvimento: um estudo a partir dos projetos político-pedagógicos no Orçamento Participativo (OP/RS) e Fontes da Pedagogia Latino-americana. Este último é vinculado ao primeiro, o qual era o projeto maior. O projeto de Fontes possui uma antologia de autores e autoras do século XX e XXI intitulada: *Fontes do Pensamento Pedagógico Latino-americano: uma antologia*, 2010, a qual

[...] pretende contribuir para a reconstrução de uma teoria pedagógica que, ao olhar para trás e reencontrar-se com sua memória, possa ao mesmo tempo se abrir para novos horizontes no presente. (STRECK, 2010, p.9).

Essa edição tem a presença de apenas duas mulheres entre 23 homens, sendo uma das motivações da presente pesquisa, que é a visibilidade de mulheres como fontes da educação latino-americana. Assim, trazer Salomé Ureña de Henríquez y Carvajal como uma referência para a educação latino-americana é contribuir para a visibilidade e a voz para as contribuições de mulheres latinas. Além disso, está em fase de finalização o segundo volume do livro que contempla intelectuais dos séculos XVI ao XIX. Abaixo segue uma memória da organização do grupo desse trabalho:



Figura 1: Reunião sobre as autoras e os autores para a composição da segunda edição da obra de *Fontes*<sup>1</sup>



Fonte: Arquivo do Grupo do Orçamento Participativo.

Nesse momento, estava acontecendo uma reunião do Grupo do Orçamento Participativo – nome dado pelos bolsistas de iniciação científica, o qual reforçou o sentido de coletividade e de diálogo<sup>2</sup>. O grupo de bolsistas sempre esteve integrado em ambos projetos, mas cada um com tarefas específicas. A cada fim de semestre eram organizados recortes de uma das frentes de pesquisa para apresentar nas mostras de iniciação da Unisinos e de outras universidades. Assim, a partir do projeto de *Fontes*, realizei o meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a poetisa e professora Salomé Ureña e, agora, a dissertação no Programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos.

Dessa forma, a proposta de dissertação busca um (re)encontro com a memória para pensar em referências de intelectuais para a educação latino-

<sup>1</sup> Neste encontro estavam presentes as orientandas e os orientandos de doutorado, mestrado e iniciação científica dos professores Danilo Streck e Telmo Adams. Além de professores e professoras interessados na temática.

<sup>2</sup> O grupo, nesse momento, era composto por Daiane Azevedo (bolsista técnica), Paloma Daudt (bolsista CNPq), Jonas Hendler da Paz (bolsista FAPERS), Letícia da Silva (bolsista FAPERGS) e Leonardo Camargo Lodi (bolsista CNPq). Lembro-me da frase que a colega Daiane sempre falava: “Olha, Léo, a gente sempre acha uma solução e um jeito para tudo aqui... se não for desse jeito, é daquele”, sempre com um espírito otimista com relação às tarefas da pesquisa. Além disso, as colegas Letícia e Paloma sempre diziam: “bolsista do Danilo não pega Grau C, então cuidado!”; e o colega Jonas, muitas vezes, me tranquilizava: “Calma, cara. No começo é assim. Com o tempo tu pega jeito”.

americana, principalmente de mulheres, como a poetisa e professora Salomé Ureña para pensar esta educação nesse continente. Tendo como ponto de partida o projeto de *Fontes*, é possível identificar a carência de estudos sobre intelectuais da América Latina, principalmente com base nas buscas realizadas em diversas plataformas, nas quais, muitas das vezes, foram nulas por existir pouca disseminação da temática e da produção dos autores e das autoras.

Nesse sentido, o estudo tem como objetivo geral analisar a obra poética *Poesias Completas* para identificar como Salomé Ureña pôde contribuir para a educação latino-americana. Entende-se que tal análise é chave para a visibilidade das experiências de mulheres como fontes do pensamento pedagógico latino-americano, considerando que, majoritariamente, os homens são utilizados como referências. Além de ser necessário um estudo sobre o legado pedagógico dessas mulheres para que elas, também, sejam fontes e referências na área da educação.

Além disso, o estudo tem como objetivos específicos: problematizar e analisar as possibilidades de (des)colonialidade de: a) *Ser*, tendo em vista que a aproximação da mulher na história é recente (COLLING, 2004) e as representações dos homens foram predominantes nesse campo, a “[...] história das mulheres desenvolveu-se à sua margem [homem] [...] os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornando-as invisíveis” (COLLING, 2004, p. 13); b) *Poder*, pois a desvinculação do colonialismo no sentido de um sistema de dominação direta, política e cultural estabelecida, pelos povos do norte para os conquistados, deve ser superada. Assim, a superação da referência do norte “[...] empregada na ideia de América Latina e sua história colonial de mais de quatro séculos” (STRECK, 2010, p. 21) e da visão de inferiorização “[...] implica reconhecer que esta relação dominadora colocou outros conhecimentos e saberes em condição de subalternidade, portanto de colonialidade”. (STRECK; ADAMS; MORETTI, 2010). Dessa forma, tal superação pode ser identificada nas experiências e nos movimentos de intelectuais de *Nuestra América* (MARTÍ, 1984), pois pode-se identificar condições para a superação e exaltação de traços da história desse continente através delas; c) *Saber*, o povo latino-americano sempre esteve à margem dos povos do norte, assim a desconstrução da concentração do saber entre o norte que se manteve como detentor do saber e o homem que, por muito tempo, foram porta-vozes de mulheres, é necessária. O movimento de Salomé Ureña é um exemplo em que a concentração do saber é desmistificada, tendo em vista que a dominicana realiza um movimento

contra-hegemônico, pois ela conta a história do seu povo, de mulher e de meninas e mostra que as mulheres podem contribuir para a educação latino-americana, o que, também, fomenta a visibilidade de mulheres como fontes da educação.

Existe um movimento de mulheres mais intenso a partir do século XIX, tendo em vista as experiências e as trajetórias de algumas dessas mulheres evidenciadas no livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, por exemplo. A partir disso, a dissertação, também, irá analisar e compreender de que forma a poetisa Salomé Ureña faz parte do movimento de mulheres brasileiras do século XIX.

A dissertação não pretende fazer um mapeamento desses movimentos, mas anunciar iniciativas para contextualizar e mostrar o papel dessas mulheres na luta a favor de seus direitos. Assim, entende-se que existiram e existem diversos grupos de mulheres, cada um com suas reivindicações, algumas em comum e outras não, mas todas têm como horizonte a busca pelo bem viver das mulheres. Dentre esses movimentos, pode-se anunciar o afro-feminismo, o qual anuncia questões e demandas relacionadas à Salomé Ureña, pois este movimento visa:

[...] situar la desigualdad de la mujer en el contexto de un sistema de dominación que ampara otras desigualdades. Esta corriente de pensamiento ha revelado que la opresión racial parte de los mismos paradigmas de pensamiento que ha producido la desigualdad de los sexos y su economía de valores. La opresión de la mujer estaría entonces estrechamente conectada a la opresión racial y a la de clase, afectando de manera diferente a los diferentes grupos étnicos o raciales y a las diferentes clases sociales. El afro-feminismo apunta, en suma, a la necesidad de desestructurar los mecanismos que articulan un sistema social en el que se sancionan institucionalmente diferentes tipos de opresión y desigualdad. (BELL HOOKS, 2000, p. 22).

Para isto, o trabalho utiliza a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) como metodologia, buscando uma análise temática das poesias para mapear as discussões presentes nos escritos da poetisa. Além do mais, entende-se que essa escolha seja mais coerente com o estudo, tendo em vista que há um melhor entendimento do contexto e da significação dos sentidos de uma mensagem obscura e mensagens de duplo sentido (BARDIN, 1977). No entanto, a análise narrativa não será descartada, por ela auxiliar em um entendimento mais amplo e complexo na obra *Poesias Completas*. A metodologia utiliza Staiger (1969) e Salvatore D'Onófrío (1990) para realizar a análise literária, aproximando as áreas da educação e da literatura a partir da análise da narradora e das personagens, entendendo que tal

relação é importante na compreensão da produção poética de Salomé Ureña. Dessa forma, a pesquisa pretende mostrar a importância do diálogo entre as duas áreas do conhecimento e de como elas juntas podem propiciar um aprofundamento no entendimento da história e da formação de um povo.

Com o auxílio da análise de conteúdo e da análise narrativa, as mensagens obscuras e de duplo sentido anunciadas por Bardin (1977) irão auxiliar na dissertação para dar visibilidade ao movimento realizado pela dominicana, tendo em vista que existem poucos estudos sobre fontes da educação latino-americana<sup>3</sup>, sobretudo de mulheres.

Após a apresentação da temática e do caminho a ser percorrido, em seguida é apresentada a estrutura da dissertação.

No Capítulo 1 “Introdução” – é apresentada a justificativa da pesquisa, como o estudo surgiu e as bases da pesquisa. O Capítulo 2 “O caminho da pesquisa” traz a metodologia utilizada. O Capítulo 3 “(Des)colonialidade: a América Latina como possibilidade” –apresenta alguns autores para falar das investidas e invasões dos “conquistadores do norte” e de como uma América Latina é possível a partir das experiências de autores e de autoras desse continente; e o contexto da República Dominicana, em que são apontadas: a instabilidade política, a busca pelo poder e os conflitos internos do país.

O capítulo 4 “Salomé Ureña: Mulher, mestiça e professora dominicana”, discorre sobre a experiência e falo quem foi a autora, anunciando seus feitos na República Dominicana, principalmente, o *Instituto para señoritas*. Além disso, são anunciadas as mulheres escritoras brasileiras do século XIX, que têm e que fizeram história em seus países, assim como Salomé Ureña. O Capítulo 5 “(Des)invisibilizando Salomé Ureña: ¡Es muy hombre esa mujer!” - é apresentada a revisão de literatura - e as suas contribuições para o trabalho, a qual está presente na dissertação devido aos achados da pesquisa nos bancos de dados. A sessão trata sobre a invisibilidade feminina na produção científica e a relação público-privado entre homens e mulheres.

No capítulo 6 “O épico *Anacaona*: (des) colonizando o ser, o saber e o poder” – foi realizada a análise da obra poética de Salomé Ureña, anunciando as contribuições da autora para a educação latino-americana. Por fim, o capítulo 7

---

<sup>3</sup> O livro “Fontes da Pedagogia Latino-americana: uma antologia” (2010) apresenta um panorama de experiências de intelectuais da América Latina, mas a presença de mulheres ainda não é expressiva.

“Considerações finais”, em que é realizada uma síntese dos dados encontrados, identificando as contribuições de Salomé Ureña.

## 2 O CAMINHO DA PESQUISA

A metodologia escolhida para o presente projeto de dissertação centra-se em uma abordagem qualitativa, sendo esta entendida como uma opção coerente com o tipo de pesquisa pretendida. Assim, o estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, o qual irá analisar, a partir da obra *Poesías Completas* (UREÑA, 1975), a contribuição da professora e poetisa Salomé Ureña para a educação latino-americana. As reflexões do estudo serão realizadas a partir da análise de conteúdo que serão embasadas, sobretudo, em Bardin (1977) e em Minayo (1994), por entender que escritos literários possuem um valor indiscutível, tendo em vista a expressiva produção na área deixada por Simón Bolívar (MORENO, 1986) e também por José Martí.

Assim, cabe situar que as poesias de Salomé Ureña são neste trabalho entendidas e examinadas, principalmente, a partir de temáticas (luta e emancipação política de sua República), mas também pela estética formal do poema, pois com a sintonia entre análise não-formal (temática) e formal (literária) pode-se ter uma compreensão de um texto literário de forma mais complexa, tendo em vista que decodificar o escrito auxiliará a observar cada componente que constitui a obra a ser analisada, identificando os seus valores.

É importante dizer que não se pensa na limitação da análise temática de textos de mulheres como anunciada por Jean Franco (1986), por este motivo a análise irá considerar as duas abordagens – formal e não-formal. Além disso, identificou-se, a partir da análise temática dos escritos de Salomé Ureña, os aspectos de transformação do contexto do qual faz parte, bem como da literatura dominicana. Dessa forma, a análise formal irá fomentar e ajudar em uma compreensão mais ampla e completa da obra poética da dominicana.

Nesse sentido, Theodor Adorno diz que

la estética del contenido es la que ironicamente se lleva la palma, ya que el contenido de las obras y del arte en general que es su objetivo no es formal, sino de contenido. Aunque la estética tiene que ocuparse, como su tema central, de la forma, se convierte sin embargo en algo lleno de contenido porque tiene que hacer hablar de la estética formal. (ADORNO, 1980, p. 379).

Com a utilização das análises formal e não-formal, foi possível realizar uma análise interdisciplinar entre literatura e educação, sendo uma via para relacionar a partir da realidade, do contexto e das temáticas das poesias as duas áreas. Além disso, segundo Adorno

No deben negarse sin más los hallazgos de la estética formal. Aunque no son capaces de dar cuenta de la total experiencia estética, las determinaciones formales tienen ella un papel como proporciones matemáticas, como simetría; también lo tienen las categorías formales dinámicas como la tensión y el equilibrio. Sin su ayuda no podríamos captar las grandes obras del pasado, aun cuando no se las deba hipostasiar. (ADORNO, 1980, p.379).

Por isso, não se pretende negar a estética formal, pois o seu papel é importante na busca de captar os valores de obras literárias. Dessa forma, parte-se para uma conceituação da metodologia escolhida.

A análise de conteúdo tem como premissa, entre outras especificidades, procurar respostas para as questões e os objetivos pretendidos pela pesquisa, que podem se confirmar ou que podem apontar para outro dado, levando o estudo para um caminho diferente da hipótese levantada. Isso acontece, pois, esse tipo de metodologia permite analisar, não apenas o conteúdo em si, mas conhecer o contexto e a história em que o conteúdo analisado está inserido (GOMES, 1994). Assim, a análise vai além do óbvio que está colocado em palavras, propiciando um olhar atento às questões que perpassam o que foi registrado. Por este motivo

Para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. (GERHARDT et al., 2009, p. 84).

Ademais, cabe ressaltar que esse tipo de análise está vinculado a diversos tipos de pesquisa, com objetivos e ideias diferentes, pois ela visa, por exemplo:

[...] analisar obras de um romancista para identificar seu estilo e/ou para descrever a sua personalidade; analisar depoimentos de telespectadores que assistem a uma determinada emissora ou de leitores de um determinado jornal para determinar os efeitos dos meios de comunicação de massa; analisar textos de livros didáticos



para o desmascaramento de ideologia subjacente; analisar depoimentos de representantes de um grupo social no sentido de levantar o universo vocabular desse grupo. (GOMES, 1994, p. 74-75).

A partir disso, é possível identificar que a análise de conteúdo é uma metodologia que abarca diversos tipos e intenções de pesquisa, justamente por propor a compreensão de palavras ditas, entendendo quem fala, como fala e por qual motivo fala. Assim, essas informações unidas à proposta da presente pesquisa – de identificar a contribuição de Salomé Ureña, ajudam a buscar, com o auxílio da análise de conteúdo, os indícios das contribuições das poesias da autora para a educação latino-americana, o contexto da República Dominicana, o papel da mulher e o ensino para mulheres no ensino superior. Nesse sentido, a análise de conteúdo

[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 1977, p. 38).

Dessa maneira, a análise de conteúdo visa à busca ou à “escavação” de materiais a partir da inferência do/a autor/a para identificar, a partir dos objetivos, as contribuições da obra analisada para a sociedade e/ou para a construção epistemológica de conceitos.

Além disso, faz-se necessário dar uma atenção para a abordagem qualitativa, pois ela será utilizada nesta pesquisa para um melhor entendimento do contexto e das temáticas da obra poética a ser analisada, entendendo que é o mais coerente tendo em vista a proposta da dissertação. Para além das questões técnicas, Bardin (1977) ressalta a importância da transição da técnica, pois o conteúdo na área da educação se faz mais coerente, tendo em vista as relações possíveis de contexto histórico, por exemplo. Assim Bardin (1977) ressalta esta questão, pois entende que

[...] a exigência da objectividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundia objectividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro lado, aceita-se mais favoravelmente a combinação da estética. (BARDIN, 1977, p. 21).



Dessa forma, a análise de conteúdo está além de uma descrição de fatos, pois o objetivo de tal análise metodológica acontece na compreensão do contexto do texto escrito e no entendimento de suas contribuições para o presente, principalmente da pesquisa de mestrado. Essa metodologia centra-se na inferência das informações, ou seja, a forma com que ela será analisada estará alicerçada em hipóteses e em objetivos teoricamente embasados (do/a autor/a), que serão, ou não, confirmados durante a pesquisa.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a análise de conteúdo tem, como um de seus pilares, a significação dos sentidos de uma mensagem obscura, mensagens de duplo sentido e de textos antigos (BARDIN, 1977). Isto quer dizer que, a partir dessa metodologia, a intenção desse tipo de análise é de compreender de forma profunda que só é possível “[...] depois de uma observação cuidada ou de uma intuição carismática”. (BARDIN, 1977, p. 14). Justamente, pelo fato de que a polissemia e o simbólico estão presentes por “de trás” daquilo que está sendo dito e de qualquer tipo de comunicação – oral ou escrita, a análise de conteúdo se encontra ancorada no contexto, no veículo de comunicação/divulgação e no interlocutor, os quais estão sendo pensados em perguntas necessárias que envolvem: por quê?; para quem?; de que forma?; e por qual motivo?

Tais questionamentos são de suma importância, principalmente, para que a análise realizada considere todas as intenções de quem escreve, para que seja possível identificar a importância da produção analisada para o contexto atual, contribuindo para a construção de um pensamento ou para a história.

Por conseguinte, a metodologia inicia-se pela leitura do material a ser analisado – obra poética de Salomé Ureña, a qual leva para a relação entre as estruturas semânticas e sociológicas que irão dar subsídios para a fundamentação e os processos de produção dos escritos vistas ao contexto e às questões sociais, por exemplo. Dessa forma, as reflexões que serão realizadas na pesquisa precisam passar por esta relação, principalmente, para que o sentido, o motivo e as intenções dos escritos da autora sejam identificados. Ademais, atenta-se para as três fases do processo de análises, segundo Bardin (1977), que são: a pré-análise, momento em que serão selecionados os poemas a serem analisados; leituras dos escritos, com vistas a encontrar indícios que podem ser o ponto de partida para a análise; e, por último, a inferência e a interpretação das informações e do contexto para que sejam

encontradas respostas – que serão confirmadas ou não para os objetivos da pesquisa.

Segundo Minayo (1994) esse tipo de análise “[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado” (p. 80). Por conseguinte, a autora anuncia, assim como Bardin (1977), três etapas para a organização das informações: Pré-análise - organização dos materiais, das leituras dos conteúdos e da exploração dos materiais que serão analisados; e, por último, interpretação do conteúdo.

A partir disso, a pesquisa irá realizar a análise de acordo com a proposta de quadro a seguir, a qual foi construída com base nas autoras Bardin (1977) e Minayo (1994):

Quadro 1: modelo para a análise dos poemas de Salomé Ureña

<b>Pré-análise</b>	<b>Leitura inicial</b>	<b>Leitura especulativa</b>	<b>Exploração dos conteúdos</b>	<b>Inferências</b>	<b>Tratamento dos dados</b>
Momento em que serão selecionados os escritos que serão analisados.	Levantamento dos dados, como título, ano e contexto em que foi escrito; Identificação de palavras/expressões específicas (linguagem indígena).	Levantamento de hipóteses sobre os possíveis motivos dos poemas, considerando os objetivos da pesquisa.	Verificação das temáticas dos poemas; procura por possíveis referências utilizadas (nomes, lugares, países, etc.).	Início da análise propriamente dita, com inferências do autor de acordo com pressupostos teóricos.	Leitura dos poemas selecionados e os resultados encontrados, relacionando os processos anteriores.

FONTE: Elaborado pelo autor com base em Bardin (1977) e em Minayo (1994).

O quadro exposto servirá de base para a análise que será realizada na obra poética *Poesías Completas* (UREÑA, 1945). Optou-se por tais procedimentos por entender que seria uma possibilidade de compreender as contribuições da autora para a Educação Latino-americana, principalmente, por considerar os itens inseridos no quadro.

Além do quadro elaborado para a análise do poema épico, o quadro 2 irá auxiliar o tratamento dos dados.

Quadro 2: Algumas poesias organizadas<sup>1</sup>

<b>Obra</b>	<b>Contexto</b>	<b>Comentário</b>	<b>Palavras-chave</b>
<b>A los Dominicanos</b>	Escreve após a revolução de 1880 / 25 de novembro de 1873	Reviver a república; viver tudo o que há; esperança, paz e amor	Dominicanos; independentes
<b>Diez y seis de agosto</b>	Guerra da restauração (1863-1865) entre os nacionalistas e a Espanha	Fala da força desnecessária da Espanha que com orgulho cavou sua sepultura. Amor ao patriotismo	Restauração
<b>Ruínas</b>	Cidade colonial de Santo Domingo (bairro histórico) patrimônio mundial da UNESCO em 1990, onde foi criada a primeira catedral, o primeiro hospital e a primeira universidade da República Dominicana	Momento em que a poetisa anuncia as ruínas de seu país e dos anseios de progresso. Este é um de seus escritos mais conhecidos.	Relíquia; ruína
<b>27 de febrero</b>	Escreveu para o dia em que o país se viu livre, o dia da independência	O dia em que tudo seria lindo, livre. Um espaço de esperança e paz	Independência; liberdade; nossa glória
<b>La fe en el porvenir</b>	Incentivo para os jovens, para que eles busquem e conquistem seus direitos	Mensagem para não se deixar silenciar, oprimir-se	Futuro; jovem
<b>A mi pátria</b>	Patriotismo. Agora a oferta digna: paz no futuro. Dedicado a uma pátria que irá fazer o seu futuro	Libertação do povo dominicano, revelando as influências do contexto em que nasce e cresce.	Pátria; paz; futuro
<b>A la música</b>	Hino (música) que reflete o que é a República Dominicana hoje. Forte, livre e gloriosa		Hino; liberdade
<b>Sueños</b>	Sonhos de glória, espera que o país se desenvolva e fique bem	Salomé Ureña fala do que espera para o país.	Felicidade; liberdade
<b>Sombras</b>	Começou a sofrer em 1881 pelas tragédias em seu país. Foi quando parou de escrever e essa crise foi um impulso para a criação do Instituto de Señoritas	Fala das sombras que cercam o país.	Pátria; paz; futuro
<b>Recuerdos a un proscrito</b>	Escreveu para alguém que morreu e que era muito importante para ela. "Pátria incerta"	Nesse escrito aparece a mulher que é "sensível" com a pátria, mas também com pessoas próximas.	Lembrança; emoção; infância

FONTE: Elaborado pelo autor.

As subdivisões encontradas na obra de Salomé Ureña são: *A la Patria*, que centra-se na temática dos conflitos e das conquistas da República Dominicana, os

<sup>1</sup> O quadro foi criado para analisar as poesias para uma apresentação na Mostra de Iniciação Científica da Unisinos. No quadro constam apenas alguns escritos a quesito de ilustração, pois a tabela é mais extensa.

quais são os temas de suas poesias entre os anos de 1873 a 1880; *Páginas Íntimas*, a qual centra-se nas melancolias e nas angústias de um sujeito lírico que se identifica com a força e a sensibilidade feminina que preza a família; *Varia*, que possui escritos oferecidos como homenagem a pessoas que foram importantes para a República Dominicana e para a poetisa; e *Anacaona*, que evidencia as marcas do processo de colonização e da cultura da República Dominicana, elucidando traços da identidade, da beleza natural do país, da mulher, do índio dominicano e do estrangeiro.

As seções *A la Patria*, *Páginas Íntimas* e *Varia* serão utilizadas durante a dissertação para auxiliar na compreensão de quem era Salomé Ureña, as quais, também darão subsídios para entender a contribuição dela para a Educação Latino-americana. Isto, pois, o poema épico indígena, última parte da obra da autora, que descreve através de uma narrativa de heróis e anti-heróis a história da República Dominicana, será o principal material de análise para compreender as contribuições da poetisa para a América Latina. Optou-se por utilizá-lo por entender que esse escrito é importante tanto para o país, pois privilegia a escrita indígena, quanto para a literatura feminina, tendo em vista que é possível pensar sobre a (des)colonialidade de ser, de saber e de poder, considerando que o épico sempre foi identificado como sendo um gênero escrito por homens, como Homero, Virgílio e Camões.

## 2.1 Gênero narrativo: entendendo a análise narrativa

Para realizar a análise formal é necessário entender o que é o gênero narrativo épico. A palavra *narrar*, segundo o dicionário Aurélio, originalmente *narratio* em Latim, é o ato de narrar fatos reais ou fictícios. O gênero literário se constitui de acordo com a sua estrutura, estilo e recepção. Assim, a partir do gênero literário os padrões na antiguidade eram lírico, dramático e épico que, de acordo com Staiger (1969, p. 75):

[...] existe sem dúvida uma conexão entre lírico e a Lírica, épico e a Épica, dramático e o Drama. Os exemplos mais típicos do lírico serão encontrados provavelmente na Lírica, os do épico, nas Epopéias. Mas não vamos de antemão concluir que possa existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática. Nossos estudos, ao contrário, levam-nos à conclusão de que

qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, e de que essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizados historicamente.

Além disso, é interessante apontar que escritor e escritora de épico ou de lírico partem de perguntas diferentes. Enquanto o/a escritor/a do épico questiona “de onde?”, o/a escritor/a do lírico só se permite tal questionamento se existir um “aqui”. Isso acontece, pois o “de onde?” abre uma dimensão, a qual não se direciona ao lírico, que só possibilita a pergunta quando o “aqui” existe.

Atualmente, existem outros tipos de narrativas, tais como romance, novela e crônica. Todos os gêneros narrativos possuem similitudes no tocante às estruturas: enredo, narrador, personagens, tempo e espaço. Dessa forma, a literatura é reconhecida e mantida como um bem histórico, considerando as heranças que ela deixa à cultura e à história de pessoas e de lugares.

Após essa breve apresentação da estrutura e dos tipos de textos literários, anunciam-se os principais elementos no momento de identificar e de analisar uma obra: enredo, que é a estrutura da história, pois é nele que se irão desenvolver ou construir as conexões e os fatos da narrativa. Além disso, ele possui um conjunto que o compõe: *exposição*, momento em que são apresentados os fatos iniciais e os personagens; *complicação*, momento em que se desenvolve o conflito; *clímax*, momento em que acontece a maior tensão da história; *desfecho*, momento em que as soluções do conflito se estabelecem; *personagem* (que pode ser protagonista, antagonista ou secundário) é um ser que pertence à história e que faz parte do enredo, a qual só existe com a participação, em algum momento, da história; *tempo*, o qual nem sempre coincide com a data de publicação da obra, ou seja, a história pode se passar no passado ou no futuro, por exemplo. Além disso, pode-se ter o tempo cronológico ou psicológico; espaço é o lugar em que se passa a narrativa, e sua função é situar as ações dos personagens; e narrador que é o elemento estruturador da narrativa, sem ele não há história. É importante salientar que o papel do narrador, segundo Reis e Lopes (1968, p. 63)

[...] não se esgota no ato da enunciação que lhe é atribuído. Como protagonista da narração ele é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas.

Após essa contextualização, a dissertação propõe o diálogo entre educação e literatura a partir das análises de conteúdo e narrativa, principalmente narrador e personagem, tendo em vista que a pesquisa não pretende trazer uma abordagem genuinamente literária, pois priorizou um olhar a partir dos personagens e do narrador, considerando os resultados encontrados, que serão apresentados no capítulo de análise.

### 3 (DES)COLONIALIDADE: A AMÉRICA LATINA COMO POSSIBILIDADE

O presente estudo pretende abrir uma discussão e um diálogo sobre a educação latino-americana, buscando as contribuições de Salomé Ureña de Henríquez para a educação desse continente. Não se pode desvincular o contexto do presente texto, tendo em vista que o momento atual diz muito sobre o que aconteceu e acontece na América Latina, sobretudo no Brasil. Assim, destaca-se e acredita-se que a pesquisa é ainda mais necessária tanto na “rua” quanto na academia, principalmente em um momento que é questionado: segurança para quem? E violência contra quem? Como fato emblemático, registra-se o assassinato de Marielle Franco<sup>2</sup> - mulher, negra e feminista - vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no dia 14 de março de 2018, a qual denunciou<sup>3</sup>, no dia 10 de março, os abusos de polícias do batalhão que mais mata na cidade do Acari (RJ). A todos e a todas que lutam contra todo e qualquer tipo de injustiça social: Marielle, presente.

A atual conjuntura é descrita por Leonardo Boff em nove pontos sobre o contexto brasileiro, no quarto ponto ele diz que

**Os generais estão no comando.** Eles dão as ordens. Por hora não vão sujar as mãos com o trabalho que o Judiciário pode fazer. Eles dão os comandos como manipuladores de mamulengos, o Supremo só confirma. O Supremo só vai deliberar com autonomia em questões secundárias. A ameaça de pôr as tropas nas ruas, de fechar o algoritmo (General Mourão) será feita todas as vezes que for necessária. (BOFF, 2018, S/P, grifo do autor).

Além disso, o autor resume muito bem o que se espera do Brasil, considerando a eleição presidencial, conforme fonte

---

<sup>2</sup> A quinta vereadora mais votada nas eleições de 2016 no estado do Rio de Janeiro, com 46.502 votos.

<sup>3</sup> A denúncia foi realizada no perfil da vereadora nas redes sociais contra policiais do 41º BPM (Batalhão da Polícia Militar) de Acari. Há duas semanas, ela assumiu a função de relatora da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio, a qual foi criada para acompanhar a atuação das tropas na intervenção federal na área de segurança do Rio. Segundo a vereadora, o batalhão estaria “aterrorizando e violentando moradores de Acari”. Dados do ISP (Instituto de Segurança Pública) indicam que o batalhão registrou por volta de 450 mortes nos últimos cinco anos. Trata-se do maior índice de letalidade do Estado do Rio de Janeiro durante o período. (Informações retiradas do site Pragmatismo Político. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/vereadora-dopsol-marielle-franco.html>).

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro para a presidência da República se caracterizou pela pregação de muito ódio, exaltação da violência a ponto de ter como herói um dos mais perversos torturadores, Brilhante Ustra e admirar a figura de Hitler. Fez ameaças aos opositores que não teriam outra alternativa senão a prisão ou o exílio. Pregou ódio a homoafetivos, aos negros e negras e aos indígenas. O Movimento dos Sem Terra e dos Sem Teto seriam considerados terroristas e como tal tratados. Os quilombolas nem serviriam para reprodução. Foram ofensas sobre ofensas a vários grupos de pessoas e minorias políticas. Talvez a maior desumanidade mostrou quando disse às mães chorosas que procuravam corpos e ossos de seus entes queridos desaparecidos pela repressão por parte dos órgãos de controle e repressão da ditadura militar: “quem procura ossos são os cães”, Bolsonaro disse.

Assim, pretende-se contextualizar e problematizar questões inerentes à América Latina e aos processos opressores que, historicamente, circulam e atacam os direitos das maiorias, conforme anunciado por Boff (2018) no excerto acima.

Dessa forma, anuncia-se que a América Latina pode ser identificada como o continente que estava e está em uma constante busca pela justiça social. Isto acontece, principalmente, com um apanhado histórico breve, pois este continente vinha sendo anunciado como o lugar de “inferiores”, pobres e “populares” em comparação aos países ditos desenvolvidos.

Nesse contexto o desenvolvimento era visto como um normatizador, tornando a lógica do crescimento econômico e o próprio desenvolvimento como verdades universais (ESCOBAR, 2007). A partir dessa lógica, o terceiro mundo era

[...] la representación [...] como um niño necesitado [...] y se prestaba perfectamente para el discurso del desarrollo. La infantilización del Tercer Mundo ha sido parte integral del desarrollo como ‘teoría secular de salvación. (ESCOBAR, 2007, p. 67).

Esta lógica de desenvolvimento é compreendida através de uma visão que a caracteriza como uma perversidade sistêmica, a qual, sob o controle de países do Norte, separa e dita o que é ser desenvolvido.

Lutas como a busca de direitos pelas mulheres e os negros com o lema de Martin Luther King – *I have a dream* - mostram o anseio pela humanização e a busca pela equidade de direitos, também no hemisfério norte. Dessa forma, o tema da transformação social na área da educação e na universidade se faz necessário para pensar nessa procura pela mudança daquilo que deveria ser, como direito humano,



igual para todas e todos. Além da militância na academia, não se pode, de forma alguma, deixar de anunciar os movimentos sociais, os quais são atores responsáveis na busca pela justiça social.

A partir disso, percebe-se que o desenvolvimento sempre propõe que os “nativos” sejam reformados, fazendo a separação entre reformadores e reformados, mantendo a premissa do Terceiro Mundo como diferente e inferior, limitados ao europeu “culto”. Com isso, a pobreza, o analfabetismo e a fome alcançaram uma solidez de subdesenvolvidos que pareceu ser impossível desassociar dos países “subalternos”.

A colonialidade, sendo a outra face da modernidade, se estrutura através de hierarquias de poder, saber e ser. O sistema-mundo ocidental é tanto capitalista-colonial, quanto patriarcal. Uma possibilidade para a superação da colonialidade dessas dimensões (poder, ser, saber) poderá ser compreendida desde a crítica de sujeitos subalternizados pela lógica de exploração colonial-capitalista e de dominação patriarcal.

*A Outra Modernidade* consiste em definir como fundamental do mundo *moderno* uma compreensão histórica que tem, como ponto de partida, a Conquista da América (1492), ou seja, quando a América Latina surge como a *outra face*, aquela que é dominada, explorada e encoberta. Trata-se de um colonialismo de violência em que aquela civilização moderna se julga superior. (ADAMS; MORETTI, 2011, p. 449).

Tendo em vista a afirmação de que a colonialidade é uma outra face da modernidade, cabe trazer Dussel (1993), considerando a afirmação do autor quando diz que a modernidade é um mito para a dominação e para a subalternização, o que reafirma a “superioridade” do norte em comparação ao continente sul:

[...] a “experiência” originária de construir o Outro como dominado e sob o controle do conquistador, do domínio do “centro” do mundo (em seu sentido planetário). É o nascimento da Modernidade e a origem do seu “Mito”!.. (DUSSEL, 1993, p. 15).

Segundo Quijano (2014) com a América Latina

el capitalismo se hace mundial, eurocentrado y la colonialidad y la modernidad se instalan, hasta hoy, como los ejes constitutivos de

este específico padrão de poder [...] En el curso del despliegue de esas características del poder actual, se fueron configurando las nuevas identidades sociales de la colonialidad (indios, negros, aceitunados, amarillos, blancos, mestizos) y las geoculturales del colonialismo (América, África, Lejano Oriente, Cercano Oriente, Occidente y Europa). Las relaciones intersubjetivas correspondientes, en las cuales se fueron fundiendo las experiencias del colonialismo y de la colonialidad con las necesidades del capitalismo, se fueron configurando como un nuevo universo de relaciones intersubjetivas de dominación bajo la hegemonía eurocentrada. Ese específico universo es el que será después denominado modernidad. (QUIJANO, 2014, p. 286).

Além disso, desde o início do século XIX o complexo da modernidade na busca pelo estereótipo euro-americano, identificavam os indígenas como povos selvagens e ferozes, comparando a civilidade do norte (QUIJANO, 2014).

Dessa forma, a busca pela identidade latino-americana pode ser identificada com as experiências de intelectuais desse continente, que auxiliam na desvinculação de uma América Latina “subalterna”. Assim, José Martí (1984) diz que se a Europa é o “ser pensante”, a nossa América é a solidariedade. Dessa forma, o conceito de *Nossa América* (1984), idealizado pelo autor, faz refletir e pensar as alternativas pedagógicas e epistemologias da América Latina como possibilidade para romper com a visão de inferioridade e de superação de “cimabaixo”. Assim,

Com veemência José Martí, Simón Rodríguez, Frantz Fanon, assim como outros, defendem o desenvolvimento de um conhecimento próprio ao entenderem que a verdadeira independência deve ir além das formas e troca de imperadores ou governantes. (ADAMS; MORETTI, 2011, p. 21).

Enxergar a América Latina como um continente que possui um conhecimento próprio, que muitas vezes é esquecido ou inexplorado, se faz necessário, tendo em vista os movimentos de opressão e de invasão de países do norte. No entanto, não se pretende trazer a América Latina como uma verdade absoluta ou de torná-la uma referência - como o *sul*, mas de valorizar e compreender que a América é a possibilidade de andar o “nosso próprio caminho” (STRECK, 2008). Nesta perspectiva, não se tem a

[...] intenção [de] provar que existe uma pedagogia latino-americana, como contraponto excludente a uma pedagogia europeia, asiática ou norte-americana. O pensamento não pode ser aprisionado em

fronteiras geográficas. Negar as contribuições de Jean-Jacques Rousseau ou John Dewey para a pedagogia universal seria tão absurdo quanto reclamar José Martí ou Paulo Freire como espécie de propriedade dos latino-americanos. (STRECK; ADAMS; MORETTI, 2010, p. 20).

Além disso, a importância da superação da visão de subalternos sob a ótica de países advindos do norte é possível e visível a partir de experiências alternativas de intelectuais da América Latina, com as quais será possível a desconstrução do que vem identificando a América Latina desde a pós-guerra (ESCOBAR, 2007), tendo em vista que as influências e as investidas de países do norte ainda persistem no pensamento naturalizado de informações advindas do norte, que perduram na “dependência” do saber europeu.

Assim, precisa-se (re)encontrar o pensamento latino-americano de Nossa América, idealizada por José Martí, para romper com o conhecimento focado no europeu para a libertação da América Latina.

Nesta perspectiva,

As experiências, os métodos e as pedagogias de resistências e de insurgências caracterizam-se por compreender e valorizar um *outro conhecimento*, dando ênfase às metodologias de pesquisa e a uma ciência ética e politicamente comprometida com a transformação social. (ADAMS; MORETTI, 2011, p. 448).

Para Freire (2000), a possibilidade é entendida como uma forma de mudança e transformação daquilo que está posto, visando à transgressão e ao progresso de intervenção na realidade. Ainda segundo o autor, o passado não se muda, mas é possível pensar nos movimentos emancipatórios de intelectuais latino-americanos que buscavam “[...] emancipar a América Latina, compreendendo o continente e [...] toda dominação europeia e norte-americana”, pois “a história da América Latina é uma história de lutas sociais” (IANNI, 1993, p.27) e de lutas pela independência em busca da libertação humana.

A história da América Latina é identificada como de lutas sociais, compreendendo que o colonialismo foi a imposição de países do norte na cultura, na política e na organização do continente sul, a qual, segundo Moretti e Adams (2011), é sustentada pelo colonialismo sobretudo na “[...] imposição racial/étnica enquanto

padrão de poder e que opera nos planos materiais e subjetivos da existência social cotidiana”. (MORETTI; ADAMS, 2011, p. 1). Ainda,

Com a chegada dos europeus foram subordinadas as histórias e cosmologias dos povos que aqui habitavam. A colonialidade surge da ferida colonial, ou seja, do lado obscuro da modernidade. A ferida colonial sinaliza o sentimento de inferioridade, com todas as ausências que se produzem nos relatos da modernidade como resultado de uma construção europeia de história. (STRECK; ADAMS; MORETTI, 2011, p. 21-22).

Isso, tendo em vista “[...] que do lado obscuro da modernidade coexiste a colonialidade”. (MORETTI; ADAMS, 2011, p. 2). Dessa forma, a discussão da temática da colonialidade/(des)colonialidade no contexto histórico do continente Sul americano é necessária, considerando que

[...] a América Latina é parte de um processo histórico compreendido no encontro de forças antagônicas, quais sejam: de um lado um colonizador que impõe, pelo uso da força, toda uma cultura e um poder; e de outro, o colonizado que nasce e morre de qualquer jeito, *que fala e gesticula muito*. (ADAMS; MORETTI, 2011, p. 448).

Além disso, para pensar e compreender a educação na América Latina é necessário discutir e refletir sobre as investidas de países dos “conquistadores”, pois este continente está e esteve em um processo de colonialidade que perdura e reflete na organização da América Latina como um todo. Nesta perspectiva, cabe (re)lembrar alguns autores e autoras que podem ser referência na educação e na pedagogia da América Latina como Paulo Freire com as suas contribuições para a educação e Nísia Floresta, Gabriela Mistral e Salomé Ureña com a educação para mulheres. Estes intelectuais são figuras que fizeram parte de movimentos para que todos e todas tivessem o direito ao conhecimento, independente de classe e de gênero, rompendo com as relações de classe, de gênero e do modelo eurocêntrico de escola.

A educação, segundo Paulo Freire, e o que se entende por educação nesse texto, desde uma perspectiva da América Latina, é todo ato de caráter inovador e revolucionário que tenha como objetivo a promoção do pensar crítico, a formação para a transformação, o aprender para questionar e o entender o tempo passado para compreender e transformar o “novo mundo”.

Nesta perspectiva, Salomé Ureña oferece para as mulheres da República Dominicana a educação, em certa medida revolucionária, no ensino superior com esperanças de que o papel das mulheres de seu país não se limitasse apenas ao trabalho doméstico. A poetisa não falava em feminismo em seus escritos, mas com a análise realizada identificam-se traços do movimento. Em seus poemas é possível verificar uma marca da literatura latino-americana, tendo em vista que o texto literário é compreendido como

[...] un espacio necesario para entender los procesos sociales de reconstrucción y auto-afirmación étnica frente a los discursos de racismo institucionalizado. Sin embargo, en un país como República Dominicana, donde el índice de pobreza y analfabetismo es de los mayores de la América Latina (Martínez y Fernández 2010), la producción literaria sigue teniendo un impacto limitado. (SEVILLANO, 2015, p. 28).

Assim, Salomé Ureña, em seus escritos, anuncia os conflitos internos de sua pátria e anseio de uma república melhor, o que vai sendo identificado como um movimento (des)colonial pelas denúncias realizadas através de seus escritos e por ser uma mulher que escreve e que vai a público. Além disso, o fato de ser uma mulher-letrada-mestiça que escrevia e publicava no século XIX é um ato revolucionário e feminista, tendo em vista a constituição do primeiro instituto para mulheres no ensino superior e os seus escritos como poetisa.

Dessa forma,

Em certo sentido, a alternativa latino-americana foi contraditoriamente construída sobre as heranças coloniais, sempre permeadas por resistências, mesmo que invisibilizadas pela história oficial. Em torno das resistências conformou-se a latinidade como solidariedade, idealizada na integração da região frente ao imperialismo cultural e econômico estadunidense que passou a “agredir” nossos países. (STRECK; ADAMS; MORETTI, 2010a, p. 3).

Por isso, a dissertação pretende contribuir para a visibilidade ao movimento e as contribuições educativas de Salomé Ureña que, como será visto no capítulo 4, foram “esquecidos”.

Na seção seguinte é apresentado o contexto da República Dominicana para que seja possível uma compreensão macro do que foi o país desde sua descoberta e o que Salomé Ureña vivenciou no século XIX.

### 3.1 Contexto da República Dominicana<sup>4</sup>

A República Dominicana foi a primeira área “descoberta” e pode ser utilizada como uma representação da colonialidade de um povo. Ela foi invadida em 1492, pelos espanhóis, momento em que eles chegam na ilha de Guanahaní, a qual pertence às Bahamas, hoje chamada Watling (VILLANOVA, 2010). Após a invasão, a cidade de Santo Domingo foi a única terra formalmente colonizada e habitada por espanhóis. Além disso, como destacado por Pattee (1967), a história da cidade é identificada e conhecida como repleta de episódios bélicos, incidentes, longos períodos de agressões e pressões.

No entanto, com a invasão de Colombo em 1492, houve oposição dos aborígenes<sup>5</sup>, pois eles se opuseram aos espanhóis, resistindo à exploração de recursos como o ouro e o algodão, aniquilando os soldados deixados sob ordem de Colombo, em Santo Domingo. Mas, com a resistência dos primeiros povos, Colombo usou da força de seus soldados e, através da força e da violência, controlou o povo que vivia naquela terra, fazendo com que eles pagassem tributos dos recursos naturais. No entanto, após alguns confrontos, os caciques de todas as tribos se reuniram para lutar contra os espanhóis, mas sem êxito. Com as constantes rebeliões, os espanhóis “atacaban a los aborígenes con perros y les amputaban partes de sus cuerpos” (VILLANOVA, 2010, p. 25). Os índios continuaram com os ataques até que os espanhóis capturaram Mayobanex, um dos principais caciques, o qual “[...] se rindió y le pidió a sus dependientes que labraran las tierras en beneficio de los españoles” (p. 25).

Com os atos de violência para controlar o povo aborígine para que eles pagassem os tributos requisitados, os espanhóis tentaram a aniquilação do primeiro povo. Entre os anos 1508 a 1517, a população diminuiu em 80%, sendo 48 mil aborígenes assassinados, 60 mil aborígenes em 1508 e 12 mil aborígenes em 1517, respectivamente. Além da força bruta de Colombo e seus comparsas, também causaram, com a sua imposição humilhante escravocrata, um estado emocional que fez com que muitos dos aborígenes cometessem suicídio.

Após a instituição de seu regime, Colombo volta à Espanha e deixa seu irmão

---

<sup>4</sup> A seção é uma adaptação de um trabalho anterior realizado pelo autor intitulado “O poder da palavra e a pátria: a poesia de Salomé Ureña a serviço da nação dominicana.

Bartolomé no “comando”. Os tributos que os aborígenes pagavam, eram principalmente, ouro e algodão, no entanto a extração de ouro era difícil, tendo em vista que a economia e a organização dos aborígenes eram coletivas, o que mudou com a repressão dos espanhóis. Dessa forma, Bartolomé aceitou receber os tributos de algodão e de alimentos.

### **3.2 Independência, conflitos e constituição da República Dominicana**

Com essa contextualização, passa-se a falar sobre o processo de constituição da República Dominicana, o qual é um tanto quanto demorado e único, tendo em vista que o país fica independente da Espanha no ano de 1821 e um ano depois é invadida e fica 22 anos dependente do Haiti. No entanto, em 1844, volta a ser independente, mas em 1861 é anexada novamente à Espanha, conquistando apenas em 1865 a restauração da independência. Desde o final da ocupação haitiana, os governos<sup>6</sup> (1844-1861) que foram assumindo o poder tinham como preocupação e objetivo a anexação da República Dominicana<sup>7</sup>, interesse das classes dominantes. Pedro Santana (1844-1848), que tinha apoio da burguesia – e respondia aos interesses desses -, por exemplo, acreditava que o país precisava-se anexar a um país poderoso. Buenaventura Báez (1849-1853), com apoio de Santana torna-se pela primeira vez presidente da República Dominicana. Durante um curto período Báez continua com princípios de Santana, no entanto governa com autonomia e cria um grupo “alrededor de su persona”. E no mesmo ano, Santana recupera a presidência da República Dominicana e acusa Báez de conspirador (VILLANOVA, 2010).

Assim, Báez, quando presidente, procurou apoio de alguns governos europeus, dos quais utilizou-se para tirar, em 1856, Santana do poder. A diferença entre os dois presidentes era a relação que Báez tinha com a pequena burguesia, o campesinato e a igreja, pois Santana, apenas em algumas ocasiões, apoiava o campesinato e a pequena burguesia; seu principal apoio era um grupo de militares e a classe dominante. No entanto, em 1857, Báez decide acumular grandes fortunas para fortalecer seu poder político e “para tal fin, realizó un fraude monetario que

---

<sup>6</sup> Esses governos dominicanos ainda tinham interesses de anexar-se a um lado poderoso (Espanha e Estados Unidos).

<sup>7</sup> Salomé Ureña, na poesia *Hecatombe*, fala sobre a venda do país para o estrangeiro e do povo dominicano que foi abandonado e entregue ao espanhol.



afectó a la pequeña burguesía, sobre todo a la del Cibao, y al campesinado” (VILLANOVA, 2010, p. 146), com a emissão contínua de dinheiro que Báez destinava para seus parentes e alguns cónsules europeus, “golpeando” a pequena burguesia e o campesinato.

A burguesia se rebelou contra Báez, criando um grupo e promulgou uma constituição na cidade de Moca, iniciando um confronto armado, momento que o campesinato não participou, pois não entendiam e não compreendiam a fraude do governo. Dessa forma, os rebeldes de Santiago controlaram grande parte do país, enquanto Báez estava isolado na capital. Em seguida, os burgueses buscaram apoio de Pedro Santana, que derrubou o governo de Báez. Santana desconheceu a constituição de Moca e se apoiou na pequena burguesia de Santo Domingo. (VILLANOVA, 2010).

Assim, Pedro Santana está de volta ao poder e, em 1861, anexa a República Dominicana à Espanha. Segundo Santana, a principal razão da anexação era a debilidade política do país e a fragilidade do sistema político por conta da luta de classes entre “trinitarios y conservadores [...] baecistas y santanistas y [...] la burguesía y la pequeña burguesía del Cibao y la pequeña burguesía del sur”. (VILLANOVA, 2010, p.147). A partir dessas informações, pode-se identificar a luta de homens pelo poder.

A presidência do que ficou conhecido como Primeira República aconteceu no governo Buenaventura Báez, o qual ocupou por maior tempo o governo do país. Suas intenções nesse período eram a *anexación*, a proteção e a relação com o mundo exterior. Impulsionou um regime repressivo com a intenção de derrubar *Los Azules* e anexar a República Dominicana aos Estados Unidos. A tentativa de *anexación*, a troco de pouco mais de um milhão de dólares que seriam usados para comprar armas e para o pagamento da dívida externa, só não aconteceu por contradições do governo dos Estados Unidos. Báez entrega Samaná (província da República Dominicana) aos Estados Unidos, em seguida recorre à emissão de dinheiro, o que provoca um caos monetário maior, com isso outros políticos e militares derrubam o governo de Báez em 1873 e em seu lugar assume María González (VILLANOVA, 2010).

A partir desse ano, a instabilidade política na República Dominicana fica ainda mais evidente, considerando a constante troca de homens no poder. Entre 1873 a 1880, pelo menos oito diferentes lideranças foram identificadas na República



Dominicana. Além disso, destaca-se Ignacio María Gonzáles, o qual foi presidente duas vezes, em 1876 e em 1878; além dele, Cesáreo Guillermo também foi presidente duas vezes em dois anos (1878 e 1879), conforme quadro abaixo:

Quadro 3: Cronologia de governos de 1873 a 1880<sup>8</sup>

<b>Data</b>	<b>Governos</b>
Novembro de 1873 a fevereiro de 1876	Ignácio María Gonzáles
Fevereiro de 1876 a abril de 1876	Conselho de secretários do Estado
Abril de 1876 a outubro de 1876	Ulises Francisco Espaillat
Outubro de 1876 a novembro de 1876	Junta Gubernativa
Novembro de 1876 a dezembro de 1876	Ignácio María Gonzáles
Dezembro de 1876 a março de 1878	Buenaventura Báez
Março de 1878 a maio de 1878	Ignácio María Gonzáles
Maio de 1878 a julho de 1878	Cesáreo Guillermo
Julho de 1878 a setembro de 1878	Ignácio María Gonzáles
Setembro de 1878 a fevereiro de 1879	Governos provisórios
Fevereiro de 1879 a outubro de 1879	Cesáreo Guillermo
Outubro de 1879 a setembro de 1880	Gregorio Luperón

FONTE: Adaptado de VILLANOVA (2010, p. 165).

Em uma primeira análise do quadro, evidencia-se uma não-representatividade de partidos políticos, principalmente, entre os meses de fevereiro a abril de 1876 quando o poder está no Conselho de secretários do Estado e entre os anos de 1878 a 1879 quando o poder está com governos provisórios. A partir disso, é possível identificar o momento de uma busca incansável pelo poder na República Dominicana entre os anos 1873 a 1880.

A procura pelo poder centrava-se em três correntes políticas: *los azules*, com a supervisão de Gregorio Luperón; *los verdes*, dirigidos por Ignacio María Gonzáles; e *los rojos*, coordenados por Buenaventura Báez (VILLANOVA, 2010). Não existe uma forma de identificar e de caracterizar os partidos, pois o único que tinha uma proposta de modernização e de progresso era *Los azules*, o qual não tinha poder de apoio necessário para desenvolvê-lo.

<sup>8</sup> Tradução do quadro feita pelo autor.

*Los azules* era um partido que tinha posições nacionalistas a favor do progresso e do futuro da República Dominicana. Suas forças encontravam-se em comunidades urbanas e rurais e suas ideias centravam-se em tendências democrático-liberais, mas não tinham o poder necessário para tais ideais. O partido dirigido por Gregorio Luperón tinha uma posição contrária de *Los Rojos*, dirigidos por Buenaventura Báez. *Los Rojos* tinham apoio da classe dominante e queriam a *anexación* da República Dominicana aos Estados Unidos. Báez utilizou discursos extraordinários que tinham anúncios claro do discurso anexionista (JIMENES-GRULLÓN, 2004).

Assim, os pronunciamentos de *Los Rojos* tinham o objetivo, ainda segundo o autor, de convencer “a líderes de las pequeñas y grandes comarcas, y de la siembra del prestigio caudillista en el corazón de las colectividades incultas” (p.34), fazendo parecer que tal movimento era de progresso para a República Dominicana.

*Los verdes* era uma separação dos *Los rojos*, o qual mudava a liderança, mas mantinha os mesmos objetivos de *Los Rojos*.

Até o ano de 1880 a República Dominicana se caracterizava pelo benefício de classes mais conservadoras da burguesia. No entanto, o mais trágico de sua natureza residia nas técnicas sanguinárias de opressão e propósitos de anexação. Os episódios e incidentes dessa colonização, bem como o processo de fundação da República Dominicana, têm, em certa medida, reflexos no futuro do país, pois no século XX acontecem as “invasões na Guatemala em 1954, na República Dominicana em 1965, em Granada em 1983 e no Panamá em 1989” (PATTEE, 1967, p.26).

Após a morte de Rafael Leónidas Trujillo (presidente entre 1930 a 1961), seu filho Ramfis Trujillo fica como sucessor na presidência. A partir disso, acontece uma busca pelo poder entre partidos com posições contrárias ao atual governo: o partido Unión Cívica Nacional, o qual tinha um poder econômico maior do que Trujillo; o Partido Revolucionário Dominicano (PRD) – fundado em 1939, por Juan Bosch, em Cuba; e El 14 de Junio. O partido Unión Cívica Nacional foi criado pela burguesia, que era contra o sistema Trujillo, e por setores avançados da pequena burguesia, tendo como principal líder Viriato Fiallo. O PRD, a Unión Cívica Nacional e o El 14 de Junio – dirigido por Manolo Tavárez tinha o objetivo comum que era a retirada dos Trujillos do poder, no qual já estavam há mais de 30 anos. Além disso, os partidos buscavam o *porvenir* democrático da República Dominicana (VILLANOVA, 2010).

Em 1961, a pressão dos partidos, a revolta de jovens e uma greve geral provocam a saída da família Trujillo do país, fazendo com que seus bens ficassem com o Estado. Assim, como governo provisório – Conselho do Estado – assume o poder Joaquín Balaguer, o qual foi presidente da República Dominicana nos períodos de 1960-1962, 1966-1978 e 1986-1996.

O então presidente tentou se manter no poder com o apoio dos Estados Unidos, no entanto o PRD e outros setores populares não permitiram. E, em 1962 Balaguer deu um golpe no Estado, mas não fica muito tempo no poder e sofre um contragolpe da burguesia, o que acaba com o seu governo e com o domínio do grupo de Trujillo (VILLANOVA, 2010). Após um novo conselho de estado é criado e uma nova eleição é realizada e Juan Bosch ganha as eleições. Em seu governo

El programa incluía, entre otras cosas, la prohibición del latifundio (grandes extensiones de tierras privadas), la realización de una reforma agraria y la participación de la población trabajadora en los beneficios de las empresas. El movimiento social creció y amplió sus niveles de organización. Se formaron muchos sindicatos. (VILLANOVA, 2010, p. 232).

Tendo em vista que posição reformista em favor dos setores populares não era de interesse dos burgueses, em 1963 Bosch foi derrotado por militares, pela burguesia dominicana e pelo governo dos Estados Unidos (VILLANOVA, 2010). No entanto, apoiadores do PRD, em 1965, deram um contragolpe para reestabelecer o governo de Bosch. A partir disso

Se inició una guerra civil donde se enfrentaron dos grandes fuerzas. Por un lado estaban los militares progresistas, el PRD y tres partidos de izquierda, quienes luchaban junto al pueblo por el retorno de Bosch al país y por la vuelta a la Constitución del año 1963. Por otro lado, estaban los militares que habían derrocado a Bosch y que contaban con el apoyo de la burguesía y el Gobierno de Estados Unidos. (VILLANOVA, 2010, p.234).

As forças revolucionárias estavam prestes a derrotar os militares direitistas, mas o exército dos Estados Unidos invade o país, deixando impossível a vitória. Tendo em vista a impossibilidade de derrotar a força invasora e seus aliados internos, os revolucionários firmam um acordo de paz e a guerra, que durou quatro meses, chega ao fim. Ademais, em 1966 novas eleições são realizadas entre Juan

Bosch (PRD) e Joaquín Balaguer (Partido Reformista). Balaguer ganha as eleições através de uma fraude e governa de 1966 a 1978 de forma repressiva (VILLANOVA, 2010). Assim, esses movimentos pelos quais a República Dominicana passa podem ser entendidos como resquícios de heranças coloniais que ainda permaneceram na história do país.

Resumindo, a República Dominicana contou com diversas datas de independência – da Espanha, em 1 de dezembro de 1821; do Haiti, em 27 de fevereiro de 1844; novamente da Espanha, em 16 de agosto de 1863; dos Estados Unidos, em 12 de julho de 1924<sup>9</sup>. Atualmente, a República Dominicana possui um sistema republicano, presidencialista, sendo uma democracia representativa, e tendo como presidente Danilo Medina<sup>10</sup>, o qual faz parte de um dos principais partidos do país, Partido da Libertação Dominicana<sup>11</sup> (PLD). Os ideais do partido estão centrados em propostas libertárias e progressistas de setores populares e de igualdade política entre homens e mulheres.

---

<sup>9</sup> Informações obtidas no site institucional do governo da República Dominicana (<http://www.gob.do/>).

<sup>10</sup> Medina foi eleito em 2012 com 51% dos votos e, em 2016, foi eleito com 61% dos votos. Fonte: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/danilo-medina-assume-2-mandato-presidencial-narepublica-dominicana.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

<sup>11</sup> Partido fundado, em 1973, por Juan Bosch, o qual também foi fundador do Partido Revolucionário Dominicano (PRD) e já está há três mandatos no poder do país.

#### 4 SALOMÉ UREÑA: MULHER, MESTIÇA E PROFESSORA DOMINICANA

Ser mulher negra na República Dominicana era lutar, assim como Salomé Ureña lutou, pelo direito à educação de meninas e de mulheres e pelo exercício pleno da cidadania, os quais, também, foram lutas de mulheres como “[...] Olympe de Gouges, com a Declaração dos Direitos da Mulher, de 1791, e Mary Wollstonecraft, com seu livro Reivindicação dos Direitos da Mulher, de 1792” (DEIFELT, 2003, p. 171). Além disso, Deifelt (2003) aponta para a importância de tais movimentos para a ampliação do movimento feminista no século XIX “[...] para incluir também temas como trabalho e igualdade salarial, direitos reprodutivos e violência contra as mulheres, colocando-os sob o prisma da cidadania” (p. 171).

Quijano (2005) diz que as relações sociais na América Latina foram estabelecidas a partir da ideia de raça, o que trouxe as categorias hierárquicas de identidades – negros, índios, brancos e mestiços. Assim, com as relações de dominação, os papéis e o lugar de pessoas na sociedade foram se moldando e se identificando com a hierarquização conforme a raça e a identidade. Com essa ideia de raça e etnia, revelou-se uma nova forma de superioridade-inferioridade cultural, social e sexual.

Com essa reafirmação de inferioridade

As mulheres negras são as mais segregadas em postos de trabalho e salários. Os homens negros, bem distantes dos homens brancos na divisão do trabalho e em salários. Em tempos de crise do trabalho, o sexismo e o racismo operam de maneira mais segregadora. (SEVILLANO, 2015, p. 229).

A luta dessas mulheres e de tantas outras Salomé Ureñas esquecidas, ajudam e ajudaram na busca pela saída da *senzala*, a qual Gebara (2000) diz ser

[...] uma metáfora para expressar a prisão ou a prisão móvel que muitas mulheres carregam. É prisão imposta pela cultura da pobreza e da dependência. É prisão da condição humana acentuada pelos mecanismos de uma sociedade construída sobre a injustiça e a exclusão. É finalmente prisão doméstica com relativa mobilidade porque se pode andar, mas mesmo andando, os passos estão amarrados, os caminhos estão fechados em meio à imensidão de possibilidades sem acesso permitido. (p. 17).

Gebara (2000) fala sobre a mobilidade da senzala de mulheres nordestinas, no entanto essa metáfora traduz a condição das mulheres na história no que se refere à igualdade salarial, direitos básicos, violência e o espaço na academia e em grandes postos. Esta senzala anunciada pela autora mostra que historicamente a mulher foi colocada às margens, dando origem ao anonimato, tendo em vista que na maior parte da história, anônimo foi uma mulher (WOOLF, 1929). Em seguida será apresentada quem foi a poetisa dominicana.

A poetisa e professora Salomé Ureña de Henríquez (1850-1897) nasceu na cidade de São Domingo, capital da República Dominicana. Além de poetisa e professora, ela esteve presente nas sociedades Amigos del País, Fe en el Porvenir e muitas outras associações beneficentes literárias e/ou artísticas de seu país, nas quais haviam movimentos que aconteciam em Cuba (Liceo de Puerto Príncipe) e em Venezuela (Sociedad Literaria Alegría). (DEMORIZI, 1944).

Assim, percebe-se o envolvimento da autora com a literatura, na República Dominicana, bem como em outros países latino-americanos. O período em que Salomé Ureña cresce é marcado pela história, pois ela nasce pouco depois da fundação da República, e o primeiro governo de Báez. Por isto, a poetisa cresce em um ambiente com conflitos internos e discórdias em prol do poder, fazendo com que a escritora se inspirasse em tais acontecimentos para uma luta pela transformação do país. (DEMORIZI, 1944, p. 7).

Por isso, muitos de seus escritos como *27 de Febrero*, *A los Dominicanos* e *A Mi Patria* estão centrados na temática da libertação do povo dominicano, revelando as influências do contexto em que ela nasce e cresce, mostrando que a poetisa tinha “um olhar voltado para o futuro”, o qual era de esperança e de glórias (LÖWY; SAYRE, 1995, s/p), conforme pode-se evidenciar nos excertos abaixo:

**iOh** fecha generosa  
que el patriota saluda y reverencia;  
en que libre flotara victoriosa  
la enseña de la patria independencía!

[...]  
¡Venciste, **oh Dios**, qué gloria!  
Venciste, Patria, y tu preclaro nombre  
con dessellos de luz graba la historia,  
y te tributa admiración el hombre.

Mas ¡**ah!** ¿piensas que basta

ese triunfo de hazañas y grandezas?  
 ¡A más altura tu bandera enasta!  
 De otra lucha te aguardan las proezas.

Convoca tus legiones,  
 no ya al festín de la matanza fiera,  
 sino a la santa lid de las naciones  
 donde el talento vencedor impera. (UREÑA, 1975, p. 100)<sup>12</sup>.

Salomé Ureña escreve essa poesia evidenciando o momento em que a República Dominicana fica independente da Espanha (1804): “¡Venciste, Patria!”. Percebe-se a exaltação de emancipação de um povo, considerando as evocações por ela utilizadas – **¡Oh; oh Dios; ¡ah!**. A partir disso, é possível identificar que a autora possui uma alma ampla e vasta com uma visão de que todos os destinos possíveis não oferecem condições de “preencher” seus anseios.

Desde muito cedo a poetisa começa a escrever suas primeiras poesias, que foram publicadas, primeiramente, com o pseudônimo de Herminia, tendo em vista que seu pai Nicolás Ureña de Mendoza “fué poeta, abogado de buena reputación, ocupó cargos de senador y de magistrado y se dedicó al magisterio y al periodismo” (DEMORIZI, 1944, p. 4) e não queria ser reconhecida pela trajetória que seu pai já tinha construído. Além disso, pseudônimos eram utilizados por mulheres na área da literatura pela necessidade de anonimato e de não exposição, considerando todos os espaços que eram negados às mulheres, fazendo com que elas utilizassem outros nomes em seus escritos.

Apenas aos 17 anos, quando surge “outra” Herminia, começa a assinar as poesias como Salomé Ureña. Além disso, é reconhecida e citada como referência “en el Parnaso<sup>13</sup> de América junto a la Avellaneda y a Sor Juana Inés de la Cruz. (DEMORIZI, 1944, p.5).

Em 1880, Salomé Ureña se casa com Francisco Henríquez Carvajal, momento em que seu marido constitui, em parceria com Eugenio María de Hostos<sup>14</sup>,

<sup>12</sup> Durante o texto será utilizado apenas o número da página quando for utilizada a citação do livro *Poesias Completas*, de Salomé Ureña. Além disso, as marcações em itálico são da poetisa e em negrito as minhas.

<sup>13</sup> Há que se entender Parnaso no sentido genuíno de coleção, não ligado necessariamente ao Parnasianismo como escola literária.

<sup>14</sup> Transformou a educação na República Dominicana com a criação das *Escuelas Normais*. Hostos enxergava a educação como processo de libertação individual e coletiva, ou seja, a educação como desenvolvimento da razão libertadora, embasadas, principalmente, na solidariedade, tolerância, igualdade, responsabilidade, justiça e paz. Seu princípio era a formação de meninos e de meninas



a *Escuela Normal*, espaço de formação de *maestros* e de *maestras*. A poetisa se junta aos dois e, em 1881, cria o *Instituto de Señoritas*, o primeiro instituto de ensino superior para mulheres na República Dominicana, o qual ela dirigiu por mais de uma década. Salomé Ureña, em seu escrito *Palabras*, fala sobre a mudança da educação das mulheres na República Dominicana, conforme pode ser evidenciado em seguida:

Bástame, señores, con la satisfacción íntima de ver el cambio que va operándose gradualmente en la educación de la mujer dominicana; y si alguna gloria hay en ello, la reclamo toda entera para los que conmigo han coadyuvado a la realización de la obra. (p. 336).

Após a fundação do espaço de formação para mulheres, Salomé Ureña tem quatro filhos: Fran, Max, Pedro e Camila. Em 1887, seu marido vai para Paris estudar medicina, onde fica até o ano de 1891. Nesse período a poetisa escreve apenas 8 poesias com os temas de melancolia, amor e anseios. Em 1987, Salomé Ureña morre aos 46 anos de tuberculose, sendo enterrada na igreja de *Nuestra Señora las Mercedes*.

Esta mulher conquistou espaço e reconhecimento em uma sociedade e um tempo em que estes são dedicados aos homens, tanto que, por voto popular, em 1887, foi-lhe concedida uma medalha em ato público organizado pela *Sociedad Literaria Amigos del País*, instituição que em 1880 havia patrocinado a primeira publicação de sua obra. A poesia *La fe en el porvenir* foi dedicada a esta sociedade:

Eterna soñadora  
de triunfos y grandezas inmortales,  
con viva luz sus horizontes dora.  
Decidle que ideales  
son los portentos que su mente crea,  
que es vana la esperanza que la agita:  
triunfante el orbe mostrará su idea  
si le infunde valor la fe bendita. (p. 105-106).

Já na metade do século XX, novamente-lhe foi dada uma honraria póstuma. A Secretaría de Estado de Educación, Bellas Artes y Cultos ofereceu, em memória, no “ano da mulher”, a 5ª edição das suas *Obras Completas* (1950). Sua destacada



postura, visão política, força e beleza de suas palavras, dirigidas a contribuir na construção de uma “pátria livre e soberana”, materializaram-se em poesia, difundida em jornais e eventos sociais da época, como também na abertura da primeira escola superior normal para mulheres e em sua atuação como educadora. O reconhecimento que lhe fora destinado e sua importância ultrapassam os limites do tempo em que viveu, assim como as fronteiras onde nasceu. Mesmo nunca tendo saído de seu país, sua fama ultrapassou fronteiras. Segundo Rodríguez Demorizi (1944), Salomé Ureña conquistava admiração de mentalidades nacionais e estrangeiras que lhe rendiam tributo e admiração, citando o exemplo do reconhecido poeta venezuelano Juan Antonio Pérez Bonalde, um dos precursores do Modernismo na América Latina.

Conforme já anunciado, Salomé Ureña Henríquez y Carvajal, pelo seu movimento na República Dominicana, faz um caminho contra-hegemônico em busca de direitos de mulheres. No entanto, não se pode negar a presença e a influência de seu marido Francisco Henríquez y Carvajal – de quem ganha o sobrenome, e de Maria Eugenio de Hostos (1839-1903)<sup>15</sup>, os quais podem ter ofuscado Salomé Ureña, tendo em vista a limitação de trabalhos acadêmicos sobre a poetisa, em comparação a estes homens; além disso este era um tempo em que as relações patriarcais estavam/são presentes, limitando a participação de mulheres na política, na educação e na ciência.

É importante identificar o que era ser uma Henríquez y Carvajal, considerando que seu marido também era professor e escritor. Francisco Henríquez y Carvajal também era político e foi presidente da República Dominicana em 1916. Assim, Salomé Ureña, na condição de mulher mestiça tinha possibilidades privilegiadas, considerando outras mulheres da época, tendo em vista o posto político que seu marido atuava. Desse modo, pode-se dizer que ela deveria ser letrada em virtude disso – estar à “altura” do marido. Ademais, a poetisa teve ajuda e apoio do marido e do amigo Maria Eugenio de Hostos na criação do instituto para maestras, tendo em vista que Hostos fundou a primeira Escola Normal no país e ele, também, era defensor do direito de mulheres à educação superior.

---

<sup>15</sup> Conhecido como O Grande Cidadão das Américas, foi professor, filósofo e sociólogo porto-riquenho.

Todavía, além do apoio na criação do instituto, Hostos reafirmava questões que ainda estão impregnadas nas mulheres. O autor anuncia o feminino socialmente construído e atribuído às mulheres, conforme o excerto que traz a fala de Hostos:

[...] Los tributos poéticos de Salomé Ureña a los afectos, a los seres queridos, al hogar, a su digno esposo y a sus hijos, forman una serie de composiciones extraordinariamente subjetivas, pues todas juntas sugieren la certidumbre de que la poetisa era además una mujer; no hay ninguna de ellas que no sugiera algún sentimiento delicado, alguna recóndita sonrisa de complacencia, algún noble estímulo para la vida, alguna de esas tristezas reconfortantes que sirven de séquito, y a veces de ovación, al mérito moral e intelectual desconocido. (DEMORIZI, 1942, p. 8).

As colocações de Hostos são um exemplo perfeito do entendimento de como a mulher é vista como delicada e sensível. A questão é que os escritos da dominicana são resultados dos conflitos de busca pelo poder em seu país. No entanto, cabe ressaltar que a temática de seus escritos deve ser de escolha das mulheres, mesmo que esses sejam sobre o sentimento, mas que seja o que elas querem escrever e, nesse caso, de uma forma crítica, de anúncio e denúncia dos acontecimentos da República Dominicana. Esta questão mais crítica sobre as características identificadas como femininas será abordada e analisada no Capítulo 6.

Não é possível identificar qual o impacto de Salomé Ureña para o seu país no século XIX, pois nenhum texto ou artigo foi encontrado. No entanto, no futuro da República Dominicana é possível observar que existe o reconhecimento da poetisa como referência na literatura e na educação dominicana, tendo em vista que existem estudos sobre a poetisa - mesmo que ainda sejam poucos. A identificação como poetisa nacional em seu país pode ser evidenciada, por exemplo, em muitas escolas que levam o nome da autora, dentre elas a Escuela Salomé Ureña de Henríquez:

Figura 2: Escuela Salomé Ureña



FONTE: Site da escola<sup>16</sup>.

Dessa forma, trazer e escrever sobre Salomé Ureña é uma forma de buscar a poetisa como uma referência para a América Latina, identificando e anunciando a importância que mulheres como ela tiveram na área da educação e, nesse caso, também, da literatura. Assim, a pesquisa visa dar visibilidade para o que a dominicana denunciava e pelo que lutava naquele tempo, seja pela formação de *maestras* ou pela sua pátria que se encontrava em *Ruinas*, conforme excerto:

**Memorias venerandas de otros días,**  
soberbios **monumentos,**  
**del pasado** esplendor reliquias frías,  
donde el arte vertió sus fantasías,  
donde el alma expresó sus pensamientos. (p. 94).

A poesia fala de memórias de um tempo de cinzas e de destroços pelo qual a República Dominicana passara com o abandono de espaços como hospitais e instituições de ensino. Nesse sentido, o papel de Salomé Ureña, de Nísia Floresta, de María Luiza Dolz, e de tantas outras mulheres, foi o de lutar pelo direito de cidadania de mulheres, seja sendo professoras, escritoras ou fundadoras de instituições voltadas para o crescimento e visibilidade da mulher latina e ou da não vinculação de atividades tidas como femininas; naquele e nesse mundo voltado para o homem.

<sup>16</sup> As fotos e outras informações sobre a escola podem ser vistas no link: <https://sites.google.com/site/escuelasalomeurenadehenriquez/>.

#### 4.1 O primeiro instituto para mulheres na República Dominicana

O *Instituto de Señoritas* foi fundado em 1881 por Salomé Ureña, após a constituição das *Escuelas Normales*. A primeira turma do instituto foi composta por 14 alunas, sendo o primeiro “plantel femenino de Enseñanza Superior en la República” que é “sin duda la escuela de mujeres más importante que ha habido” (DEMORIZI, 1944, p. 23) na República Dominicana. Em 1887, o Instituto celebrou as primeiras maestras formandas: Leonor María Feltz, Mercedes Laura Aguiar, Luisa Oze-ma Pellerano, Ana Josefa Puello, Altagracia Henríquez Perdomo y Catalina Pou. Além disso, na formatura das professoras, Salomé Ureña recita a poesia *Mi ofrenda a la Patria*, o qual podemos chamar hoje de uma militância feminina – como toda a trajetória da poetisa.

¡Hace ya tanto tiempo...! Silenciosa  
sí, indiferente no, Patria bendita, yo  
he seguido la lucha fatigosa con que  
llevas de bien tu ansia infinita.

Ha tiempo que no llena tus confines  
la voz de mi esperanza, ni el alma,  
que contigo se enajena, a señalarte  
el porvenir se lanza.

He visto a las pasiones levantarse en  
tu daño conjuradas para ahogar tus  
supremas ambiciones, tus anhelos de  
paz y de progreso,  
y rendirse tus fuerzas fatigadas al  
abrumarte peso. (p. 146).

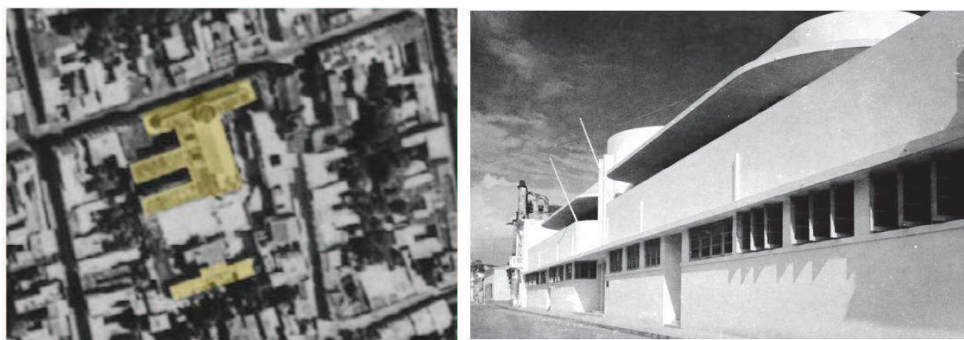
No trecho é possível perceber que a poetisa fala da luta fatigosa, a qual pode estar relacionada com as dificuldades de criar o instituto, tendo em vista que é o primeiro do país. A maestra fala da voz de esperança infinita, pelo anseio de que mulheres possam ter voz e educação no ensino superior, pensando no *porvenir* que deve ser de progressos e transformação que deposita em suas maestras formadas.

Criar o primeiro instituto para mulheres na República Dominicana, no século XIX, não deve ter sido tarefa fácil. Ainda existem muitas meninas e mulheres lutando

pelo direito à educação, como o exemplo de Malala Yousafzai<sup>17</sup>. Assim, Virginia Woolf, em *Women in fiction*, fala sobre quando a mulher passa a ser agente de ações, momento em que ela anuncia questões e movimentos que possibilitam a desvinculação do “papel” da mulher naquele tempo em que mulheres eram instruídas durante a infância para o exercício do lar ou da devoção (LAGARDE, 2005).

Dessa forma, Salomé Ureña, de certa forma, faz esse movimento anunciado por Woolf, quando cria um espaço para instrução de mulheres no ensino superior. Em seguida, são apresentadas duas imagens do instituto:

Figura 3 e 4: Localização e foto do *Instituto de Señoritas*



Fonte: Estado Dominicano (1943-1944).

Após 12 anos de funcionamento, o instituto é fechado, por causa da saúde frágil de Salomé Ureña. No dia 06 de março de 1887, a poetisa morre em Santo Domingo. Em homenagem à poetisa, pela primeira vez, desfilaram as mulheres dominicanas em um ato civil (DEMORIZI, 1944). O instituto ficou três anos fechado<sup>18</sup>, mas, em janeiro de 1896, foi reaberto pelas irmãs Luisa Ozema Pellerano de Castro e Eva Pellerano de Castro.

A maioria das professoras dominicanas, segundo Demorizi, foram discípulas daquelas que tiveram sua formação à *sombra* de Salomé Ureña. Assim, a pedagoga, em seu discurso para a segunda turma de maestras, diz

<sup>17</sup> Ativista paquistanesa, sendo a pessoa mais jovem a ganhar o prêmio Nobel. Ela é reconhecida pela defesa dos direitos humanos e do acesso à educação para mulheres em sua cidade natal Vale do Swat, nordeste do Paquistão.

<sup>18</sup> Após a morte de Salomé Ureña, o instituto leva o seu nome.

y bien, he dicho a mis discípulas, vamos a verter una gota de miel en su copa de acíbar; llevémosle, como prenda de gratitud. y despedida, un nuevo fruto de nuestras labores, para que lo consagre con su palabra amorosa. Y henos aquí llenando el sagrado deber. Nuestra presencia en este lugar es la expresión de un voto de gracias y de un adiós. (p.332).

O discurso exalta a vontade da autora de que suas alunas continuem com o trabalho de formar outras professoras, espalhando e levando *a gota de mel* para que se consagrem mulheres que ocupem e pensem na mudança e no progresso de meninas e de mulheres.

Mulher, dominicana, poetisa, professora, esposa e mãe: assim a vida de Salomé Ureña

se resume en dos hechos esenciales: soñó con el bien de su patria y dedicó sus versos a encaminarla hacia la paz y el progreso; después creyó que eso no bastaba, y se dedicó a la educación de la mujer. (DEMORIZI, 1944, p.25).

Por tudo isso, ela é uma referência na literatura feminina na República Dominicana: pela sua dedicação à educação da mulher dominicana - rompendo com o ensino destinado, naquela época, somente para os homens - e pelos anúncios e denúncias realizados através de suas palavras.

Ademais, o movimento feito pela poetisa é o primeiro realizado por uma mulher na República Dominicana no século XIX. A perspectiva da poetisa vai além de uma visão “doméstica” e “feminina”, rompendo com heranças da história de repressão de mulheres e buscando na literatura um espaço para retratar as vivências de lutas pelo direito à educação de mulheres e a vida em um país que almeja a paz e o bem viver. Assim, é possível identificar o protagonismo da mulher: negando, anunciando e denunciando a *sujeição* como produtoras e fazedoras de história, contribuindo para a superação de uma relação de inferiorização da mulher. Nessa perspectiva

[...] a literatura de autoria feminina precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença. A temática que daí surge será tanto mais afetiva, delicada, sutil, reservada, frágil ou doméstica quanto retratará as vivências da mulher no seu dia-a-dia, se for esta

sua vivência. Mas o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas "domésticas" e "femininas" e ainda de outros estereótipos do "feminino", herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje. (LOBO, 2011, s/p).

Assim, ainda que a sensibilidade e a subjetividade poética possam ser elementos de destaque, cabe pensar a sua produção poética também inserida num universo social – a sociedade dominicana, com dois focos, a pátria e a condição feminina. Nessa perspectiva, Salomé Ureña é uma mulher delicada e sensível, mas que reconhece nas mulheres e nos homens a luta, a glória e a virtude que espera do futuro da República Dominicana. De tal modo a literatura feminina precisa criar um espaço próprio que perpassa a visão “frágil” da mulher para que ela seja um sujeito de representação de busca por direitos. Salomé Ureña, por sua vez, traz esse olhar distinto, considerando sua trajetória de vida e sua atuação na área da educação.

#### **4.2 Literatura e educação: mulheres do século XIX**

É importante dizer que este subcapítulo não visa à uma comparação de mulheres no sentido de compreender que uma é melhor do que a outra, mas de comparar os contextos, as conquistas e as lutas de mulheres para identificar um possível movimento de feminino no século XIX. Dessa maneira, o objetivo é de promover a visibilidade das experiências dessas intelectuais invisibilizadas, que foram e são muitas, e ao movimento que elas realizaram e que tem grande força no século XIX.

As autoras selecionadas são parte de um processo de movimento feminista, que ajuda a pensar no avanço da área da educação, conforme será visto mais adiante, como: educação para meninas e meninos, criação de espaços para mulheres escritoras, formação de *maestras* no ensino superior e entre outras reivindicações e conquistas de espaço, realizados por estas mulheres.

Entende-se necessárla tal reflexão por saber das relações de opressão e de dominação que a América Latina sofre, o que atinge, principalmente, as mulheres que, na história, foram encobertas, no anonimato e no plano do privado. Por isso, mostrar as experiências e feitos dessas mulheres é necessário para o anúncio de



um movimento de mulheres contra o colonialismo, considerando a relação de dominação política, social e cultural dos europeus aos conquistados de todos os continentes.

Tendo em vista esta lógica de opressão social de exclusão das minorias, é possível dizer que ela se torna e cria a relação de poder que produziu codificações raciais, machistas, homofóbicas, entre outras (GARGALLO, 2006), o que toma conta de vários aspectos, entre eles o cultural, o político e o humano. Sob estes aspectos, sabe-se que houve uma massiva agressão e extermínio dos índios e de sua cultura, sendo identificado como a maior colonialidade cultural dos europeus sob a América Latina (GARGALLO, 2006). Em 1994, os movimentos zapatistas e indígenas e, em 1999, o surgimento de um movimento mundial contra a globalização, realizaram um movimento contra-hegemônico, articulando formas anticapitalistas com grupos coletivos e autônomos (GARGALLO, 2006).

Já o movimento de mulheres, durante todo o século XX, foi um movimento pacifista, internacionalista e progressista, que organizou resistência contra o fascismo na Alemanha, Itália e Espanha, o qual consagrou direitos das trabalhadoras e das mulheres em geral (GARGALLO, 2006). No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o retorno em massa dos homens nos postos de poder fez com que o movimento de mulheres ressurgisse com uma nova postura, a qual tinha como objetivo a libertação de mulheres, igualdade entre homens e mulheres, levando ao debate a discussão sobre a vida privada e política, a imagem sexista sob as mulheres e a descriminalização do aborto (GARGALLO, 2006). Segundo Gargallo (2006) as mulheres finalmente se reuniram em grandes redes, uma vez que ficavam à sombra de partidos políticos majoritariamente de homens, e conquistaram a autonomia política, que é uma das conquistas do movimento feminista.

Ainda, as autoras Selma James e Mariarosa Dalla Costa, no livro *El poder de la mujer y la subversión de la comunidad*<sup>19</sup> (1977), discutem o papel da mulher e sua presença em espaços de lutas. James e Costa (1977) relatam que cada vez mais as mulheres estavam tendo visibilidade em mídias de circulação, como jornal, revista e periódicos, os quais relatavam os movimentos de mulheres. Alguns dos tópicos centravam-se em temas como mulheres da alta sociedade e seus

---

<sup>19</sup> A primeira edição deste livro é de 1953, nos Estados Unidos.



casamentos, índices de divórcios e quais os motivos deles; e a inquietação das donas de casa - ser dona de casa ou ficar *desasosiego* com a decisão de não ser.

A partir desses temas abordados, na metade do século XX, percebe-se que o que foi anunciado nos meios de divulgação reforçam o estereótipo da mulher que deveria casar, cuidar da casa e dos filhos e que deveriam se sentir satisfeitas com tais imposições. James e Costa (1977), nesse sentido, anunciam que

El método que tienen estos autores para eludir el papel de la mujer en la confección de la historia consiste en eludir la vida cotidiana de millones de mujeres, lo que hacen y piensan. Es en esta vida cotidiana donde se manifiesta lo que las mujeres quieren y lo que no quieren. (p.66).

O que as autoras sinalizam é o protagonismo da mulher pela mulher, nada e nem ninguém melhor daquelas que sentem e vivem para saber o que deve ser feito e o que querem que seja feito. Além disso, as mulheres *obreras* e *amas de casa* devem fazer parte desse grupo de mulheres *profesionistas* (que escrevem e que têm uma profissão que exige algum tipo de formação) para que a sua realidade e as mudanças que querem sejam atendidas de acordo com o que julgam necessário. Isso acontece, pois o lugar de fala diz muito sobre a visão de mundo e de sociedade, considerando que as *profesionistas*

No toman en cuenta, por lo tanto, las presiones diarias que enfrentan las mujeres. No consideran el hecho de que las mujeres, al solucinar estas presiones a su manera, se dan cuenta de la fuerza que poseen ellas y las demás mujeres. Eluden decir que las mujeres, al sentir fuerza y destruir las antiguas relaciones, se están preparando con sus maridos para una relación mejor. (JAMES; COSTA, 1977, p. 67).

Esta menção está relacionada com o conceito de *sororidade*, conforme explica Lagarde:

La sororidad es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.

Enfrentar de esta manera la misoginia implica el poder y la libertad de pensamiento que permiten abandonar críticamente los valores, prejuicios y estereotipos patriarcales con los que, de manera tradicional y conservadora, nos aproximamos a las otras y a nuestro género. (LAGARDE, 2012, p. 543).

Dessa forma, as mulheres são companheiras na luta pelos direitos plenos de cidadania em espaços e em reivindicações variadas. Assim, entende-se que as mulheres podem ser solidárias com a causa não apenas de um grupo de mulheres, mas de pensar e ajudar umas às outras de forma que a justiça social e a (des)patriarcalização de saberes e poderes aconteça.

Antes das discussões levantadas por James e Costa (1977), existem conquistas importantes garantidas pelas lutas das mulheres no Brasil, dentre elas: a) a conquista do voto, conforme pode ser identificado abaixo:

Após a conquista do direito ao voto, estabelecido pela Constituição Federal em 1932, as mulheres passaram a ocupar maior espaço no eleitorado do País. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), atualmente, a participação feminina é de quase 53% do total de 146.470.880 eleitores no Brasil.

O movimento feminista possibilitou ainda que, em 1934, o Brasil elegesse Carlota Pereira Queiróz, como sua primeira deputada. Naquele mesmo ano, a Assembleia Constituinte assegurava o princípio de igualdade entre os sexos, o direito ao voto, a regulamentação do trabalho feminino e a equiparação salarial entre os gêneros. (BRASIL, s/p, 2017).

E b) A criação do Conselho Nacional do Direito da Mulher (CNDM):

Nos anos 1980, as feministas embarcam na luta contra a violência às mulheres. Em 1985, é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinada ao Ministério da Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais. (BRASIL, s/p, 2017).

Este capítulo apresenta de forma breve conquistas de mulheres no que se refere à educação. Pretende-se mapear aspectos do movimento de mulheres escritoras da América Latina, no século XIX, para entender as suas reivindicações, seus movimentos e suas trajetórias na área da educação e da literatura. Para realizar tal movimento, será utilizado o livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (MUZART, 2000), no qual estão presentes as autoras: Nísia Floresta Brasileira

Augusta, Joana Paula Manso de Noronha, Maria Firmina dos Reis e Francisca Izidora Gonçalves da Rocha.

Além dessas mulheres, foram selecionadas Gabriela Mistral – que está na primeira edição do livro de *Fontes da Pedagogia Latino-americana*, e Soledad Acosta de Samper – que estará na segunda edição do livro. A escolha da obra e das escritoras se justificam pela temporalidade e pelas experiências dessas autoras na área da literatura e da educação, pois possuem similitudes com a experiência de Salomé Ureña e por estarem presentes mulheres de outros países do continente sul<sup>20</sup>. Abaixo, apresenta-se um quadro em que alguns nomes foram selecionados para a realização do mapeamento do movimento de mulheres no século XIX.

---

<sup>20</sup> Mesmo que a obra seja de mulheres brasileiras, estão presentes mulheres que vieram de outros países para o Brasil e realizam ações a favor de meninas e mulheres no século XIX.

Quadro 4: Mulheres escritoras do século XIX

<b>Autora</b>	<b>País</b>	<b>Contribuição</b>	<b>Publicações</b>	<b>Atuação</b>
Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885)	Brasil – Rio Grande do Norte	Fundou o Colégio Augusto para meninas no Rio de Janeiro (1838)	<i>O diário do Rio de Janeiro; O liberal; O Brasil ilustrado</i>	Política, questões sociais e literatura
Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875)	Argentina – Buenos Aires	Fundou o Jornal das Senhoras (1852) e o Álbum de Señoritas (1855)	<i>La Educación del pueblo, capítulo em que fala sobre a educação da mulher</i>	Literatura, moda, belas-arts e crítica
Maria Firmina dos Reis (1825-1917)	Brasil São Luís	Fundou uma escola gratuita para meninas e meninos (1880)	<i>A verdadeira marmota; Seminário Maranhense; O domingo</i>	Literatura, questões raciais e letras
Francisca Izidora Gonçalves da Rocha (1855-1918)	Brasil Recife	Manteve o jornal A Victoria e foi uma das principais redatoras da revista O Lyrio	<i>Pernambucanas ilustres; O sítio de Lysandra; Açucenas entre outros</i>	Literatura
Soledad Acosta de Samper (1833-1913)	Colômbia – Bogotá	La mujer – revista dirigida por mulheres (1879)	<i>Novelas y cuadros de la vida sulamericana, La mujer ha concluido su carrera, Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones</i>	Pensamento histórico latinoamericano, literatura
Gabriela Mistral (1889-1957).	Chile-Vicuña		<i>Sonetos de la muerte, Ternura, Poema de Chile entre outros</i>	Literatura, movimento feminista

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (MUZART, 2000).

A obra<sup>21</sup> apresenta experiências femininas do Século XIX, a qual se preocupa em exaltar a experiência de mais de 50 mulheres<sup>22</sup> “esquecidas” ou ignoradas na história da literatura. Antes de anunciar quem foram e quais são as contribuições dessas mulheres, é importante dizer o que se entende, nesta pesquisa, por literatura feminina.

Acredita-se que a literatura de autoria feminina busca uma nova perspectiva da mulher como imagem, frente (em contestação) a forma como a mulher sempre foi representada (SCHMIDT, 2017). Dessa forma, Schmidt (2017, p. 39) diz que é necessário

[...] considerar o tratamento crítico do texto escrito pela mulher através de uma ótica que questiona a forma específica do cânone da tradição literária, com o objetivo de se redefinir e incluir o que se julga relevante, do ponto de vista literário.

Nesta perspectiva, pode-se e deve-se refletir e problematizar na literatura feminina

[...] não só identificar e explicar os silêncios, as distorções e as contradições que sublinham a codificação da mulher na literatura, como também compreender a marginalização da mulher escritora no panteão literário a partir de uma realidade histórico-cultural que favorece a cumplicidade entre produção, tradição literária e ideologia patriarcal. (SCHMIDT, 2017, p. 40).

Dessa forma, pretende-se exaltar não apenas a visibilidade destas mulheres escritoras da América Latina, mas anunciar possibilidades de exaltar uma tradição literária feminina, buscando um movimento contra-patriarcal e de protagonismo de mulheres escritoras e professoras do século XIX. A arte literária feminina reflete uma linguagem não verbal, pois é um anúncio da realidade. Desse modo, a literatura de mulheres traz desejos, anseios e lutas na busca de direitos e de superação de uma ideologia patriarcal.

---

<sup>21</sup> O livro é resultado de um projeto de pesquisa iniciado pelas professoras Rita Terezinha Schmidt (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), Eliane Vasconcellos (Fundação Casa de Rui Barbosa - FCRB) e Zahidé L. Muzart (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC).

<sup>22</sup> Presentes no primeiro volume do livro. Existe ainda um segundo volume do livro com outras mulheres esquecidas ou ignoradas no século XIX. Este novo volume traz mulheres nascidas entre 1860-1886, que publicaram seus escritos, principalmente, no século XX.

Tendo em vista a ausência de trabalho sobre mulheres como referência para a educação latino-americana, como pode ser identificado no próximo capítulo, o estudo busca realizar o panorama das experiências dessas mulheres para identificar como elas lidavam com o que estava acontecendo no mundo, quais eram as suas lutas e discutir a conceituação social sobre a condição da mulher e do que não se pode negar mais às mulheres e à América Latina.

### **4.3 Experiências de mulheres escritoras do século XIX**

Nesse momento serão apresentados as experiências e os feitos de mulheres escritoras do século XIX, com o objetivo de representar essa dupla atividade de poetisas e pedagogas/escritoras, ou ainda formadoras de opinião – e de que forma estas intelectuais podem se aproximar da experiência e feitos de Salomé Ureña.

#### **Joana Paula Manso de Noronha (Argentina, 1819-1875).**

Argentina de Buenos Aires. Foi professora, escritora, jornalista e uma das pioneiras do feminismo no Uruguai e na Argentina. Joana Noronha veio ao Brasil e escreveu para jornais cariocas. Em 1852 ela fundou, no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras*, editado todos os domingos com o subtítulo de modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica. Na primeira edição do jornal, a autora falou dos objetivos do jornal, elucidando a transformação social para a emancipação moral da mulher. Em 1853, ela foi abandonada pelo marido e retorna à capital da Argentina. Seu retorno se deve ao “[...] o término do seu casamento, o fato de ter sido recusada na Escola de Medicina e, principalmente, por ter chegado ao fim a ditadura de Juan Manuel de Rosas (1829-1852)”. (LOBO, 2009, p. 48). Em 1859 ela foi nomeada por Sarmiento como diretora da primeira escola mista de Buenos Aires.

A escritora buscava a conscientização de outras mulheres a partir de publicações literárias de outras senhoras, as quais podiam ficar no anonimato, se assim quisessem, o que permite evidenciar o difícil acesso da mulher em um espaço “reconhecido” como masculino, o jornal e as letras.

Vasconcellos (2012, p. 229) traz um trecho do primeiro número do jornal:

Ora pois, uma senhora à testa de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais. Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?.

O fragmento aponta para o movimento necessário de mulheres latinas na busca por espaços de fala e de escrita, tendo em vista que outras articulações femininas já estavam sendo realizadas no hemisfério Norte. O direito de ter voz e ter espaço em mídias, como o jornal, é uma das possibilidades, encontrada na palavra, nas reivindicações por direitos assim a constituição do jornal foi de suma importância para o avanço de mulheres como portadoras de suas próprias falas e vivências.

Além do *Jornal de Senhoras*, a escritora criou em 1854, em Buenos Aires, o *Álbum de Señoritas*, o qual é, em contrapartida, muito similar ao que fundou no Brasil, pois possui as mesmas pautas e o mesmo objetivo: a mulher como autora de suas experiências e ações, promovendo a emancipação moral e social da mulher tanto no Brasil quanto na Argentina.

Pode-se dizer que Joana Manso preocupou-se e manteve-se à luz do comprometimento com a educação popular e com a emancipação de mulheres através da escrita, o que é evidenciado nos jornais fundados por ela no Brasil e na Argentina. A escritora, assim como Salomé Ureña, tinha a preocupação de colocar a mulher em outra posição social, comprometendo-se com a instrução no ensino superior (Salomé Ureña) e na emancipação da mulher através da palavra (Joana Manso), conforme o escrito que diz “[...] a mulher é livre das suas ações, e é considerada como ser racional, e tem uma vida intelectual inteiramente igual à do homem”. (MANSO, 1852, *Jornal das Senhoras*).

Ao mesmo tempo, existe uma controvérsia, em suas primeiras produções e ideias, conforme aponta Vasconcellos (2000, p. 230):

No artigo publicado em 25 de janeiro [...], continua expondo sua opinião sobre a emancipação moral da mulher, agora debaixo do título de “Declaração”, o que lhe empresta – pelo menos no título – um valor de manifesto, de afirmação de uma ideologia sobre a mulher.

Segundo Vasconcellos (2000), tal declaração não renova nada. No entanto, o objetivo de Joana Manso era o de esclarecer a condição da mulher em relação à

“proteção” do marido. A autora fala de que tal “proteção” precisa ser sinônimo de amizade e não um sinônimo de *domínio brutal*. De acordo com Vasconcellos (2000, p. 230) para Joana Noronha a emancipação da mulher é

[...] a “ilustração”; e esta começa com a religião, que dá consciência à mulher de seus deveres de filha, esposa e mãe. A partir daí a mulher deve procurar adquirir conhecimentos gerais, mas nas palavras de Joana, “não cientificamente”, mas “poética e religiosamente”, o que, no fundo, além de revelar falta de conhecimento literário, põe em relevo apenas o que já tradicionalmente acontecia.

A partir do exposto, identifica-se que Joana Manso ainda vivia e tinha padrões sociais impregnados, os quais reproduzia. Mas, ela acreditava na emancipação da mulher, principalmente por acreditar que “[...] isto fazia parte dos planos de Deus”. (VASCONCELLOS, 2000, p.231). Além disso, a sua publicação *O Homem* foi resposta a uma carta anônima, em que se pode identificar um avanço em suas ideias, considerando que o conteúdo da carta era a indignação da condição das mulheres no Brasil, momento em que ela morava nos Estados Unidos, onde o progresso e igualdade já estavam mais avançados, tendo em vista que já se reivindicava a entrada da mulher no mercado de trabalho.

A partir disso, identifica-se que a escritora forma poucos questionamentos quanto à condição da mulher – mãe e esposa. No entanto, a escritora almejava o respeito entre homens e mulheres, principalmente para que a mulher não fosse a *serva oprimida* e, com isso, inspirava outras mulheres à instrução, com a qual, de acordo com Joana Manso, o seu papel como mãe e esposa seria melhor realizado, procurando o respeito e a sua emancipação como oprimida pela *proteção brutal* dos maridos.

Assim, evidencia-se que Joana Noronha tem uma experiência parecida com a de Salomé Ureña, tanto pela produção literária – pela publicação do primeiro compêndio da história argentina e de novelas americanas – quanto pelo pioneirismo de construção de espaços para mulheres – com os institutos *Jornal de Senhoras* e o *Álbum de Señoritas* (Manso) e o *Instituto de Señoritas* (Ureña). Salomé Ureña constituiu o instituto para que as mulheres da República Dominicana tivessem acesso à educação superior, para que se tornassem *maestras*; já Joana Manso dedicou-se ao ensino misto (chamado de coeducação), o qual não considerava o



gênero do aluno e da aluna no que se refere ao percurso acadêmico e escolar, tentando igualar as oportunidades entre os gêneros.

### **Maria Firmina dos Reis (Brasil, 1825-1917)**

Considerada a primeira escritora brasileira, nasceu em São Luís, no Maranhão. Foi musicista e escritora, considerada a primeira romancista brasileira. No ano de 1847, começou a sua carreira na educação como professora das primeiras letras, atividade que exerceu durante 34 anos (MUZART, 2000).

Em 1859 publicou o que foi conhecido como o primeiro romance de uma escritora brasileira: *Úrsula*<sup>23</sup>, o qual, assim como outras tantas escritoras, foi identificado com o pseudônimo de *Uma maranhense*, isto pois, segundo Rio e Júnior (2016, p. 123):

[...] a escritora Maria Firmina dos Reis adotou o uso do pseudônimo “Uma maranhense” como assinatura do romance, “obedecendo” regras historicamente construídas pelas práticas discursivas vigentes, que não concediam às mulheres o lugar de autoria na escrita literária, jornalística, dentre outros.

Com isso, pode-se pensar sobre a invisibilidade de mulheres na literatura e, também, o preconceito racial naquele tempo – o que pode ser identificado no embranquecimento de Salomé Ureña, como será apresentado no próximo capítulo. Segundo a autora e o autor, o romance ficou desconhecido por, pelo menos, um século. Ainda, no romance, é possível identificar o racismo, pois nas palavras da autora:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2009, p. 13).

---

<sup>23</sup> O romance teve sua primeira edição em 1859, depois uma edição facsimilar em 1975, organizada por Horácio de Almeida. (RIO; JÚNIOR, 2016). Existe uma possível visibilidade, considerando que o romance está na lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a partir de 2019.

O romance *Úrsula* conta a história de uma mulher branca, mas é possível identificar as vozes das personagens negras se sobrepondo às demais personagens, configurando e desenhando o tema principal do escrito que é a abolição (RIO; JÚNIOR, 2016). Desde a publicação do romance, a escritora colaborou com diversos jornais literários, tais como: *A Verdadeira Marmota*, *Seminário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *Federalista* entre outros (MUZART, 2000).

Além de *Úrsula*, que pode ser identificado como um marco na carreira da autora, ela publicou o conto *A escrava*, na *Revista Maranhense*, em 1887. No texto, Maria Firmina fala e descreve sobre uma mulher que é ativa e que luta pela causa abolicionista. Com essa produção, a escritora pode ser identificada como uma figura importante na luta pela libertação do povo negro, através do poder da palavra.

Além da produção literária da autora, em 1879, ela fundou na cidade de Moçarico (MA), uma escola gratuita mista para alunos e alunas carentes, conforme Telles (2010, p. 412) afirma:

Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçarico, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois, para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época.

Mesmo depois de aposentada, ela continuou a lecionar para pessoas carentes em Macaricó, mais especificamente filhos e filhas de lavradores e de fazendeiros. Maria Firmina dos Reis faleceu em 1917, pobre e cega (MUZART, 2000).

Maria Firmina dos Reis aproxima-se da experiência de Salomé Ureña no que se refere a visibilidade da história dos negros e ao anseio de um povo que buscava a libertação e os seus direitos. É uma escrita que prevê o anúncio e a denúncia já no começo, quando a escritora fala de um possível processo de inferiorização de seu romance, considerando a condição social da mulher negra e do povo negro naquele tempo.

### Francisca Izidora Gonçalves da Rocha (Brasil, 1855-1918)

Pernambucana da cidade de Jaboatão dos Guararapes, foi professora, escritora, poetisa, romancista, cronista e tradutora. Com essa formação, identifica-se que a escritora se dedicou à educação e às artes. Desde muito cedo, a professora começou as suas publicações no estado de Pernambuco, conforme informação da *Biblioteca Nacional Digital*<sup>24</sup>:

Ainda bem jovem descobriu sua inclinação para escrever poemas. Seus trabalhos foram publicados em jornais e revistas de Recife. A divulgação do poema *O Banhista* ocorreu em 1883, quando foi publicado pelo *Almanach Litterario Pernambucano*. Na capital colaborou com o *Diário de Pernambuco* (1901), *Correio Pernambucano* (1868), e, em Jaboatão, publicou em *O Commercio*, e *O Phanal*.

Com a sua paixão pela literatura, evidenciada pelo seu contato prematuro com a escrita, Francisca da Rocha foi uma das pessoas que mais ajudou na colaboração da revista *O Lyro*, a qual era editada apenas por “[...] senhoras, no Recife, entre os anos 1902 e 1904” (FERREIRA, 2000, p. 758), dentre elas: Amélia Bevilacqua, Anna Nogueira e Ursula Garcia. Abaixo, está o poema “*Ao relento*”, publicado, em 1903, no número 3 da referida revista:

#### *Ao relento*

N'um tronco de bambu, entre as roseiras,  
Ella vem reclinar-se tristemente...  
Corre-lhe aos pés o arroio transparente,  
E em torno as virações passam ligeiras!  
Guarda o segredo à sombra das palmeiras.  
Nota-se apenas que ao luar dormente,  
Soam doces canções em voz tremente,  
E a alma soluça ás notas derradeiras...

Ella pensa no auzente! A dextra linda  
Comprime o níveo seio de açucena.  
Que de amor desfallece – amando ainda!...

Se algum poeta a visse, a sua penna  
Em um transporte de emoção infinda—  
Ao vivo descrevera aquellascena!

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/francisca-izidora/>>.

Além da revista *O Lyro*, em que foi uma importante redatora, a escritora colaborou com outros jornais *O Phanal*, *O Commercio*, *A Província* e *O Diário de Pernambuco* (FERREIRA, 2000). Em 1903, a Academia Pernambucana de Letras publicou alguns escritos da autora, tais como: *Elnar e Tupis* - dramas líricos; *O sítio de Lysandro* – romance. Além disso, traduziu o poema dramático *Manfred* do autor Lord Byron. (FERREIRA, 2000).

A escritora manteve o jornal *A Victoria*, que era de seu irmão, então deputado, Gonçalves da Rocha. Francisca da Rocha escrevia em uma coluna de crônica, intitulada *Ao Correr da Pena*. De acordo com Ferreira (2000, p. 758), ela falava sobre

[...] fatos da atualidade como o assassinato da Imperatriz da Áustria, como a descoberta de originais de Bento Teixeira por Oliveira Lima. Escrevia sobre assuntos diversos como a necessidade da leitura, a importância de um sorriso, denunciava necessidades da cidade da Vitória, tais que a criação de um corpo de bombeiros, a instalação de um teatro para a cidade.

Além de suas reivindicações através dos jornais, a autora levava suas ideias em festas cívicas e intelectuais, declamando seus escritos e presidindo reuniões (FERREIRA, 2000). Assim como Salomé Ureña, Francisca Izidora almejava o progresso de seus país, pois sempre foi preocupada com o futuro do Brasil, conforme pode ser evidenciado no pronunciamento que a autora fez em Juiz de Fora:

O excesso de atividade material entorpecerá as produções da inteligência, nessa Pátria do futuro, que viemos descortinando?  
O requinte de conforto, a intensa luta industrial, o progresso econômico, o triunfo definitivo da era mercantil, no Brasil de amanhã, entibiarão as energias do cérebro nacional e farão apocada a nossa cultura artística e literária? (ROCHA apud FERREIRA, 2000, p. 759).

A escritora foi uma figura muito importante no Recife, com as suas contribuições para os jornais locais e faleceu no dia 22 de janeiro de 1918, na cidade de Vitória de Santo Antão-PE (FERREIRA, 2000).

### **Soledad Acosta de Samper (Colômbia, 1833-1913)**

Colombiana, escritora, jornalista e fundadora do jornal *La Mujer*. Soledad Acosta de Samper é considerada uma das escritoras mais importante do século XIX na Colômbia. A autora recebeu uma homenagem do Ministério da Cultura e 2013 foi nomeado como o ano de Soledad Acosta de Samper (ARBELÁEZ, 2015), identificando e evidenciando a sua importância em seu país. O jornal foi comandado e dirigido apenas por mulheres. A escritora antecipou o feminismo na literatura colombiana com seus personagens, denunciando a história colonial de seu país com mais de 20 novelas.

Assim como Salomé Ureña, a intelectual viveu em um tempo de instabilidade política da jovem nação colombiana, a qual era

[...] dividida por los conflictos ideológicos entre las élites liberales y conservadoras que se disputaban el poder. Desde muy joven, la escritora expresa su preocupación por la grave situación política y social y describe su frustración por no poder participar en las luchas civiles debido a su condición de mujer. (ARBELÁEZ, 2015, p. 58).

Por este motivo, seus escritos ganharam força e foram mais frequentes no momento em que a Colômbia passou por quatro guerras nacionais que assombraram o país na segunda metade do século XIX, que “[...] determinaron el fracaso de la revolución liberal en Colombia” (ARBELÁEZ, 2015, p. 58). Segundo Olga Arbeláez (2015), Soledade Samper presenciou sete guerras nacionais, em 1851, 1854, 1860-1862, 1876-1877, 1884-1885, 1895 e 1899-1902. Com isso, pode-se dizer que seus escritos refletem o que a intelectual vivia, desejando sempre um futuro de progresso e glória para o país, bem como Salomé Ureña, conforme o excerto

La moralización de las sociedades hispanoamericanas, agriadas por largas series de revoluciones, de desórdenes y de malos gobiernos, está indudablemente en manos de las mujeres, cuya influencia, como madres de las futuras generaciones, como maestras de los niños que empiezan á crecer y como escritoras que deben difundir buenas ideas en la sociedad, deberán salvarla y encaminarla por la buena vía (ACOSTA DE SAMPER, 1895, p. 386).

A partir do excerto, evidencia-se que a autora colocava nas mãos das mulheres-escritoras, as quais criavam e educavam seus filhos, a difusão de boas

ideias que poderiam salvar e caminhar para a *buena vía*. A escritora sempre esteve envolvida com a visão social da mulher, que até então era vista apenas como mãe e dona do lar. Por conta disso, em suas novelas sempre estavam presentes personagens femininas, as quais se preocupavam em instruir a mulher colombiana em aspectos que ela considerava necessários dentro e fora da esfera doméstica, conforme pode ser identificado no fragmento abaixo:

Una vez que la carrera de escritora esté abierta y pueden las mujeres abrazarla sin inconveniente, todas las que se sientan llamadas á ello deberían fijarse en una cosa: en el bien que pueden hacer con su pluma. Si Dios les ha dado cualidades intelectuales, aprovéchese de ello para empujar á su modo el carro de la civilización. (ACOSTA DE SAMPER, 1895, p. 387).

No excerto, pode-se identificar que a autora incentiva as mulheres – que têm algo a dizer, que queiram ter uma profissão e que desejam sair da esfera doméstica – a utilizarem a palavra para, de alguma forma, mudar os modos de ser da mulher na sociedade. Além disso, assim como as escritoras mencionadas anteriormente, evidencia-se a questão religiosa, considerando que muitas vezes a palavra *Dios*, aparece em seus escritos, identificando a religiosidade da autora.

Nesse sentido, segundo Arbeláez (2015), as novelas românticas podem ser analisadas e pensadas além de um caráter sentimental, pois elas são psicológicas e didáticas, mostrando o sofrimento e os fracassos das mulheres. A escritora explica

[...] que sus fracasos se deben a una educación deficiente que fomentaba en ellas la emotividad a expensas de la razón, que descuidaba su inteligencia mientras incentivaba el culto a la belleza y que las acostumbraba a verse y sentirse como un objeto trivial y superficial.

Em 1880, a escritora, em sua segunda onda de publicação, edita a primeira revista dedicada às mulheres latino-americanas intitulada *La mujer: lecturas para las familias* (ARBELÁEZ, 2015). A revista era sempre composta na seguinte estrutura

Cada número de *La mujer* consta de una sección histórica titulada *Estudios sobre la historia de la mujer en la civilización*, un capítulo de una *Novela histórica nacional*, un poema, un cuento de costumbres nacionales, una sección dedicada a las noticias extranjeras y de modas y una sección de variedades. (ARBELÁEZ, 2015, p. 63).

A revista tinha como um de seus propósitos aliviar o sofrimento das mulheres e trazer a influência do doméstico para o plano do público, como outras mulheres já o faziam, anunciando que elas que são responsáveis pela formação da nação, tendo em vista que elas educavam as novas gerações, ou seja, que “[...] en manos de la mujer está la suerte de las naciones” (ACOSTA DE SAMPER, 1880, I, p. 5). Dessa forma, a autora queria instruir estas mulheres, conscientizando-as de seu papel importante na mudança da sociedade, ampliando o que se entendia pela esfera doméstica e anunciando o feminismo doméstico na Colômbia.

### **Gabriela Mistral (1889-1957)**

Lucila de Maria del Perpetuo Socorro y el Godoy Alcayaga, ou Gabriela Mistral, nasceu no Chile, na província de Elqui. Segundo Lage (2015), o pseudônimo foi escolhido em forma de homenagem a dois escritores de que a autora gostava: Gabriele D’Annunzio e Frédéric Mistral<sup>25</sup>. Foi professora e iniciou sua carreira em 1904, como professora auxiliar, na *Escuela de la Campaña Baja*, em sua província. No mesmo ano, começou a publicar em jornais, tais como: *El Coquimbo* (1904), *La Voz de Elqui* (1905), *El Mercurio* (1922) e *Festa* (1940) (LAGE, 2015).

Em 1908 começou a lecionar

como professora em La Cantera e, posteriormente, em Los Cerrillos, sem ter estudado para isso. Somente em 1910, recebeu o título de Profesora de Estado, pela Escuela Normal N° 1 de Santiago. Ao longo de sua vida, atuou de forma importante no magistério. Foi inspetora no Liceo de Señoritas de La Serena. Posteriormente, foi diretora do Liceo N°6 de Santiago. (LAGE, 2015, p. 125).

Entre os anos de 1912-1918, trabalhou em outras escolas, como *Santa Rosa de los Andes*, escola destinada apenas às meninas. Nesse período, a escritora foi nomeada pelo Ministro da Educação, Pedro Aguirre Cerda, como diretora do *Liceo de Niñas* e “[...] posteriormente ocupou o mesmo cargo em Temuco e no *Liceo N° 6 de Niñas*” (LAGE, 2015, p. 125).

A escritora fez muitas viagens na América Latina e na Europa, visitando países como México, Argentina e Suíça. A intelectual realizou, como bem diz Adams (2011), “andanças educacionais” em busca de conhecimentos da educação de outros países e de conhecimento cultural.

---

<sup>25</sup> Vencedor do Nobel de Literatura em 1904 (LAGE, 2015).



A autora é sempre lembrada quando se fala na educação das crianças, pois

Trabalhou intensamente em benefício das crianças e da educação infantil. Em 1928, participou em Buenos Aires da I Convenção Internacional de Professores, onde apresentou sua declaração dos “*Derechos del Niño*”. (LAGE, 2015, p. 125).

Por meio de seus poemas e narrativas, Gabriela Mistral sempre valorizou a parte cultural, os valores dos livros e a leitura, pois acreditava que ser letrado, naquele tempo, era restrito a uma camada específica da sociedade, portanto a leitura seria um meio de (des)construção e luta. Segundo Adams (2010), a maior honraria da escritora, além dos cargos e convites em diversos países, foi o prêmio Nobel de Literatura, em 1945, que “[...] reconhecia nela um símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano” (p. 212). Ainda segundo Adams (2010), foi a primeira vez que essa homenagem foi dada a uma figura latino-americana.

Os escritos da autora centravam-se, principalmente, numa questão religiosa, conforme pode ser evidenciado no excerto abaixo:

Senhor, tu me ensinaste,  
perdoa que eu ensine, que leve o  
nome de professora, que Tu levaste

Dá-me o amor único de minha escola;  
que nem a queimadura da beleza  
seja capaz de lhe roubar  
minha ternura de todos os instantes.

A educação das crianças e a igualdade entre homens e mulheres, conforme anuncia Lage (2015, p. 131) é marcada pela

[...] presença da luta das mulheres pela igualdade, a reivindicações dos direitos civis, incluindo a educação, e trabalhistas – assim outros temas afins – não poderiam faltar dentro de sua proposta de reivindicação das liberdades políticas. O que a levou também a trabalhar a questão da mulher poeta, que está inserida num território eminentemente masculino.

Com essa contextualização da experiência de Gabriela Mistral, identifica-se que seus escritos estiveram, principalmente, em favor da igualdade entre os gêneros, que pode ser evidenciada na prosa *Lectura para mujeres* (1923), e a busca



pela educação das crianças, que pode ser lida em sua declaração *Derechos del Niño* (1928), conforme foi anunciado pelos autores dos artigos mencionados.

### **Nísia Floresta (Brasil, 1810-1885)**

A brasileira do Rio Grande do Norte foi educadora, escritora feminista e ativista dos direitos humanos das mulheres. Nísia Floresta Brasileira Augusta utilizou diversos pseudônimos, os quais revelam

[...] sua personalidade e opções existenciais: Nísia, diminutivo de Dionísia; Floresta, para lembrar o sítio Floresta; Brasileira, como afirmação do sentimento nativista; e Augusta, uma homenagem ao companheiro Manuel Augusto”. (ROSA, 2010, p. 89).

Em 1831 iniciou sua carreira como escritora no jornal *Espelho das Brasileiras*, o qual era destinado às senhoras pernambucanas. Ela também tinha uma experiência parecida com a de Salomé Ureña, sobretudo na área da educação, pois fundou em 1838, no Rio de Janeiro, o *Colégio Augusto*, o qual era destinado à formação de meninas. As propostas de ensino da escola eram inovadoras, tendo por base o ensino de línguas como o Latim, o Francês, o Inglês e o Italiano. Ademais, Nísia foi a primeira mulher brasileira a ultrapassar o espaço privado e a divulgar suas produções poéticas, as quais, muitas vezes, tinham temáticas polêmicas da época. O primeiro livro de Nísia Floresta

[...] é também o primeiro de que se tem notícia no Brasil que se trata do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e que exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedores de respeito pela sociedade. Este livro foi publicado em 1832 em Recife (PE) e tem o sugestivo título de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. (DUARTE, 2000, p.176, grifo do autor).

Além disso, foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil com seus escritos que relatava a condição das mulheres, buscando a mudança e a inserção de meninas na educação que ultrapassasse apenas o dançar e o cantar, por exemplo, conforme pode ser evidenciado no excerto abaixo

Certo, o que se chama por via de regra no Brasil dar boa educação a uma menina? Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões. (FLORESTA, 1989, p. 110).

Com este fragmento é possível identificar o anseio pela mudança da educação de meninas, pois a escritora pensava que elas deveriam ter, de fato, o direito à educação e não apenas para “entreter” as pessoas. Isto pois Nísia Floresta acreditava que a mudança e “[...] o progresso de uma sociedade depende da educação que era oferecida às meninas”. (ROSA, 2010, p. 90). Nesta temática, anunciam-se alguns escritos que marcam as reivindicações por igualdade e do direito à educação de meninas, tais como: *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, *A mulher* e *Opúsculo humanitário*.

Segundo Rosa (2010), Nísia Floresta, no texto *A mulher*, fala sobre a exclusão da mulher na produção de conhecimentos, dizendo que

[...] a eloquência é um talento tão natural e particular às mulheres, que ninguém lhes pode disputar. Nesse sentido [...] [as mulheres] devem ser reconhecidas, ao menos, tão capazes como os homens, tão capazes de ensinar as ciências. E, ainda, se não são vistas mulheres nas cadeiras das universidades, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares, em nossos prejuízos. (p. 92).

#### 4.3.1 A contribuição das autoras para a educação e a sua relação com Salomé Ureña

Com essa contextualização das experiências dessas mulheres, é visível que a luta delas na produção literária e na produção do conhecimento acontece na relação com o discurso e o diálogo que este faz com a autoridade e o poder, o qual, também, contribui para o desenvolvimento e a construção de uma teoria feminina a partir da literatura e da palavra (ARAÚJO, 2012). Dessa forma, é possível perceber que o movimento de Salomé Ureña não é único, mas é, também, de outras mulheres que começam a ter maior visibilidade no século XIX. Escritoras invisibilizadas, e é claro que existem tantas outras Nísias, Joanas, Marias, Soledades, Marias e Salomé das quais ainda não se têm o conhecimento, ou seja, estas escritoras foram invisibilizadas e eram/são muitas.

A partir dessas autoras-escritoras-professoras-mães é possível perceber a relação delas com Salomé Ureña, seja na palavra (combativa) ou na literatura; na criação de lugares públicos para a disseminação de escritos; na constituição de espaços educativos para meninas e mulheres; e na compreensão de que a

educação e a literatura podem andar juntas e serem utilizadas para a mudança e a transformação de meninas, de mulheres, de meninos e de homens.

Então, a poesia e a educação não só rimam como podem ser formas paralelas de um mesmo objetivo, o conhecimento sobre a realidade. A poesia é compreendida, a partir de Octavio Paz (2012, p.21), como

[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] experiência, sentimento, emoção, intuição [...] nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo.

Um poder que possibilita a transformação, libertação do interior e, acima de tudo, uma atividade revolucionária, que está relacionada com as escritoras quando se pensa nas temáticas dos escritos como a emancipação político-social e o patriotismo. Além disso, Paz (2012) menciona a fonte de inspiração da poesia: o vazio, a ausência e a angústia, sentimentos que refletem os escritos dessas mulheres.

A educação é compreendida a partir do que Romão (2010, p.133) diz quando lembra que “para Paulo Freire, não existe educação, mas sim [pedagogias], ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser”. Tendo por base a relação entre poesia e educação, evidenciadas nas experiências das autoras, podem ser levantadas duas dimensões: política e gnosiológica. Segundo o autor

A dimensão política é a leitura de mundo, e a dimensão gnosiológica é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, enfim, das elaborações humanas anteriormente formuladas. A dimensão política dá os fundamentos da dimensão gnosiológica (de conhecimento). (ROMÃO, 2010, p.134).

Nesse sentido, essas dimensões são possibilidades de perceber a relação de não neutralidade da educação, pois, a partir da interação entre a leitura de mundo (política) e a leitura da palavra (gnosiológica), a mudança e a emancipação são possíveis. Acontece o mesmo com a literatura e a educação, pois ambas são compreendidas pela relação que envolve a linguagem e a realidade, como foi

identificado na realização da sistematização das experiências dessas mulheres escritoras.

Além disso, anunciam-se as dimensões ética e estética de Paulo Freire, principalmente por entender a impossibilidade da criação de um projeto de educação libertadora e humanizante, tendo em vista que a educação humanista-libertadora deve posicionar-se radicalmente contra qualquer tipo de opressão e de agressão. (TROMBETTA; TROMBETTA, 2011).

Tendo como base essas duas dimensões (educação e política), é possível, ainda, pensar sobre a (des)colonialidade do ser e do saber de mulheres que, em certa medida, acontece no século XIX, a partir do movimento político realizado, principalmente, através de produções poéticas – o que será melhor explorado nas análises com o poema épico *Anacaona*.

Além disso, com as experiências dessas intelectuais, é possível dizer que existem muitas similitudes, no que se refere aos espaços educativos – institutos, escolas e colégios – e aos espaços de veículos midiáticos que favoreceram e possibilitaram mudanças na condição da mulher naquele tempo. No entanto, não houve a menção da República Dominicana ou de Salomé Ureña nas experiências pedagógicas das autoras anunciadas no subcapítulo anterior. Mas, mesmo que esse contato não tenha se estabelecido, as lutas e as reivindicações dessas escritoras estão em sintonia, pois todas buscaram a superação e a transformação do papel da mulher, de diferentes formas e pensamentos, mas com o mesmo propósito: a emancipação social da mulher na América Latina.

Portanto, pode-se dizer que existiu esse movimento dessas mulheres latinas no século XIX, mesmo que não diretamente, contribuiu para o avanço pela igualdade e pelos direitos, principalmente, da educação que era uma via para alcançar a libertação feminina, conscientizando-as que poderiam ocupar outros espaços, se assim o desejassem. Espera-se que este capítulo contribua para a visibilidade das escritoras latino-americanas, desmistificando o lugar do feminino na sociedade, bem como a superação do plano privado para o público<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> O próximo capítulo irá trazer a discussão entre o público e o privado.

## 5 (DES) INVISIBILIZANDO SALOMÉ UREÑA: “¡ES MUY HOMBRE ESA MUJER!”<sup>27</sup>

O subtítulo da seção é para chamar a atenção de como os grandes feitos e de impacto realizados por mulheres ainda precisam ser confirmados como algo realizado pelo homem, como se mulheres não fossem/são capazes de realizar tais ações. Dessa forma, o presente capítulo visa visibilizar Salomé Ureña como uma figura importante na República Dominicana, enquanto mulher-escritora-professora-formadora e que mulheres possuem movimentos revolucionários e que devem ser identificados como *¡Es muy revolucionaria esa mujer!*.

A partir disso, a dicotomia entre público e privado é importante ser abordada, considerando que muitas outras mulheres ainda são invisibilizadas em decorrência de oportunidades compreendidas e ditas como condição e posição de homens, sendo Salomé Ureña um exemplo. Segundo Thompson (1998) a dicotomia entre público e privado tem relação com publicidade *versus* privacidade, abertura *versus* segredo e visibilidade *versus* invisibilidade. Assim, entende-se que estes processos se identificam da seguinte forma: “[...] ato público é um ato visível, realizado abertamente para que qualquer um possa ver; um ato privado é invisível, realizado secretamente atrás de portas fechadas” (THOMPSON, 1998, p. 112).

Nesta perspectiva, é o que Bargetz (2009) identifica como *the patriarchal oppression of women*, momento em que o homem vai a público, usado como referência e reconhecido por uma ideia, sendo visível aos olhos e de identificação fácil da sociedade; e a mulher - esquecida e invisibilizadas, no privado, pois é “escondida”, não visível e mantida às margens, em segredo. Ainda, pode-se ter acesso, no entanto de um número restrito de pessoas que fazem uma “escavação” para dar visibilidade a estas mulheres.

Com o anúncio dessa dicotomia, é possível identificar a experiência de Salomé Ureña nesta perspectiva. Entende-se que enquanto mulher negra e letrada, que possui uma produção literária indiscutível, tendo em vistas os diversos escritos da poetisa, ela fica no que Brigitte Bargetz (2009) chama da opressão do patriarcado, ou seja, o campo do anonimato e do privado. Esta afirmação é possível, considerando a busca e a composição da revisão de literatura dessa pesquisa, a qual é apresentada nas tabelas 1 e 2. Esta constatação é uma das razões desse

---

<sup>27</sup> Fala de Maria Eugenio de Hostos sobre Salomé Ureña.

capítulo, pois identificou-se pouca circulação da experiência de Salomé Ureña na República Dominicana, que é identificada, principalmente, pela criação do primeiro instituto para *maestras* no país e pelos seus escritos com cunho libertário do povo dominicano.

A busca por periódicos relacionados ao tema de pesquisa foi realizada em bibliotecas e em plataformas nacionais e internacionais, com o objetivo de apresentar uma perspectiva da América Latina e demais países. Os recursos utilizados foram o Banco de Dissertações e Teses da Capes, Periódicos da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y El Caribe (CLACSO), Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (REDALYC), Google Acadêmico e Biblioteca Unisinos.

Tabela 1: Busca nas bases de dados

Banco de dados	Descritor (Salomé Ureña)	Filtro (nome no título)
CAPES – Teses e dissertações	94	3
CAPES – periódicos	0	0
Biblioteca Digital	139	0
CLACSO	0	0
REDALYC	3.217	1
Google Acadêmico	1.300	4
Biblioteca Unisinos	274	11

FONTE: Elaborado pelo autor.

O processo de procura nestas bases foi realizado para compreender, conhecer e entender como os estudos realizados sobre Salomé Ureña vêm acontecendo, buscando identificar os objetivos e as temáticas das pesquisas. Assim, optou-se pela busca nas 7 plataformas, por causa da dificuldade de encontrar trabalhos e textos sobre a autora. Tal dificuldade está relacionada com a dicotomia anunciada por Thompson (1998), tendo em vista que as análises e as pesquisas feitas até o momento apontam para uma figura importante para a educação e para a

América Latina, isso quer dizer que estudos sobre Salomé Ureña deveriam ter uma proporção maior do que a encontrada nas bibliotecas digitais.

A partir da busca nos diretórios, optou-se pela base de dados da Unisinos para a revisão de literatura, pois as informações encontradas nela vêm de diferentes bases, assim todas as produções encontradas nas outras 6 plataformas constam nesta base de dados da universidade.

A seguinte tabela foi elaborada a partir da base de dados da Unisinos, justificando, posteriormente, a escolha dos trabalhos que serão utilizados na revisão de literatura:

Tabela 2: Busca na base de dados da Unisinos

Descritor	Filtro	Quantidade	Observação
Salomé Ureña		277	Os trabalhos apenas mencionam o nome da poetisa, mas não são sobre a Salomé Ureña.
Salomé Ureña	Nome no título	11	Dois dos trabalhos estão duplicados e um deles é um documento do governo que apresenta a história do Instituto de Señoritas.

FONTE: Elaborado pelo autor.

Em um primeiro momento foi elaborada a tabela para que fosse possível perceber a disseminação da trajetória e da produção de Salomé Ureña. Assim, foram encontradas apenas 10 produções com o nome da autora no título, sendo um baixo índice de trabalhos, tendo em vista a trajetória da autora na área da educação e da literatura. As 277 pesquisas que apareceram na busca, sem o filtro, apenas fazem uma referência à poetisa no texto como um exemplo e como uma pessoa importante para a República Dominicana, mas tal menção apenas anuncia o nome da professora sem nenhum aprofundamento.

Além disso, dos trabalhos encontrados, quatro foram descartados, pois dois deles estavam duplicados no buscador; o terceiro não foi utilizado, porque é um documento do país e não é uma produção científica, mas que será utilizado para a contextualização e apresentação do Instituto de Señoritas fundado pela poetisa. O quarto é uma biografia, a qual não possui disponibilidade e é parte de uma coletânea

de breves biografias. Além disso, a busca sem o filtro se fez inviável, pois os trabalhos que apareceram (277) não trazem uma discussão e um estudo sobre a poetisa.

Dessa forma, o seguinte quadro mostra os trabalhos compreendidos como relevantes para pensar a dissertação, pois apresentam o nome da autora no título sendo compreendido como uma pesquisa realizada sobre a Salomé Ureña:



Quadro 5: Organização dos trabalhos que foram utilizados

<b>Autor (a)</b>	<b>Título</b>	<b>Ano / Tipo de trabalho</b>	<b>País</b>	<b>Palavras-chave</b>
Esther Robison	An Interim Evaluative Report Concerning a Collaboration between the Children's Aid Society, New York City Board of Education, Community School District 6, and the I.S. 218 Salomé Ureña de Henríquez School [and] The Community Schools P.S. 5 and I.S. 218 Spring 1994 Update	1993 / Documento	Estados Unidos	Report, Community program, Evaluative.
Eleuterio Ferreira Calderón	Las competencias de acceso y gestión de información en la formación de los maestros en la República Dominicana: caso Instituto Superior de Formación Docente Salome Ureña (ISFODOSU).	2015 / Tese	Espanha	Formación docente, competencias docentes, acceso y gestión de la información, alfabetización informacional, tecnología de la información y la comunicación, Programa de formación en competencias informacionales.
Dixa Ramírez	Salomé Ureña's Blurred Edges: Race, Gender, and Commemoration in the Dominican Republic	2015 / Artigo	Inglaterra	Race, Gender, blackness, whiteness.
Johnny Francisco Nieves Gil	La Formación Inicial de los Egresados de la Licenciatura en Educación Básica del Instituto Superior de Formación Docente Salomé Ureña	2015 / Tese	Espanha	Formación Inicial, Educación Básica, Valoración Egresados, Planes de Estudio, Práctica Docente, Formación Docente.
Marcelina Piña Del Rosario	Formación de docentes en matemáticas caso de las licenciaturas en Inicial y Primaria del ISFODOSU, República Dominicana	2015 / Tese	Espanha	Didáctica de las matemáticas, Formación inicial de docentes de matemáticas, Educación matemática, Formadores de formadores en matemáticas.
Patricio García Polanco	Coincidencias temáticas y formales entre los poemas indigenistas de Salomé Ureña y José Joaquín Pérez	2016 / Artigo	República Dominicana	Poesía, indigenismo, naturaleza, Salomé Ureña, José Joaquín Pérez.
Ruth S. Lamb	La poesia de Salome Ureña de Henriquez	S/D	California	Poesia, Santo Domingo, poetas.

FONTE: Elaborado pelo autor.

Em uma primeira análise, é possível identificar que o ano de publicação de metade dos trabalhos são recentes (2015 e 2016), o que aponta para um início de valorização da autora, da República Dominicana e da América Latina, mesmo que três deles não pesquisem diretamente a poetisa. Além disso, os locais das publicações chamam a atenção, tendo em vista que apenas um artigo foi realizado no país da professora e o único da América Latina. Ademais, apenas duas das produções (RAMÍREZ, 2015 e POLANCO, 2016) estão diretamente relacionadas e estudam a Salomé Ureña.

Foram encontrados também a obra *Poesías Completas* (UREÑA, 1975) - que será utilizada para a análise da dissertação, o romance *Em nome de Salomé* (ALVAREZ, 2003) – que não será utilizado na pesquisa, pois não é entendido como acadêmico, mas que pode ser explorado em estudos futuros, e a biografia<sup>28</sup> *Salomé Ureña de Henríquez* (DEMORIZI, 1944), a qual não aparece em nenhuma das bases de dados, no entanto ela será utilizada como referência para construir a trajetória da poetisa. Ademais é importante salientar que a produção da biografia da autora é muito importante, tendo em vista que o século XX contemplou a biografia dos “grandes homens e seus grandes feitos” ou “anos dourados” (SILVA, 2002), assim Salomé Ureña promove uma quebra<sup>29</sup> dessa hegemonia do homem como centro e como influência na ciência, na política e na escrita.

Além das teses, foram encontrados três artigos, sendo dois deles recentes (2015 e 2016), e outro sem data, os quais discutem e analisam temáticas explícitas e implícitas da poetisa e seus escritos. Nesse momento, as produções encontradas trazem questões específicas da obra de Salomé Ureña. Este é um movimento contrário das demais encontradas, pois trazem um aprofundamento maior da obra e/ou da vida da poetisa. Assim, pode-se evidenciar um possível início de valorização dos escritos da poetisa, bem como a importância da trajetória da autora para as mulheres, a educação e a literatura. Dessa forma, abaixo serão apresentadas as produções que falam diretamente da autora.

O primeiro artigo a ser anunciado é *Coincidencias temáticas y formales entre los poemas indigenistas de Salomé Ureña y José Joaquín Pérez* (POLANCO, 2016),

---

<sup>28</sup> Encontrada pelo Grupo de Pesquisa Mediações Pedagógicas e Cidadania, quando estava sendo construído o livro de *Fontes do Pensamento Latino-americano*.

<sup>29</sup> Além disso, outros exemplos: Juana Inés de la Cruz (1651-1695), Nísia Floresta (1810-1885), Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), María Luisa Dolz (1854-1928), Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Gabriela Mistral (1889-1957).

no qual o autor escreve sobre a temática indígena presente na obra de dois intelectuais, exaltando a língua indígena que é marca cultural da República Dominicana. Isso pode ser evidenciado pelo poema épico *Anacaona* de Salomé Ureña, o qual é também analisado no artigo de Polanco, que traz a história do país, utilizando, em muitas instâncias, linguagem indígena. No artigo, além da análise temática, o autor olha para os recursos estilísticos entre as obras de Salomé Ureña e de Joaquín Pérez, tais como: organização dos versos, formas estróficas, tipo de rima e vocabulário específico da temática aborígene.

Compreende-se que a valorização da poetisa está no simples fato de este artigo, bem como os demais encontrados, ser sobre a obra de Salomé Ureña, principalmente, pelo escrito escolhido pelo autor - *Anacaona*, pois, historicamente, esse gênero literário foi de uma tradição hegemônica de autoria masculina como por exemplo Homero, Virgílio e Camões. E, com essa análise, anunciam-se a poetisa e o espaço de mulheres na escrita do épico<sup>30</sup>. Além disso, talvez, esse épico já não seja a exaltação do herói vencedor, mas justamente a dificuldade do vencido (*Anacaona*), representando, por extensão, o duro processo colonizador imposto às colônias latino-americanas, o que Salomé Ureña traz, em certa medida, em sua escrita mais poética para relatar o quase inexplicável perdão do índio.

Assim, com o texto de Polanco e de uma primeira análise da obra e do poema épico, não é preciso muito esforço para entender e compreender que o dominicano é um povo que sofreu com a invasão espanhola – a qual foi velada e encoberta, tendo em vista a lógica dominante. Sendo a primeira América “descoberta”, *Anacaona* pode, por metonímia, representar toda a América conquistada e colonizada por espanhóis e portugueses. O difícil processo de independência e a dependência cultural e econômica continuada são expostos em contraposição à existência de figuras, como *Anacaona*, que podem ser heróis de seus países.

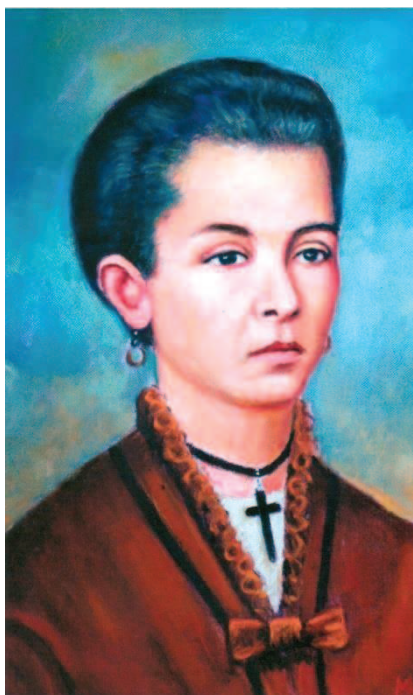
O artigo “Salomé Ureña’s Blurred Edges: Race, Gender, and Commemoration in the Dominican Republic” (RAMÍREZ, 2015), é o único escrito em inglês e o primeiro que faz uma análise da obra da autora nas temáticas raça e gênero. O trabalho traz uma outra visão de Salomé Ureña, pois faz uma análise da etnia da poetisa. Em muitas buscas no Google, por exemplo, tem-se a imagem de uma

---

<sup>30</sup> RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o Épico**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

mulher branca e com traços eurocêtricos, que não condizem com a etnia dominicana.

Figura 5: Imagem divulgada de Salomé Ureña (eurocêntrica)



FONTE: Google imagens.

Assim, o artigo explora o paradoxo de um país em que a sua poetisa nacional Salomé Ureña, mulher mestiça, é apresentada com padrões eurocêtricos, pois, bem como muitos dominicanos, ela possui ascendência africana (RAMÍREZ, 2015). Identifica-se isso com a imagem que Ramírez traz em seu artigo:

Figura 6: Salomé Ureña (original)



FONTE: Dixá Ramírez (2015).

Dessa forma, é possível identificar um acontecimento parecido no Brasil, com o *embranquecimento* de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Além disso, a autora anuncia que Salomé Ureña foi a primeira poetisa nacional da República Dominicana. Além disso, identifica-se que

El caso de la República Dominicana es un elocuente ejemplo de cómo los parámetros raciales son arbitrarios. La experiencia de los dominicanos en Estados Unidos ha sido fundamental a la hora de entender la estructura racista sobre la que se construye el sistema social del país. (p. 28).

O artigo “La poesía de Salomé Ureña” - de Henriquez (LAMB, S/D) traz, em 8 páginas, uma reflexão sobre a obra da *maestra*, anunciando que apenas pode-se ter uma compreensão mais fiel dos escritos com o conhecimento do contexto da

República Dominicana no século XIX, bem como a trajetória da poetisa. A autora do texto fala das temáticas e dos anseios das poesias de Salomé Ureña, trazendo trechos e análises das poesias.

A última publicação encontrada é um documento que traz uma proposta de constituição de uma escola colaborativa, a qual anuncia a escola fundada pela professora e outras três instituições para discutir o início do desenvolvimento do programa *Community School's program*, designado para oferecer serviços para os estudantes e suas famílias. O documento não será utilizado na dissertação, tendo em vista que não fala da autora Salomé Ureña, mas que pode ser utilizado em estudos futuros, pois é um documento importante sobre o processo de escolarização da República Dominicana.

Ademais, a família de Salomé Ureña é intelectual, tendo em vista que seu marido Francisco Henríquez y Carvajal (1859-1935) foi escritor, pedagogo e político; sua filha Camila Henríquez Ureña (1894-1973) foi poetisa, escritora e humanista; seu filho Max Henríquez Ureña (1886-1968) foi poeta, professor, escritor e diplomático dominicano; e Pedro Henríquez Ureña ((1884-1946) foi ensaísta, crítico literário, filósofo e humanista. Então, para compreender a disseminação dos escritos de seus familiares foi realizada uma tabela, com base na hipótese de que haveria mais produções dos homens da família, tendo em vista a dicotomia entre o público e o privado entre homens e mulheres:

Quadro 6: Busca na base de dados da Unisinos (Família Ureña)

<b>Descritor</b>	<b>Filtro</b>	<b>Quantidade</b>
Francisco Henríquez y Carvajal		1.320
	Nome no título	2
Camila Henríquez Ureña		186
	Nome no título	3
Max Henríquez Ureña		889
	Nome no título	1
Pedro Henríquez Ureña		2.546
	Nome no título	46

FONTE: Elaborado pelo autor.



A hipótese de uma maior disseminação da trajetória e dos feitos dos homens se confirma através dos números anunciados na tabela 2. Dessa forma, é possível perceber que existe uma invisibilidade do trabalho e da trajetória da dominicana, considerando a quantidade de produções do marido Francisco Henríquez e dos filhos Max Ureña e Pedro Ureña. Identifica-se que a produtividade de todos e todas existe, mas é reconhecido apenas de um lado – tendo em vista a quantidade de produções anunciadas na tabela 2, o que leva a refletir sobre a dicotomia de que se torna público o homem, enquanto a mulher fica no plano privado, construído historicamente e que ainda perdura em muitos segmentos acadêmicos. Assim, é possível dizer que o trabalho pode ser justificado por essa ausência de estudos sobre a *maestra* Salomé Ureña no âmbito da educação e da literatura.

Abaixo, encontram-se as contribuições das produções encontradas para a composição da dissertação.

### **5.1 As produções e as suas contribuições para a dissertação**

Nesta sessão será elaborado um resumo das produções encontradas, a fim de perceber a importância delas para a construção da dissertação, bem como a realização de uma identificação da disseminação da produção poética de Salomé Ureña no meio acadêmico.

Na busca foram encontrados seis trabalhos, entre eles três teses<sup>31</sup>: *La Formación Inicial de los Egresados de la Licenciatura en Educación Básica del Instituto Superior de Formación Docente Salomé Ureña* (GIL, 2015), *Formación de docentes en matemáticas caso de las licenciaturas en Inicial y Primaria del ISFODOSU, República Dominicana* (ROSARIO, 2015) e *Las competencias de acceso y gestión de información en la formación de los maestros en la República Dominicana: caso Instituto Superior de Formación Docente Salomé Ureña (ISFODOSU)* (CALDERÓN, 2015). Os trabalhos de Rosario (2015) e Gil (2015) têm como tema a formação inicial de docentes no *Instituto de Formación Docente* (ISFODOSU), os quais buscam determinar a avaliação dos egressos que receberam formação no instituto de acordo com as opiniões sobre a estrutura e a

---

<sup>31</sup> Todas da Universidade de Murcia (Espanha), com inserção na área de departamento de Didática e Organização Escolar.

implementação dos currículos e a formação de docentes na instituição. A tese de Calderón (2015) realizou a pesquisa no mesmo instituto, no entanto fala sobre as competências no acesso e na gestão de informação dos futuros *maestros* do ISFODOSU, com o objetivo de elaborar uma proposta que contribua para o desenvolvimento das aptidões de acesso e gestão. Dessa forma, os estudos se centram nos problemas de plano de estudo, de formação inicial, de prática docente, de acesso e de gestão do ISFODOSU.

Ao mesmo tempo em que as produções analisam questões referentes ao ISFODOSU, o qual tem no título o nome de Salomé Ureña, as mesmas não fazem nenhum tipo de reflexão e de referência à autora. E em nenhum momento falam da trajetória e da história de Salomé Ureña na área da educação. Além disso, na tese de Gil (2015), Salomé Ureña aparece como fundadora e diretora do *Instituto de Señoritas*, mas na pesquisa de Rosario (2015) ela é anunciada, apenas, como a diretora do instituto e no trabalho de Calderón (2015) a autora não é, sequer, mencionada como diretora e, muito menos, como criadora do *Instituto de Señoritas*.

Além dessa constatação, realizou-se uma busca na página oficial do ISFODOSU para compreender a maneira como a poetisa é referenciada na instituição. Para a identificação de tal dado foi visitada a página e verificou-se que mesmo na página<sup>32</sup> do instituto não existe um espaço em que se anuncie Salomé Ureña. É importante dizer que o ISFODOSU não é o mesmo instituto fundado pela autora, pois

[...] es una continuación de la Escuela Normal de Maestros fundada por Eugenio María de Hostos en 1880 amparada en la Ley No. 1776, promulgada el 26 de mayo de 1879 por el presidente Cesáreo Guillermo, del Instituto de Señoritas, creado por Salomé Ureña en 1881, y de las escuelas de formación docente surgidas en la década de los años 50 del siglo pasado. (GIL, 2015, p. 47).

Dessa forma é importante anunciar que a instituição abordada nas teses é um espaço de formação criada com a unificação das escolas normais, a qual está distribuída em seis polos dentro do país: Félix Evaristo Mejía (Santo Domingo), Eugenio María de Hostos (Santo Domingo), Emilio Prud'Homme (Santiago de Los

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://www.issu.edu.do/index.php/joomlaorg/historia>>.



Caballeros), Luiz Napoleón Juan Núñez Molina (Santiago), Juan Vicente Moscoso (San Pedro de Macorís), Urania Montás (San Juan de la Maguana). Assim como ilustrado na figura abaixo:

Figura 7: Localização do campus do ISFODOSU



FONTE: Calderón, 2015.

Ademais, a unificação das *Escuelas Normales* foi determinada pelo Plan Decenal de Educación de 1993-2002:

Como resultado de sus estudios la CORENOR recomendó que las Escuelas Normales fueran transformadas en una sola institución nacional de educación superior, descentralizada, con personalidad jurídica y presupuesto propio, dirigida por una Junta integrada por reconocidos intelectuales, científicos, educadores y representantes de amplios sectores de la sociedad civil.

Nesta perspectiva, o nome do ISFODOSU pode ser entendido como uma homenagem à Salomé Ureña. No entanto, a poetisa não é apresentada como uma referência na instituição, principalmente pela fundação do *Instituto de Señoritas* e pela sua obra poética *Poesías Completas*. Na página do ISFODOSU, a professora é apenas mencionada como fundadora do *Instituto de Señoritas*, de maneira superficial, momento em que aparece o ano e as primeiras maestras formadas pelo instituto. Conforme a imagem:

### Figura 8: Primeiras maestras formadas.

Un año más tarde, en 1881, se creó el “Instituto de Señoritas”, dirigido por Salomé Ureña de Henríquez, que funcionó hasta el año 1893 para reaparecer en el 1896 bajo la dirección de las hermanas Pellerano de Castro. En el 1887 Catalina Pou, Leonor María Feliz, Ana Josefa Puello, Mercedes Laura Aguiar, Luisa Osema Pellerano de Castro y Altagracia Henríquez Perdomo fueron las seis primeras graduadas de Maestras Normales del Instituto.

FONTE: Trecho retirado do site<sup>33</sup> ISFODOSU.

Desse modo, é possível problematizar o papel social da mulher e de como historicamente isso afeta o presente, tendo em vista a invisibilidade da poetisa no meio acadêmico, evidenciado nas buscas realizadas na base de dados da Unisinos e no instituto que leva o seu nome (ISFODOSU), o qual invisibiliza a trajetória da educadora, conforme mencionado acima. Apesar da invisibilidade de Salomé Ureña na página da instituição, é anunciado um movimento de mulheres que tem início com a iniciativa da poetisa, momento em que as discípulas da *maestra* criam escolas pelo país, as quais tiveram grande repercussão na República Dominicana e na política nacional, sobretudo pela reivindicação de deveres e direitos cívicos de mulheres. Nesse sentido, anuncia-se que

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Esta passagem contribui para a problematização de quem vai a “público”, ou seja, anunciam-se os feitos e os créditos apenas para os homens, enquanto a mulher está no plano do “privado”. Assim, percebe-se que a trajetória e as conquistas realizadas por mulheres começam a aparecer em trabalhos como o projeto de *Fontes do Pensamento Pedagógico Latino-americano*, ou seja, em pesquisas que buscam uma “escavação” de intelectuais importantes para pensar o papel da América Latina.

Dessa forma, entende-se que a literatura feminina tem um papel importante e que deve ser explorado, principalmente por entender que ela deva ser anunciada

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.isfodosu.edu.do/index.php/component/content/article/109-el-instituto/159quienes-somos>.

como um movimento contra-hegemônico para a promoção de trajetórias de escritoras, principalmente para a desmistificação do lugar da mulher, o qual deve ser entendido além do “privado” e do lar. Este movimento vem sendo realizado e tem uma proporção maior a partir do século XIX (SCHMIDT; VASCONCELLOS; MUZART, 2000), momento em que muitas mulheres, assim como Salomé Ureña, começam a aparecer como escritoras da própria história e de promotoras da educação para mulheres.

## 6 O ÉPICO ANACAONA: (DES) COLONIZANDO O SER, O SABER E O PODER<sup>34</sup>

O início de toda a história é difícil de ser contado, pois ela já vem de um processo e de uma organização de uma comunidade, na qual questões como cultura, relações de poder, tradições, linguagem e formas de se viver foram estabelecidas. Contar uma história que já tem um início implica fazer relações entre política, educação, poder, perdas, guerras, conflitos, etc. Dessa forma, isso, na verdade, quer dizer que existem histórias pré-estabelecidas e que cabe um esforço para expressar, identificar e analisar estas funções e acontecimentos para entender do que se fala e de que lugar se fala. Assim, o contexto da República Dominicana, bem como de outros lugares, está ligado a estas relações mencionadas, as quais ajudam a contextualizar o que se pretende falar. Nesse sentido, segundo Valdez (2011), a “história” oficial da República Dominicana começa com a ausência de elementos da cultura indígena e com uma vasta influência espanhola no país, iniciando com a ordem linguística. É importante destacar que se trata da “história” oficial, pois a República Dominicana pré-existe à colonização espanhola, considerando que o poema épico fez a narração dos primeiros contatos dos nativos com os espanhóis.

Para contar a história dessa república, a professora, poetisa e escritora Salomé Ureña ajuda a identificar a história desse povo através de sua produção poética, especialmente, o épico *Anacaona*. A primeira publicação do poema épico da autora foi em 1880. *Anacaona* é o único escrito desse gênero encontrado na edição de *Poesías Completas* da escritora. Esta história é composta por 39 instâncias, tem uma escrita narrativa flexível e uma combinação estrófica variada em relação à temática, evidencia as marcas do processo de colonização e da cultura da República Dominicana, elucidando traços da identidade, da beleza natural do país, da mulher, do índio dominicano e do estrangeiro, conforme será identificado nesse capítulo.

*Anacaona* não possui uma simetria, pelo menos como um todo, considerando que no início de cada canto e estrofes, há uma oscilação de padrão. Em um dado momento se inicia uma simetria que logo se modifica, com isso o poema de Salomé Ureña não “identifica” o épico, que se caracterizaria pela simetria formal, que denotaria justamente a inalterabilidade de ânimo, ou de ponto de vista (STAIGER,

---

<sup>34</sup> As palavras em itálico, neste capítulo, são termos e expressões utilizadas no poema, optou-se por essa dinâmica para identificar a forma de tratamento entre índios/as e espanhóis.

1969). Isso pode ser evidenciado no quadro abaixo que mostra o canto, a quantidade de estrofes e o número de versos.

Quadro 7: Versos e instâncias: a não simetria de *Anacaona*

<b>Canto</b>	<b>Estrofes</b>	<b>Quantidade de versos</b>
I	11	8 (mantém simetria)
II	9	8 (mantém simetria)
III	6	10 / 12 / 14 / 26 (não mantém simetria)
IV	11	4 (mantém simetria)
V	4	8 (mantém simetria)
VI	12	6 (mantém simetria)
VII	2	28 / 44 (não mantém simetria)
VIII	7	8 (mantém simetria)
IX	1	50 (mantém simetria)
X	1	36 (mantém simetria)
XI	9	4 (mantém simetria)
XII	1	42 (mantém simetria)
XIII	1	68 (mantém simetria)
XIV	2	23 / 26 (não mantém simetria)
XV	12	6 / 8 (não mantém simetria)
XVI	13	8 (mantém simetria)
XVII	9	8 (mantém simetria)
XVIII	2	42 / 70 (mantém simetria)
XIX	11	16 (mantém simetria)
XX	8	8 (mantém simetria)
XXI	8	8 (mantém simetria)
XXII	12	4 (mantém simetria)
XXIII	1	88 (mantém simetria)
XXIV	1	38 (mantém simetria)
XXV	10	4 (mantém simetria)
XXVI	1	40 (mantém simetria)
XXVII	10	4 (mantém simetria)
XXVIII	5	8 (mantém simetria)
XXIX	2	61 / 70 (não mantém simetria)

XXX	19	5 (mantém simetria)
XXXI	4	4 / 12 / 16 / 22 (não mantém simetria)
XXXII	9	4 (mantém simetria)
XXXIII	7	4 (mantém simetria)
XXXIV	5	8 (mantém simetria)
XXXV	2	20 / 72 (não mantém simetria)
XXXVI	4	14 / 22 / 24 (não mantém simetria)
XXXVII	15	4 (mantém simetria)
XXXVIII	7	4 (mantém simetria)
XXXIX	10	4 (mantém simetria)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além de contribuir para um movimento contra-hegemônico, por ser uma mulher escrevendo o épico, ela transcende este gênero, considerando que a estrutura de *Anacaona* não possui um padrão de estrofes, o que, até então, era uma marca desse tipo de escrito. Segundo Staiger (1969), o gênero épico mantém uma simetria que faz parte desse tipo de poema. Ainda, o autor anuncia, em seu estudo, que toda a épica grega possuía a unidade métrica de hexâmetro, como a *Odisseia* por exemplo. Ao mesmo tempo, o escritor diz que Messias de Klopstock “[...] é menos épico por passar algumas vezes a ritmos livres, e a Penteslía de Leuthold, por estender a narrativa em uma estrofe longuíssima com vários tipos de versos”. (p. 76), o que se identifica em *Anacaona*.

Durante o poema, identifica-se a presença do narrador a todo momento e, muitas vezes, em diálogo com os personagens, conforme o excerto abaixo:

¡Ay del bárbaro *caribe*,  
si con saña adusta y cruel,  
pretendiere nueva guerra,  
nuevos crímenes traer  
a los fértiles dominios  
del *cacique* de *Marién*!

Así sueña embelesado  
y no alcanza, iluso, a ver  
el *cacique* de alma débil,  
siervo ya de extraño rey,  
que las nubes se amontonan,  
que se extingue su poder. (p. 255).

Dessa maneira, não existe um distanciamento do narrador no poema. De forma geral, é comum que os épicos possuam essa característica, que pode diminuir em algumas passagens da obra ou aumentar. No entanto, quando isso acontece,

[...] ele não desaparece totalmente em parte alguma. Homero e Tróia, Homero e as aventuras de Ulisses conservam-se sempre distanciados. Não se pode dizer por isso que o autor desapareça atrás da história. Muito pelo contrário. Ele se deixa notar nitidamente como narrador. (REIS; LOPES, 1968, p. 78).

E como “no épico acentua-se justamente a identidade o autor épico não se altera, pois pode compreender o contexto mesmo que algum estado/personagem tenha sido alterado, ele compreende e identifica a mudança, sem precisar de “explicações”. (REIS; LOPES, 1968). Com essas características apresentadas sobre o épico, Salvatore D’Onófrío (1990) corrobora para o entendimento desse gênero narrativo. Assim, o autor entende que no

[...] estilo épico verifica-se o distanciamento entre o poeta e o mundo representado. A realidade é vista como “objeto”: o poeta está defronte à coisa observada. O narrador, geralmente falando em terceira pessoa, é um observador imparcial que olha o mundo circundante ou traz ao presente para diante de nossos olhos um mundo passado, maravilhoso e imutável. A vida é vista como transparência luminosa, em que predomina o espírito apolíneo. (p. 12).

Em certa medida é o que *Anacaona* faz. No entanto, não se trata de um mundo maravilhoso, mas de lutas que visavam à guerra entre dois povos, um nativo de um lugar (República Dominicana, índios) e os estrangeiros (espanhóis), como será visto ao longo da análise, e o que o autor salienta quando diz que: “[...] há poemas e narrativas que tratam das origens de uma nacionalidade e das façanhas de seus heróis míticos (poesia épica)”. (SALVATORE D’ONÓFRIO, 1969, p. 18) – no caso de *Anacaona*, o herói vencido.

Ainda, é importante anunciar que, em muitas passagens do poema, o narrador apresenta, em suas colocações, marcas que têm o intuito de chamar a atenção do leitor para alguns fatos que ele julga importante, conforme o excerto abaixo:

Combate el hispano que fiero pretende

al yugo una raza benéfica uncir;  
 mas ¡ay! que el indígena altivo defiende  
 su choza, sus selvas, su libre existir. (p. 244).

Com esse fragmento, identifica-se, através da expressão “¡ay!”, uma intervenção do narrador, em que chama a atenção dos ataques dos espanhóis e de que os indígenas defenderiam sua casa, selva e existência. Além disso, pode-se dizer que se toma partido de um lado da história, ou seja, existe um juízo de valor na narrativa. Isso pode ser reafirmado, em momentos em que a narradora dá voz aos personagens indígenas:

Crucé las selvas y las montañas,  
 y ven, ¡Caonabo! ¡ven! – repetía; -  
 y sólo el eco me respondía  
 cual yo gimiendo: ¡Caonabo, ven!  
 Desesperada llegué a la gruta  
 y ante el sagrado *zemí* rendida,  
 que de Caonabo sobre la vida  
 velara siempre le supliqué.

[...]

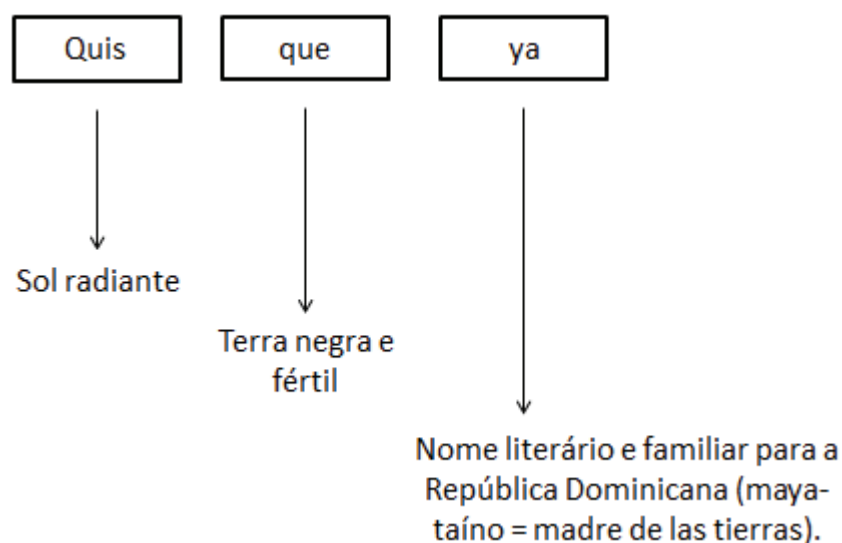
Calló la indiana reina, y el anciano  
 levantándose al punto de su asiento,  
 - ¡guerra sin tregua al invasor tirano! -  
 clamó indignado con robusto acento. (p. 291).

Nos dois trechos identificam-se falas de Anacaona e de um índio ancião. A índia chama seu marido Caonabo, momento em que ele estava sendo capturado pelos espanhóis. Além da voz que confere para as personagens, evidencia-se, não só nesse momento, mas, em muitas passagens do poema, palavras, expressões e nomes de deuses autóctones, sendo possível observar, por exemplo, a palavra *Zemí* – divindade ancestral.

Ainda, *Anacaona* menciona o termo *Quisqueya*, palavra indígena nativa que se refere à ilha que fica entre a República Dominicana e o Haiti, uma das maiores ilhas das Antilhas. A expressão que se refere a essa ilha, significa:



Figura 9: Significado da palavra Quisqueya



FONTE: Elaborada pelo autor.

O termo *Quisqueya* foi ridicularizado no período colonial, mas é recuperado como identidade no século XIX por Juan Pablo Duarte – que foi um visionário, considerado um sujeito de importância histórica na República Dominicana pelos seus ideais democráticos.

Como ilustrado pelo esquema, o termo elucida e exalta, depois de recuperado, a beleza natural da República Dominicana, tendo como referência a ilha *Hispaniola*. Além de evidenciar características culturais do país, o termo mostra uma face da identidade da mulher dominicana, considerando que Eugenio Maria de Hostos, segundo Demorizi (1944), nomeia Salomé Ureña como *Poetisa Quisqueya*. Assim, pode-se situar tal identidade da mulher e do país a partir da palavra *quisqueya* e do esquema acima. “Quis” significa o sol radiante que evidencia a natureza tropical:

Tendia en las espumas  
Del piélago sonoro,  
nacida al **rayo de oro**  
del **éter tropical** [...]. (p. 241).

O “que” e “ya” significa a *las madres de las tierras* e terra negra; e fértil, referindo-se à República Dominicana e ao índio:

**Región encantadora,**  
vergel de los amores

que guarda los primores  
del **primitivo éden**. (p. 242)

Mirad esas llanuras,  
mirad esas montañas,  
**pobladas de cabañas  
indígenas** ayer;  
parecen desoladas  
tristísima **esa historia**  
presente a **la memoria  
con lágrimas traer**. (p. 244).

Quisqueya é uma possibilidade de pensar o país, como primitivo éden, como espaço idílico. O nome do lugar relaciona-se diretamente a esse conceito da beleza natural e reluzente, conforme pode ser evidenciado no excerto abaixo

*Quisqueya*, que a las **nubes**  
encumbra sus **montañas**,  
y guarda en sus entrañas  
mineros de **valor**,  
y entre **aguas que fecundan**  
campiñas siempre amenas,  
auríferas arenas  
prodiga en su **esplendor**.

Donde feraces bosques  
ofrecen enlazados  
**mil árboles preciados**  
en sempiterno abril,  
y **orgullo** y ornamento  
de la región indiana  
la palma **soberana**  
levántase **gentil**.

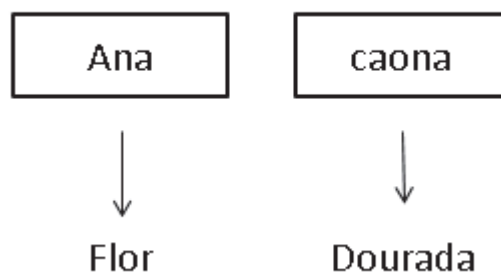
Donde es la brisa **aromas**  
y músicas las **aves**,  
y emanaciones **suaves**  
de **vida y libertad**  
cuanto la **flor exhala**,  
y el céfiro murmura,  
e inunda con **luz pura**  
la vasta **inmensidad**. (p. 241-242).

*Anacaona* faz referência a uma mulher nascida em 1474, em Yaguana, chefe dos Taínos. É importante salientar que apenas Anacaona e Yuisa<sup>35</sup> foram chefas da tribo. O nome do poema épico significa, conforme a imagem, Flor Dourada

---

<sup>35</sup> Não foi possível encontrar informações mais precisas sobre essa segunda chefe da tribo.

Figura 10: Significado da palavra Anacaona



FONTE: Elaborada pelo autor.

Assim, há uma transposição do nome na busca de uma referência da natureza e da beleza da ilha para a mulher indígena, sendo Anacaona, aparentemente, muito bonita e habilidosa na criação de poemas, músicas e danças. Com essas características, salienta-se a forma com que a narradora apresenta a índia:

Tendida en las espumas  
del piélago sonoro,  
nacida al rayo de oro  
del éter tropical;  
de vida palpitante,  
bellísima y lozana,  
*Quisqueya* eleva ufana  
la frente virginal. (p. 241).

Como chefe de uma tribo, Anacaona desconstrói com a ideia do homem como centro e detentor do poder. Desse modo, anuncia-se a (des)colonialidade do ser, pois

Las luchas sociales también son escenarios pedagógicos donde los participantes ejercen sus pedagogías de aprendizaje, desaprendizaje, reaprendizaje, reflexión y acción. Es sólo reconocer que las acciones dirigidas a cambiar el orden del poder colonial parten con frecuencia de la identificación y reconocimiento de un problema, anuncian la disconformidad con y la oposición a la condición de dominación y opresión, organizándose para intervenir; el propósito: derrumbar la situación actual y hacer posible otra cosa. (WALSH, 2013, p. 29).

Com isso, a índia faz um movimento contrapatriarcal, no papel de chefe da tribo, colocando Salomé Ureña a mulher em um posto que, até então, era socialmente identificado como do homem. Além disso, espaço e a indígena se somam como Iracema, de Alencar, é referida como palmeira plantada, com raízes no solo brasileiro. Anacaona deixa de ser só a beldade indígena para ser a voz do povo:

Como la palma de la llanura  
su talle airoso moviendo **esbelta**.  
en largas ondas al aura suelta  
**la cabellera negra y sutil,**  
**joven y hermosa, feliz** recorre  
los campos ricos de la *Maguana*,  
**una graciosa beldad indiana,**  
más que otra alguna **noble y gentil**. (p.244).

Las vírgenes bellas, sin velo mostrando  
sus talles que imitan flexible **yarey**,  
los negros **cabellos flotando** a las auras,  
en **diumba** ligera **danzando** se ven,  
y palmas y ramos que **agitan al viento**  
del huésped que llega rendir a los pies. (p.297).

Es ella, **la cantora del pueblo quisqueyano**  
que ayer con sus **areitos** los ámbitos llenó,  
y la epopeya indígena, con **inspirado acento**  
glorioso levantó. (p.326).

Anacaona, uma índia doce e que encantava com suas habilidades, mas que, como o povo dominicano, sofre com a imposição espanhola, sobretudo na colonização, considerando

[...] una relación de dominación directa, política, social y cultural de los europeos sobre los conquistados de todos los continentes. Esa dominación se conoce como colonialismo. En su aspecto político, sobre todo formal y explícito, la dominación colonial ha sido derrotada en la amplia mayoría de los casos. América fue el primer escenario de esa derrota. Posteriormente, desde la II Guerra Mundial, África y Asia. *Así*, el colonialismo, en el sentido de un sistema de dominación política formal de unas sociedades sobre otras, parece pues asunto del pasado. (QUIJANO, 2014, p. 11).

Dessa maneira, para se desenvolver e consolidar a proposta de (des)colonização do poder, implica-se a prática social que, de acordo com Quijano (2014), deve ser configurada por:

- a) la igualdad social de individuos heterogénos y diversos, contra la desigualizante clasificación e identificación racial/sexual/social de la población mundial;
- b) por consiguiente, las diferencias, ni las identidades, no serían más la fuente o el argumento de la desigualdade social de los individuos;
- c) las agrupaciones, pertinencias y/o identidades serían el produto de las decisiones libres y autónomas de inviduos libres y autónomos;
- d) la reciprocidad entre grupos y/o individuos socialmente iguales, en la organización del trabajo y en la distribución de los productos;
- e) la redistribución igualitaria de los recursos y produtos, tangibles e intangibles, del mundo, entre la población mundial;
- f) la tendencia de asociación comunal de la población mundial, en escala local, regional, o globalmente, como el modo de proccción y gestión directas de la autoridad colectiva y en ese preciso sentido, como el más eficaz mecanismo de distribución y redistribución de derechos, obligaciones, responsabilidades, recursos, productos, entre los grupos y sus individuos, em cada ámbito de la existencia social, sexo, trabajo, subjetividad, autoridad colectiva y co-responsabilidad en las relaciones con los demás seres vivos y otras entidades del planeta del universo entero. (p. 30).

A América Latina foi a primeira identidade histórica da colonialidade do poder e, por consequência, a sua população foi colonizada, racializada e *indigenizada*. Por este motivo, não é surpresa identificá-la como “precursora” no caminho da (des)colonialidade do poder. Tal movimento pode ser identificado com a “[...] propuesta de Bien vivir [que] provenga, en primer término, del nuevo movimiento de los <indígenas> latino-americanos (QUIJANO, 2014, p. 30). Assim, a

América Latina y la población <indígena> ocupan, pues, un lugar basal, fundante, en la constitución y en la historia de la colonialidad del poder. De allí, su actual lugar y papel en la subversión epistémica/teórica/histórica/estética/ética/política de este patrón de poder em crisis, implicada en las propuestas de des/colonialidad global del poder y del Bien vivir como una existencia social alternativa. (QUIJANO, 2014, p. 31).

A proposta do *Bien vivir* inicia com Guaman Poma de Ayala (Perú, 1550-1616), com sua crônica *Nueva crónica y buen gobierno* em que

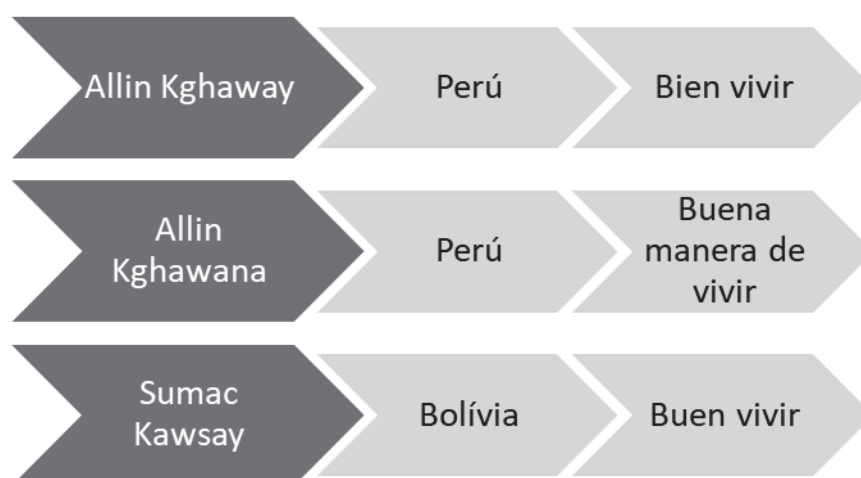
Ele mostrou as contradições da modernidade e suas práticas ancoradas no catolicismo, identificando os males trazidos pela colonização espanhola sobre seu povo. (STRECK; ADAMS, 2012, p. 250).

Tal movimento é um debate amplo realizado no novo movimento da sociedade, mais precisamente da população da América Latina, sendo a resistência

mais antiga do continente sul contra a colonidade do poder (QUIJANO, 2014). Dessa forma, o *Buen vivir* é compreendido no sentido de uma forma de existência social alternativa, como uma (des)colonialidade do poder.

É interessante observar o quadro abaixo, de uma perspectiva meramente linguística, mas que demonstra uma diversidade de cultura, sobre o conceito de *Bien vivir*.

Figura 11: Bom viver e suas diferenças linguísticas



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Quijano (2014).

Mais do que uma mulher “delicada”, *Anacaona* teve grande importância na história desse povo, bem como na representação de mulheres como “chefes” no poder, pois foi chefe dos Maguana e dos Jaragua, conforme será anunciado adiante.

### 6.1 Os conflitos e Anacaona como chefe

Em meados de 1500, a República Dominicana era dividida em cinco estados: Marién, Maguá, Maguana, Higüey e Jaragua. Assim, para visualizar, geograficamente, as tribos em que se passa o poema épico *Anacaona*, a imagem abaixo auxiliará a localizar e entender as disputas pelos espaços, sendo Jaragua a mais cobiçada.

Figura 12: Mapa da ilha



Fonte: Google imagens<sup>36</sup>.

Cada um dos estados foi liderado por um chefe ou uma chefe, sendo partes estratégicas comandadas por subchefes. Para compreender quem eles eram e outras informações importantes na construção macro do poema *Anacaona*, foi elaborado o quadro seguinte:

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://historiadesantodomingo.com/index.php/chapter4/political-organization>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Quadro 8: Informações dos estados

Marién	Jaragua	Maguana	Magua	Higuey
Cobria todo o nordeste da ilha, o que é hoje o Môle St. Nicolas, Haiti, até as margens do rio Yaque del Norte na área de Monte Cristi da República Dominicana. Foi subdividido em 14 nitainatos (sub-chefes) e <b>Guacanagari</b> foi seu principal cacique.	Cobria a parte sudeste da ilha, da área de Anse d'Hainault, Hait, cruzou a cordilheira de Neiba e perto da Baía de Neiba, República Dominicana. Foi subdividido em 26 nitainatos e <b>Bohechío</b> foi seu cacique.	Localizado no centro da ilha, provavelmente começou em torno de Santiago, cobrindo a área sul do Cibao, e o vale de San Juan de la Maguana, até o mar do Caribe. Foi subdividido em 21 nitainatos e foi governado por <b>Caonabo</b> .	De Monte Cristi, através da cordilheira, cobria toda a área noroeste até o cabo Samana. No sul, teria terminado entre as áreas da Yamasa e Monteplata. A zona Ciguayo-Macorix cobria o rio San Juan, Nagua e Samana. Ele também tinha 21 nitainatos e foi governado por <b>Mayobanex</b> .	A fronteira norte começou na foz do rio Yuna: a leste, a partir da área de Monteplata e Santo Domingo, cobrindo toda a parte sudeste da ilha. Tinha 21 nitainatos e foi governado por <b>Cayacoa</b> .

Fonte: Traduzido do inglês para o português do site Historia de Santo Domingo<sup>37</sup>.

Em seguida, estes estados aparecerão na análise, trazendo a história da República Dominicana, anunciando os acontecimentos do país.

Os guerreiros de *branca faz* ocupavam a ilha de *Garavuy* e viviam como *caciques de esas tierras*. Não pagavam nenhum tributo e colocavam em prática suas investidas com crueldade, conforme pode ser identificado na instância abaixo:

viven como *caciques*  
y a **nadie** tributo dan,  
y su **poder entronizan**  
con **ruda saña fatal**,  
y el **oro** del indio **abarcan**  
y **atropellan sin piedad**. (p. 256).

Com a imposição dos espanhóis, a tribo Maguana, sob a liderança de Caonabo, inicia seu ataque aos *guerreros de faz branca*

**Gritos de muerte** cruzan los aires,  
cercan los indios la **Navidad**,  
**ardientes llamas** al cielo suben,  
todo es **horrores, ruina mortal**.

<sup>37</sup> Tradução realizada pelo autor.

Disponível em: <<https://historiadesantodomingo.com/index.php/chapter4/political-organization>>. Acesso em: 05 jan. 2019.



Entre el incendio desatentado  
corre el **intruso dominador**.  
pero le cercan **flechas agudas**  
que van certeras al **corazón**. (p.259).

O dominador intruso, anunciado por Salomé Ureña, estava em busca de território, das belezas naturais e da matéria-prima dos índios, como o ouro. Esta lógica de exploração e invasão começou na colônia e foi deixando heranças, as quais foram sendo “passadas” e repetidas ao longo dos tempos. Assim, a imposição e a exploração ganham níveis diferentes e atingem às mulheres, os homens e o planeta como um todo, considerando que esta lógica dominante vai sendo direcionada e repetida em outros âmbitos – movimento cíclico, fazendo com que o resto do universo sofra as investidas, o que pode acabar com a beleza natural do país, como foi mencionado no início do capítulo.

Conforme pode ser identificado no que Quijano (2014, p. 27) aponta

Es al amparo de esa mistificación metafísica de las relaciones humanas con el resto del universo, que los grupos dominantes del *homo sapiens* en la colonialidad global del poder, en especial desde la <revolución industrial>, han llevado a la especie a imponer su hegemonía explotativa sobre las demás especies animales y una conducta predatoria sobre los demás elementos existentes en este planeta.

Dessa forma, pode-se evidenciar uma das partes mais obscuras da prática colonial, pois com essa perversidade

[...] cada vez más feroz y predatoria, que termina poniendo em riesgo no solamente la sobrevivencia de la especie entera en el planeta, sino la continuidad y la reproducción de las condiciones de vida, de toda vida, en la tierra. Bajo su imposición, hoy estamos matándonos entre nosotros y destruyendo nuestro común hogar. (QUIJANO, 2014, p. 26).

Segundo Quijano (2014), a nova resistência e a (des)colonialidade do poder começa no final do século XX, momento em que “[...] las víctimas de dicho patrón de poder, tenían comenzado a resistir a esas tendencias, en virtualmente todo el mundo” (p. 28). Com esse movimento, percebeu-se que a resistência não seria apenas pela subalternização de um povo, mas de sua própria sobrevivência (QUIJANO, 2014).

De ese modo, la defensa de la vida humana, y de las condiciones de vida en el planeta, se va constituyendo en el sentido nuevo de las luchas de resistencia de la inmensa mayoría de la población mundial. Y sin subvertir y desintegrar la colonialidad global del poder y su capitalismo colonial/global hoy en su más predatorio período, esas luchas no podrían avanzar hacia la producción de um sentido histórico alternativo al de la colonialidad/modernidade/eurocentrada. (QUIJANO, 2014, p. 29).

Dessa forma, a resistêcia, que agora é também pela sobrevivência, instalou o que Quijano (2014) diz ser a (des)colonialidade do poder, que é o ponto de partida para a superação de todas as formas de dominação da existência social. Assim, o *Bien vivir*, com a proposta de uma nova existência social. Como um início dessa resistêcia, alguns séculos antes, Caonabo foi o primeiro a enfrentar os espanhóis, destruindo *Navidad* que ficava ao norte da ilha Maguana. Com a vitória de Maguana “[...] ufano de su victoria de Maguana el héroe va, y el indio cruza las selvas cantando su libertad” (p. 260), cruzando as florestas em busca de seu lar onde a glória e o amor o esperam com ansiedade. A glória esperada é a festa e a recepção dos índios da tribo que lhe “[...] tributan honores, y al suelo inclinan la faz, y el conducen en coro con regia pompa triunfal” (p. 260); e o amor é a representação da República Dominicana: a Flor Dourada e a digna esposa real da beleza reluzente, *Anacaona*, que o recebe

moviendo palmas y plumas,  
perfumándole al pasar,  
y cantando con su voz dulce,  
en armonioso compás. (p. 261).

Após a guerra com os espanhóis, que estavam em *Navidad*, a tribo Marién dá refúgio para os *guerreros de branca faz*, tendo em vista que foi a primeira a receber Colombo e a ser convertida ao cristianismo.

La tribu incauta y alucinada  
que en sus confines guarda *Marién*,  
con su *cacique* vuela al socorro  
del torpe **aliado de alma sin fe**. (p. 259).

Com o auxílio de Marién, os espanhóis e os guerreiros da tribo invadem *Niti* – espaço que fica na ilha de Caonabo, em busca da conquista de parte de Maguana, e uma nova batalha acontece entre as tribos e os espanhóis

Y parten del arco las flechas agudas,  
redoblan los ecos de muerte el clamor,  
resisten de Iberia las huestes sañudas,  
y el indio batalla con firme valor. (p. 264).

Caonabo é capturado pelos espanhóis e colocado dentro de sua *grande canoa* (como *Anacaona* chamava os navios dos invasores), mas ele não aguenta a viagem e morre.

Mas en su fuerte *grande canoa*  
cruzó los mares el *arjuna*,  
y mi Caonabo fué sin fortuna  
llevado lejos a otra región.  
Corrí a la playa, del mar desierto  
miré tendidas las aguas solas,  
y al verme alzaron tristes las olas  
hondo murmullo sollozador. (p. 290).

Depois da morte de Caonabo, *el cacique fuerte de la Maguana*, seu marido e governador de Maguana, Anacaona torna-se sua sucessora, começando sua trajetória de chefa:

Así parece inânime  
**el héroe de Maguana**,  
el **enemigo** acérrimo  
de la invasión **hispana**,  
el lidiador valiente  
que de su hogar **ausente**,  
de torpe engano víctima,  
**su espíritu rindió**.  
Con um murmullo fúnebre  
Las olas se entreabrieron,  
y em sus profundos âmbitos  
el cuerpo recibieron,  
y el sol desde se cumbre  
con amorosa lumbre  
sobre esa **tumba líquida**  
**sus rayos extendió**. (p. 286).

Doris Sommer (2004) chama a atenção para as narrativas latino-americanas do século XIX que representam através de pares amorosos – como Iracema e Martin de *Iracema* de José de Alencar – o casamento do colonizador com a mulher ameríndia. No poema de Salomé Ureña, de forma semelhante, Quisqueya funde espaço e mulher, tornando a República Dominicana, por extensão, como espaço idílico e uma voz de resistência.

Región **encantadora**,  
 vergel de los **amores**  
 que guarda los primores  
 del **primitivo edén**.  
 En sus amenos campos  
 la paz de la **existencia**  
 sencilla la **inocencia**  
 gozar pudo también. (p. 242).

Em seguida, Anacaona torna-se líder de Jaragua, que é o maior estado da ilha situada ao oeste, após a morte de seu irmão Bohechío:

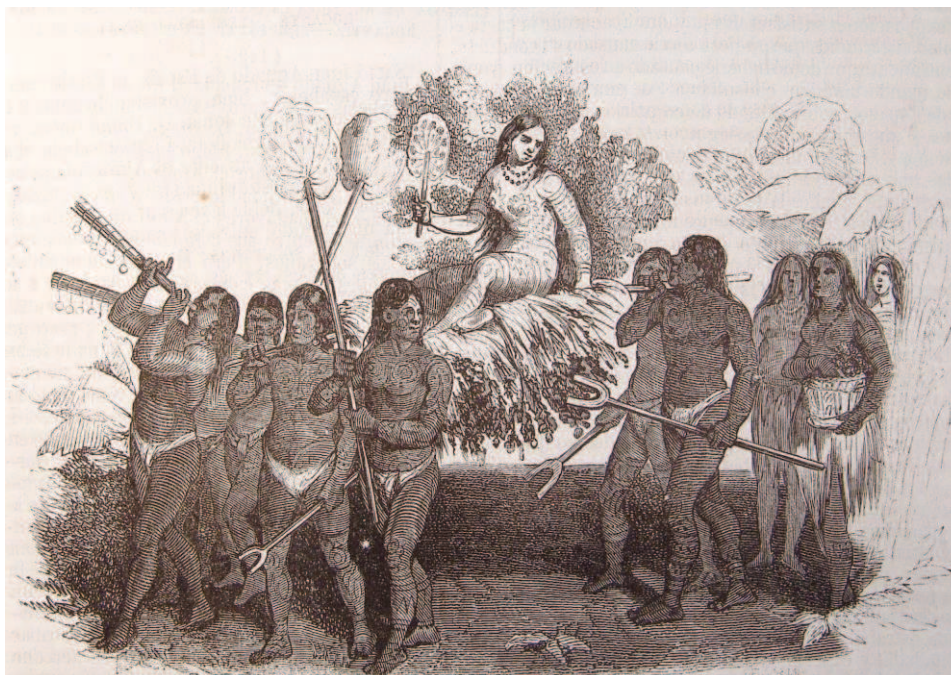
languideció su alma,  
 vió dilatar-se el porvenir sombrío,  
 y paz buscando y perdurable calma  
 pidió al sepulcro su descanso frío.  
 Bohechío el soberano,  
 el *gran cacique* descendió a **la tumba...**  
**ya no respira el venerable anciano...**  
 su nombre sólo con amor retumba. (p. 301).

Tanto poder, agora chefe dos Jaragua e dos Maguana, ela chama a atenção de *Guamiquina* – nome dado ao Colombo pelos índios – e de Nicolás de Ovando – Governador em 1501 das Índias pela Coroa espanhola. Esses espanhóis, segundo Salomé Ureña, eram:

[...] **sin conciencia**  
**con crímenes y con sangre**  
 su vasto imperio cimenta.  
 Ya todos los **cacicazgos**  
 por la astucia o por **la fuerza**,  
 va sometiendo a su yugo  
**con arrogante soberbia**. (p. 293).

Com isso, é possível perceber a desvinculação das tarefas de mulheres que pertencem a alguma tribo. Nessa perspectiva, a índia contribui para a (des)colonização do ser mulher sendo uma chefe de uma tribo, tendo em vista que o papel feminino, na cultura indígena, centra-se no cuidado com a comida, as crianças, o plantio e a colheita.

Figura 13: Anacaona chefa



Fonte: Fondo Antigo de la Biblioteca de la Universidad de Sevilla<sup>38</sup>.

Anacaona rompe com a lógica, pois sua posição

nos remite a la dimensión ontológica de la colonialidad, en especial cuando seres particulares — bajo las dinámicas y discursos de poder con los que cuentan— se imponen sobre otros seres. El ser es entendido ya no como una entidad universal y neutra, sino como una categoría ontológica concreta que desde el pensamiento occidental y a partir de la conquista, impuso la superioridad y diferenciación de unos seres sobre otros. (WALSH, 2013, p. 99).

Mesmo com as atitudes violentas e de exploração dos espanhóis, Anacaona manteve a “paz” para que seu povo ficasse a salvo.

[...] olvida la grey incauta,  
que **alegre** torna a sus juegos,  
a sus **cantares y danzas**,  
porque **ignora** en su **inocencia**  
la historia de la **desgracia**. (p. 249).

No entanto, Ovando acreditava que Anacaona, em segredo, planejava um golpe contra ele.

<sup>38</sup> A foto está disponível na plataforma Flickr no perfil da Universidade de Sevilla. Disponível em: <<https://www.flickr.com/people/37667416@N04>>.

**Ovando, el jefe** inicuo  
de **entrañas de fiera**,  
extiende **su dominio**  
**fatal sobre Quisqueya**  
y quiere que **hasta el último**

**indígena perezca**,  
y un solo pensamiento  
sus sueños atormenta:  
**dar muerte a los caciques**  
que aun el **poder conservan**.  
Mas, ¿cómo de *Jaragua*  
en la apacible reina  
podrá su cruda saña  
pretexto hallar siquiera?  
De su tenaz vigilia  
es ese único tema;  
mas no por largas horas  
a **fatigarse llega**:  
las **almas sanguinarias**  
motivos mil encuentran  
para ejercer terribles  
**su furia carnicera**. (p.319).

Ovando convoca os caciques das tribos para uma reunião para acabar com o poder que os índios ainda conservavam, assim como anuncia Salomé Ureña na poesia. Então o espanhol, com sua fúria carniceira, prende os chefes e com um ataque fatal sobre Quisqueya – um “[...] voraz incendio se levanta y [...] reunidos los *caciques* tributários, sin que uno solo su existencia logre [...] un mar de sangre” (p.323) – que mata todos os caciques, deixando apenas Anacaona viva, a qual presencia todo o sofrimento dos chefes.

Anacaona sofre com esse ataque que “extremece todas sus fibras, todo su ser” (p.325), mas mesmo com esse acontecimento, a índia “concedió a la injuria magnánimo perdón” (p.326).

A nobre cantora indígena não estava nesse mar de sangue, mas após o assassinato dos caciques pelo espanhol, ela é assassinada:

De la espaciosa plaza **donde a morir la guían**  
ya tocan los esbirros **el término fatal**:  
la multitud se apiña por ver como sucumbe  
**la víctima real**.  
Entonces cual asiando gozar Anacaona  
**la paz en outra vida** que su alma vislumbró,  
el cuello delicado de formas peregrinas  
al lazo presentó.  
**Tristísima una nube cruzó la azul esfera**



cubriendo con sus velos la luz del nuevo sol;  
después... a sus desvelos cumplida celebrada  
su hazaña el español. (p.326).

A partir desses acontecimentos e da história de Anacaona, é possível identificar traços da identidade do índio e da República Dominicana. O poema épico, que sempre foi uma tradição hegemônica de autoria masculina – Homero, Virgílio, Camões – ganha espaço na escrita da poetisa. Com isso, é importante salientar que uma mulher na escrita do épico contribui para o movimento contra-hegemônico no que diz respeito à (des)colonização do saber, pois ela

[...] nos permite comprender el complejo y sistemático proceso de subalternización de memorias que, en tanto portadoras de conocimientos, fueron suprimidas o invisibilizadas a partir de la implementación del orden moderno-colonial. (WALSH, 2013, p. 44).

Além disso, esse épico não traz a exaltação do herói vencedor, mas justamente a dificuldade do vencido – Anacaona – representando, por extensão, o duro processo colonizador imposto às colônias latino-americanas, o que Salomé Ureña traz, em certa medida, em sua escrita poética para relatar o quase inexplicável perdão do índio.

Com isso, não é preciso muito esforço para entender e compreender que o dominicano é um povo que sofreu com a invasão e a exploração espanhola. Sendo a primeira América “descoberta”, Anacaona pode, por metonímia, representar toda a América conquistada e colonizada por espanhóis e portugueses. O difícil processo de independência e a dependência cultural e econômica continuada são expostos em contraposição à existência de figuras, como Anacaona, que podem ser heróis dos seus países.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A suposição de que os homens eram identificados como detentores do saber, possibilitou que eles fossem mais estudados, publicados e reconhecidos. Salomé Ureña de Henríquez y Carvajal com seu poema épico *Anacaona* nos mostra que as mulheres produzem e escrevem tanto quanto os homens. A autora, com a escrita desse gênero, nos brinda com a (des)colonização do saber, do poder e do ser, pois ela, enquanto mulher com todos os “papeis destinados” e taxados como sendo de mulheres (igreja, casa, filhos e marido) daquele tempo, (des)constrói essa lógica, colocando-a à frente de seu tempo. Uma mulher-mãe-professora-escritora-mestiça-latino-americana nos mostra que as experiências de intelectuais desse continente são uma possibilidade de pensar por nós mesmos, de romper com as lógicas de dominação e de opressão – norte x sul, homem x mulher.

*Anacaona* mostra uma visão do que foi a invasão, a dominação e as violências dos espanhóis na República Dominicana e, com isso, a resistência do povo que vivia na “primeira América descoberta”, tendo em vista que o país foi a primeira parada dos invasores. Com o poema é possível identificar questões inerentes relacionadas à América Latina, principalmente, a marca de lutas sociais, conforme aponta Ianni (1993). O épico de Salomé Ureña traz contribuições para a educação latino-americana, no que se refere à (des)colonialidade a) do ser; a posição da personagem *Anacaona* como chefe das tribos, mostrando que a mulher pode, assim como o homem, liderar e ser reconhecida pelos seus feitos; b) do saber, sendo Salomé Ureña uma mulher escrevendo um épico, tendo em vista que este gênero é majoritariamente reconhecido como do homem e da subalternização e da inferiorização da mulher na história e na literatura; c) do poder, tendo em vista que a América Latina é caracterizada e identificada com uma história de lutas sociais, pode-se dizer que o personagem Caonabo foi o primeiro a enfrentar os espanhóis, destruindo Navidad que ficava ao norte da ilha Maguana, uma ação de oposição às investidas e às tentativas de conquista dos espanhóis, sendo um movimento (des)colonização do poder, como uma resistência ao poder dos povos do norte.

As contribuições de Salomé Ureña vão além das formas de (des)colonização do ser, do poder e do saber, pois, mesmo não sendo o objetivo da dissertação,



identificou-se em suas poesias<sup>39</sup>, nas seções *A la patria*, *Páginas Íntimas* e *Varia*, o poder da palavra e o anseio pelo progresso e futuro da República Dominicana, anunciando a importância dos jovens e das meninas na transformação do país, que estava em *Ruínas*.

Assim, a obra poética de Salomé Ureña está centrada na luta pela justiça social, principalmente, na constituição do *Instituto de Señoritas* que proporcionou o ingresso de mulheres no ensino superior, formando-as *maestras*; na tentativa do distanciamento de condições domésticas e de devoção impostas às meninas e mulheres daquele tempo; na busca pela libertação de um povo oprimido que sofreu com a invasão em suas terras dos povos do norte, que ocorre através do poema épico *Anacaona*, em que o movimento contra-hegemônico de (des)colonialidade de ser, de saber e do poder aparece em oposição às investidas e às violências dos espanhóis; e na visibilidade de mulheres escritoras do gênero épico, que é identificado genuinamente como gênero destinado aos homens.

Além disso, é importante dizer que o movimento de mulheres no século XIX é de grande importância, considerando as pautas e as conquistas dessas intelectuais, cada uma em seu país. Essas escritoras realizaram a constituição de espaços educativos para meninos e meninas, e a abertura de jornais e revistas para que mulheres fossem publicadas, valorizadas e visibilizadas.

A dissertação teve como premissa trazer as contribuições para a educação latino-americana, mas também dar visibilidade a Salomé Ureña e outras autoras do século XIX. Salienta-se a necessidade de mais trabalhos sobre estas mulheres, pois elas foram/são invisibilizadas e existem diversas outras figuras femininas perdidas, esquecidas ou ignoradas na academia, na educação e na literatura que podem contribuir no mundo.

---

<sup>39</sup> Consta uma tabela com as informações dessas seções no capítulo 1, as quais mostram o pensamento filosófico da poetisa, sua presença tardia no romantismo e as pessoas importantes na sua vida pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA DE SAMPER, Soledad. **La mujer en la sociedad moderna**. París: Garnier Hermanos, 1895.
- ACOSTA DE SAMPER, Soledad. **La mujer**. Bogotá: Imprenta de Silvestre & Compañía. Tomos I, 1880.
- ADAMS, Telmo. Gabriela Mistral e a educação das nossas crianças. In: STRECK, Danilo R. (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010, p. 211-229.
- ADAMS, Telmo; MORETTI, Cheron. Fontes da Educação Popular e da pesquisa participativa na América Latina: epistemologias ao sul da colonialidade do conhecimento. In: **Educação Realidade**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, 2011.
- ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo R. **Pesquisa participativa, emancipação e (des) colonidade**. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- ADORNO, Theodor W. **Teoría estética**. Madrid: Taurus Ediciones, 1980.
- ALVARES, Júlia. **Em nome de Salomé**. Rio Janeiro: Rocco, 2003.
- ARAÚJO, Nara. Apresentação. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Santa Cruz: Editora Mulheres, 2000, p.13-17.
- ARBELÁEZ, Olga. **Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper**. **Estudios de literatura colombiana**, n. 38, 2015, p. 57-76.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARGETZ, Brigitte. The Politics of the Everyday: A Feminist Revision of the Public/Private Frame. In: **Reconciling the Irreconcilable**, ed. I. Papkova, Vienna: IWM Junior Visiting Fellows' Conferences, vol. 24, 2009.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?**. Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo: T.A Queiroz, 1988.
- CALDERÓN, Eleuterio Ferreira. **Las competencias de acceso y gestión de información en la formación de los maestros en la República Dominicana: caso Instituto Superior de Formación Docente Salome Ureña (ISFODOSU)**. Tese de doutorado. Murcia: 2015.
- RIO, Ana Carla Carneiro; JÚNIOR, Antonio Fernandes. Uma autora que não ousa assinar o próprio nome: discurso e autoria em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Revista da ABRALIN**, v.15, n.2, p. 121-145, 2016.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia Lisboa; PREHN, Denise (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-38.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: Sociedade de Teologia e Ciência da Religião – SOTER. **Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas**. Belo Horizonte, 2003.

DEMORIZI, Silviera R. de Rodríguez. **Salomé Ureña de Henríquez**. Buenos Aires: Cielonaranja, 1944.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Santa Cruz: Editora Mulheres, 2000, p.175-193.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências Frankfurt**. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.55-77. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>.

ESCOBAR, Arturo. La problematización de la pobreza: La fábula de los tres mundos y el desarrollo. In: **La invención del Tercer Mundo**. Fundación Editorial el perro y la rana. Venezuela, 2007, 47-100.

FRANCO, Jean. **Apuntes sobre la crítica feminista y la literatura hispanoamericana**. Hispanamérica, a. V, n.45, p.33, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GARGALLO, Francesca. **Las ideas feministas latinoamericanas**. México: Historia de las ideas, 2006.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

GERHARDT, Tatiana E. et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T.. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

GIL, Johnny Francisco Nieves. **La Formación Inicial de los Egresados de la Licenciatura en Educación Básica del Instituto Superior de Formación Docente Salomé Ureña**. Tese. Universidade de Murcia. 2015.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

IANNI, Octavio. **O Labirinto Latino Americano**. Petrópolis: Vozes, 1993.

JAMES, Selma; COSTA, Mariarosa Dalla. **El poder de la mujer y la subversión de la comunidade**. México: Siglo XXI, 1977.

JIMENES-GRULLÓN, Juan Isidro. **La República Dominicana (Análisis de su pasado y su presente)**. Santo Domingo: Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2004.

LAGARDE, Marcela y Los Rios. **El feminismo in mi vida: hitos, claves y topías**. México: Inmujeres DF, 2012.

LAGARDE, Marcela y Los Rios. **Los cautiveros de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas**. 4. ed. México: UNAM, 2005.

LAGE, Rodrigo Conçole. Vida e obra de Gabriela Mistral: uma ilustre desconhecida. In: **Revista Alpha**, n. 16, 124-136, 2015.

Leonardo Boff. Site. **A conjuntura atual em novo pontos**. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/04/09/a-conjuntura-atual-em-nove-pontos/>>. Acesso em 05 dez. 2018.

Leonardo Boff. Site. **A legitimação da cultura da violência pela pregação de Bolsonaro**. <<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/11/18/a-legitimacao-da-cultura-da-violencia-pela-pregacao-de-bolsonaro/>>. Acesso em 05 de dez. de 2018.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina, **Revista Brasil de Literatura**. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LOBO, Luiza. Juana Manso: Uma exilada em Três Pátrias Luiza Lobo. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-74, 2009.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. 3. ed. República Bolivariana de Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

MARTÍ, José. **Política de Nuestra América**. México. Ed. Siglo Veinteuno. 1984.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORENO, César Fernández (Cord.). **América Latina en su literatura**. 10. ed. Serie América Latina en su Cultura. México: Siglo XXI editores – UNESCO, 1986, p. 401-403.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Santa Cruz: Editora mulheres, 2000.

PATTEE, Ricardo. **La república dominicana**. Madrid: Cultura Hispánica, 1967.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Gráficas y Servicios, 2000, p.246.

QUIJANO, Aníbal. **Des/colonialidad y bien vivir**. Un nuevo debate en América Latina. Universidad Ricardo Palma – Cátedra América Latina y la Colonialidad del Poder: Editorial Universitária. 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/293599856/Descolonialidad-y-Bien-Vivir-Anibal-Quijano-Ed>>. Acesso em 15 set. 2018.

RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o Épico**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

RAMÍREZ, Dixa. Salomé Ureña's Blurred Edges: Race, Gender, and Commemoration in the Dominican Republic. **The Black Scholar**: vol. 45, n. 2, 45-57.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**. Rio de Janeiro: Almedina, 1968.

RODRÍGUEZ, Wilda. **¿Revolución educativa? ¿Hostos?**. Jornal El Nuevo Dia. Disponível em: <<https://www.elnuevodia.com/opinion/columnas/revolucioneducativahostos-columna12206/>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

ROMÃO, José. Educação. In.: STRECK, Danilo R. et al. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.133-135.

ROSARIO, Marcelina Piña del. **Formación de Docentes en Matemáticas Caso de las Licenciaturas en Inicial y Primaria del ISFODOSU, República Dominicana**. Tese. Universidad de Murcia. 2015.

ROSEMBERG, F. Educação: mulheres educadas e a educação de Mulheres. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 334-381.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALVATORE D'ONÓFRIO. **Da Odisséia ao Ulisses**: Evolução do gênero narrativo. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1990.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Descentramentos convergências**: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2017.

SEVILLANO, Ana Belén Martín. Género y “racialidad” en la esfera pública: del asociacionismo a la producción cultural en el Caribe insular hispano. In: **Canadian**

**Journal of Latin American and Caribbean studies**, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08263663.2014.978153?journalCode=rclc20>>. Acesso em: 04 de jun. de 2018.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia**. MÉTIS: história & cultura – v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002.

STAIGER. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo; MORETTI, Cheron. Utopia cosmopolita na perspectiva do Sul: “escavando” uma pedagogia emancipadora. In: **Congreso Internacional Utopia: espacios alternativos y expresiones culturales en América Latina**, 2010a, México.

STRECK, Danilo R. ADAMS, Telmo; MORRETI, Cheron Zanini. Pensamento pedagógico em nossa América: uma introdução. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: Uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010b, p. 19-35.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.1, p.243-257, 2012.

STRECK, Danilo R. **José Martí & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TROMBETTA, Sergio; TROMBETTA, Luis Carlos. Ética. In: STRECK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.178-180.

POLANCO, García Patricio. Coincidencias temáticas y formales entre los poemas indigenistas de salomé ureña y josé joaquin pérez. **Ciencia y Sociedad**, v. 41, n. 3, 2016, p. 455-473.

UREÑA, Salomé de Henriquez. **Poesias completas**. 4. ed. Santo Domingo: Bellas artes y cultos, 1975.

VALDEZ, Juan. **Tracing Dominican Identity: the Writings of Pedro Henríquez Ureña**. PALGRAVE MACMILLAN: Nova Iorque, 2011.

VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Santa Cruz: Editora Mulheres, 2000, p.228-249.

VILLANOVA, Augusto Sención. **Historia dominicana: desde los aborígenes hasta la Guerra de Abril**. Santo Domingo: Editora Alfa & Omega, 2010.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad**: Perspectivas críticas y políticas. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/viewFile/3412/1511>>. Acesso em: 04 de jun. de 2018.

WOOLF, Virginia. Women in fiction. In: **Collected essays**. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., v. 2, p. 141-148, 1929.